



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO INTEGRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**BETIANA DE SOUZA OLIVEIRA**

**DINÂMICAS SOCIAIS NA FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E  
A GUIANA FRANCESA: UM ESTUDO SOBRE OIAPOQUE, VILA VITÓRIA  
DO OIAPOQUE E CAYENNE**

**MACAPÁ**

**2011**

**BETIANA DE SOUZA OLIVEIRA**

**DINÂMICAS SOCIAIS NA FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E  
A GUIANA FRANCESA: UM ESTUDO SOBRE OIAPOQUE, VILA VITÓRIA  
DO OIAPOQUE E CAYENNE**

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto.

**MACAPÁ**

**2011**

**BETIANA DE SOUZA OLIVEIRA**

**DINÂMICAS SOCIAIS NA FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E  
A GUIANA FRANCESA: UM ESTUDO SOBRE OIAPOQUE, VILA VITÓRIA  
DO OIAPOQUE E CAYENNE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

**Avaliado em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Data da Aprovação:**

**14/04/2011**

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto**  
Orientador (UNIFAP)

---

**Prof. Dr. José Alberto Tostes**  
Membro (UNIFAP)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Françoise Grenand**  
Membro (Institut de la Recherche pour le Developpement – IRD/Guyanne Française)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que a fonte seja citada.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá**

Oliveira, Betiana de Souza

Dinâmicas sociais na fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa: um estudo sobre Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne / Betiana de Souza Oliveira; orientador Manoel de Jesus de Souza Pinto – Macapá, 2011.

124 f.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional, 2011.

1. Dinâmicas sociais. 2. Fronteira. 3. Migrações clandestinas. I. Pinto, Manoel de Jesus de Souza, orient. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD. 22.ed. 360

A Deus que iluminou meus passos para concretização deste trabalho, que significa a realização de um sonho.

Dedico este trabalho de maneira especial a todos os trabalhadores migrantes da fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa.

Dedico especialmente a meu esposo Raimundo, companheiro de todas as horas, que desde a graduação sempre me incentivou na busca de meus objetivos, por seu amor, paciência e compreensão durante a pesquisa de campo em que tive de estar ausente de casa. Ao nosso filho (a) maior presente de Deus nestes anos de caminhada, e que infelizmente o perdi no segundo mês de gravidez.

Às minhas sobrinhas: Aimeé Vitória que no ano de 2009 me ensinou através de seu sofrimento e superação que a vida é um milagre que se conquista a cada dia. A sua irmã Tainã Inaê (*in memoriam*) que tinha apenas 4 meses de vida e nos deixou em novembro de 2009.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto que com sua modéstia e simplicidade conseguiu despertar em mim o interesse em trabalhar esta temática desde a graduação; e também a sua esposa Cristina e sua filha Manuela pela gentileza e acolhida em sua casa nos momentos em que surgiram dúvidas e questionamentos, e precisei de sua orientação para a conclusão deste trabalho.

Em especial à dona da casa em que me estabeleci em Cayenne, onde mora com seu filho e com seu companheiro, a todos minha eterna gratidão pela acolhida. Ela inclusive intermediou algumas entrevistas com brasileiros na capital da Guiana Francesa.

A todos os professores do PPGDR, especialmente aos professores: Arley Costa, Marinalva Oliveira, Antonio Filocreão, Ricardo Ângelo pela oportunidade ímpar de participar de suas disciplinas. De maneira particular ao Prof. José Alberto Tostes que além de participar em sua disciplina, me convidou a participar juntamente com seu grupo de pesquisa do Plano Diretor Participativo em Oiapoque.

Ao Professor Amaral Assunção por suas observações valiosas durante a defesa do projeto de qualificação.

Ao Professor Jadson Porto que além de observações durante a defesa do projeto de qualificação, indicou vários referenciais teóricos sobre a Guiana Francesa.

À Professora Norma Iracema que com profissionalismo, gentilmente me auxiliou e fez observações valiosas para a versão final desta dissertação.

Aos colegas da turma do Mestrado 2009, pelo carinho e amizade, de maneira especial ao colega Ary que enfrentou durante o curso problemas de saúde, deixando uma lição de vida por sua coragem, sabedoria e capacidade de superação neste momento de prova. Assim como ao colega Fernando Castro pela gentileza em colaborar na fase final para a formatação deste trabalho.

Ao Sr. José Olímpio Dias diretor do Departamento de Interiorização da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) por conceder auxílio quanto às passagens rodoviárias em alguns momentos para realizar a pesquisa de campo no município de Oiapoque.

À minha família, irmãos e irmãs, em particular meus pais: Manoel e Socorro que me ensinaram que todo conhecimento adquirido só é válido quando o valor da vida se sustenta no amor e no respeito mútuo.

À amiga de longas datas, Suzana pelo carinho, amizade e incentivo desde a graduação.

À amiga Christianni Lacy, minha eterna gratidão pela amizade e companheirismo nas viagens a campo, e ainda por suas sugestões e observações valiosas para finalização deste trabalho.

À minha cunhada Fátima, seu esposo Matos e seus filhos Rosana, João Carlos, Raiane de minha eterna gratidão, principalmente pela acolhida ao meu esposo quando estive ausente de casa para realizar a pesquisa de campo.

À amiga Marinete por sua amizade desde a graduação, e por me oportunizar reviver uma parceria antiga, através da publicação de dois artigos no ano de 2010 que muito contribuíram para o referencial teórico deste trabalho.

Ao colega Márcio Rafael que me auxiliou na pesquisa de campo no Bairro de Vila Vitória do Oiapoque.

Aos bolsistas que me acompanharam na escola em que leciono, do Programa Instituição de Iniciação à Docência (PIBID), de maneira particular ao Rilton e Gilmar por sua competência e dedicação ao projeto.

À proprietária do Hotel Amazonas em Oiapoque pelo carinho e receptividade, intermediando inclusive entrevistas valiosas para a composição deste trabalho.

À Prefeitura Municipal de Oiapoque que subsidiou este trabalho com algumas informações que muito contribuíram para esta dissertação e ainda pelo apoio logístico para ida ao bairro Vila Vitória de Oiapoque para fazer a pesquisa de campo.

Ao Presidente e vice-presidente da Associação de Moradores do Bairro de Vila Vitória do Oiapoque pela acolhida e pela colaboração para realização da pesquisa de campo.

À mestrandia Lidiane Rodrigues por disponibilizar de seu arquivo pessoal informações sobre a migração para a Guiana Francesa.

À Professora Ovídia, Ivanete e Ivanilde que trabalham comigo na Escola onde leciono, pelo carinho e amizade, e ainda pelo incentivo e apoio em todos os momentos deste trabalho.

À Polícia Federal de Oiapoque que através de seu setor de migração forneceu dados quantitativos valiosos para a composição deste trabalho.

Aos colegas pesquisadores que atuam no IRD (*Institut de la Recherche pour le Developpement*) na cidade de Cayenne: Madeleine Boudoux, Françoise Grenand, Pierre Grenand e Frédéric Piantoni pela recepção e acolhida em nossa visita ao instituto, durante nossa estadia na cidade de Caiena.

A todos, que na fase final desta dissertação não mediram esforços na formatação deste trabalho: Betania Suzuki, Régio e Socorro.

Para os habitantes do Primeiro Mundo - o mundo cada vez mais cosmopolita e extraterritorial dos homens de negócio globais, dos controladores globais da cultura e dos acadêmicos globais - as fronteiras dos Estados foram derrubadas, como o foram para as mercadorias, o capital e as finanças. Para os habitantes do Segundo Mundo, os muros constituídos pelos controles de imigração, as leis de residência, a política de “ruas limpas” e “tolerância zero” ficaram mais altos; os fossos que os separam dos locais de desejo e da sonhada redenção ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que tenta atravessá-las, revelam-se pontes levadiças. Os primeiros viajam à vontade, divertem-se bastante viajando (particularmente se vão de primeira classe ou em avião particular), são adulados e seduzidos a viajar, sendo sempre recebidos com sorrisos e de braços abertos. Os segundos viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente, às vezes pagando por uma terceira classe superlotada num fedorento navio sem condições de navegar, mais do que outros pagam pelos luxos dourados de uma classe executiva - e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegar. (BAUMAN, 1999, p. 97)

## RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é compreender as atuais dinâmicas sociais vivenciadas na faixa fronteira entre o Estado do Amapá e da Guiana Francesa: o estreitamento das relações transfronteiriças entre Brasil e França, e suas implicações, principalmente no que tange ao asfaltamento da BR-156 e à construção da ponte binacional, analisando os impactos sociais, causados pelo intenso fluxo migratório em direção a essa região. Os locais escolhidos para a realização da pesquisa de campo foram: Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne, e utilizaram-se procedimentos metodológicos qualitativos via observação de campo e entrevistas, e quantitativos na coleta de dados primários e na formulação do perfil do trabalhador pesquisado. As narrativas demonstram que a primeira viagem além do rio Oiapoque em direção ao território francês transforma-se em rito de passagem. Essa travessia coloca o rio Oiapoque como principal cenário. As experiências desses cidadãos sintetizam o desespero, a ansiedade, o medo e a coragem destes brasileiros, como que sinalizando suas escolhas que é de sobreviver em situações-limites na Guiana Francesa como trabalhador clandestino. O fato da Guiana Francesa fazer parte de um país desenvolvido e economicamente mais forte, parece ser suficiente para atrair esses trabalhadores. Ao chegarem para trabalhar no mercado de trabalho guianense, esses têm que assumir sua invisibilidade, sua inexistência, seu anonimato. Os depoimentos destes clandestinos revelam pessoas que vivem um paradoxo, entre a invisibilidade em território estrangeiro e o desemprego a que são submetidos no Brasil. A vida desses brasileiros na Guiana Francesa é de clandestinos imersos em clandestinidade.

**Palavras-chave:** Amapá. Guiana Francesa. Fronteira. Migração clandestina. Dinâmicas Sociais.

## RÉSUMÉ

L'objet d'étude de cette recherche est de comprendre les dynamiques sociales actuelles de la frontière entre l'État d'Amapá et la Guyane française: resserrement des relations transfrontalières entre le Brésil et la France, et ses implications, principalement en ce qui concerne le goudronnage de la BR-156 et construction du pont binational, en faisant l'analyse des impacts sociaux, causés par l'intensité du flux migratoire vers cette région. Les endroits choisis pour la recherche de terrain ont été: Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque et Cayenne. La méthodologie qualitative s'est basée sur l'observation du terrain et sur les interviews, et la méthodologie quantitative sur la collecte des données primaires et sur la formulation du profil du travailleur enquêté. Les récits démontrent que le premier voyage à partir du fleuve Oyapock vers le territoire français se transforme en rite de passage. Cette traversée fait du fleuve Oyapock le cadre principal. Les expériences de ces gens résument le désespoir, l'anxiété, la peur et le courage de ces Brésiliens, comme pour baliser leur choix qui est de survivre dans des situations limites en Guyane française comme travailleur clandestin. Le fait que la Guyane française fait partie d'un pays développé et économiquement plus fort, semble être suffisant pour attirer ces travailleurs. Quand ils arrivent sur le marché de l'emploi guyanais, ils doivent assumer leur invisibilité, leur inexistence et leur anonymat. Les témoignages de ces clandestins révèlent des personnes qui vivent un paradoxe, entre l'invisibilité en territoire étranger et le chômage dont ils sont victimes au Brésil. La vie de ces Brésiliens en Guyane française est l'immersion dans la clandestinité.

**Mots-clé:** Amapá, Guyane française, frontière, migration clandestine, dynamiques sociales.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Foto 1</b> - Situação da BR-156, no período das chuvas .....	26
<b>Foto 2</b> - A obra da orla de Oiapoque, que já se arrasta desde 2005 .....	31
<b>Foto 3</b> - Estrada do Km 7, um dos acessos à Vila Vitória, em condições precárias de tráfego .....	34
<b>Foto 4</b> - De catraia, pelo rio Oiapoque, também é possível chegar até o Bairro de Vila Vitória .....	34
<b>Foto 5</b> - Morador de Vila Vitória exhibe celular, com bônus, para falar com o território francês .....	36
<b>Foto 6</b> - Visão dos moradores de Vila Vitória (BR) em relação a Saint George(GF) .....	41
<b>Foto 7</b> - Visão dos moradores de Saint George (GF) em relação à Vila Vitória do Oiapoque (BR) .....	41
<b>Foto 8</b> - Guianenses chegando ao Porto de Oiapoque, durante a Feira Internacional de Oiapoque .....	43
<b>Foto 9</b> - Guianenses retornando para cidade Saint Georges durante a Feira Internacional de Oiapoque .....	43
<b>Foto 10</b> - <i>Village Bambou</i> , habitações construídas para os Guianenses e hoje é ocupada por estrangeiros .....	44
<b>Foto 11</b> - Habitações atuais dos guianenses na cidade de Saint Georges .....	45
<b>Foto 12</b> - Bairro da Matinha em Cayenne .....	46
<b>Foto 13</b> - Fonte coletora de água a cartão do bairro da Matinha em Cayenne .....	47
<b>Foto 14</b> - I Encontro Internacional Transfronteiriço, realizado na cidade de Oiapoque .....	51
<b>Foto 15</b> - Obra da Ponte Binacional. Lado brasileiro .....	54
<b>Foto 16</b> - Obra da Ponte Binacional. Lado francês .....	54
<b>Foto 17</b> - Paisagem urbana de Oiapoque .....	55
<b>Foto 18</b> - Catraia ou voadeira: transporte mais usual na fronteira .....	58
<b>Foto 19</b> - Amapaense, 37 anos, motorista de <i>Navette</i> , chegou à fronteira na década de 90 e mora em Cayenne .....	65
<b>Foto 20</b> - Matinha, área de invasão de brasileiros em Cayenne .....	67
<b>Foto 21</b> - Movimentação diurna de um dos trapiches na orla do Oiapoque .....	69
<b>Foto 22</b> - Catraieiro associado que realiza travessia entre Oiapoque e Saint George .....	80
<b>Foto 23</b> - O caminhão despeja o lixo e os catadores retiram o que é aproveitável .....	83
<b>Foto 24</b> - Abrigo dos catadores à espera do caminhão de lixo, dentro do <i>Lojão</i> .....	83

<b>Foto 25</b> - Catador baixa a cabeça, no momento da foto, temeroso em ser identificado .....	84
<b>Foto 26</b> - Orla do rio Oiapoque, local de espera para travessia .....	90
<b>Foto 27</b> - Foto área do rio Oiapoque. À esq. Oiapoque e à dir. a commune Saint' George ..	91
<b>Foto 28</b> - Trabalho de garimpeiros, nos barrancos .....	99
<b>Foto 29</b> - Ateliê do Sr. Maia, onde guarda suas obras sobre o garimpo .....	105
<b>Foto 30</b> - Centro da Cidade de Cayenne .....	107

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Pavimentação parcial da BR-156 .....	29
<b>Gráfico 2</b> - Discriminação da origem do grupo familiar em percentual .....	71
<b>Gráfico 3</b> - Caracterização de gênero em percentual .....	72
<b>Gráfico 4</b> - Discriminação em porcentagem do Estado civil dos entrevistados .....	74
<b>Gráficos 5 e 6</b> - Nível de alfabetização e escolaridades dos entrevistados .....	74
<b>Gráfico 7</b> - Discriminação em porcentagem do período de migração no intervalo de 4 em 4 anos .....	77
<b>Gráfico 8</b> - Especificação dos possíveis motivos da migração em percentual .....	79
<b>Gráfico 9</b> - Especificação de regiões anteriores de trabalho .....	86
<b>Gráfico 10</b> - Percepção da continuidade de atividades laborais no processo de migração dos entrevistados .....	88

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Quantitativo de recursos federais recebidos pelo GEA (2003-2007) .....	28
<b>Tabela 2</b> - Estatística do Núcleo de Migração da Polícia Federal - Anos: 2009 e 2010 .....	56
<b>Tabela 3</b> - Demonstrativo em números inteiros e percentuais da naturalidade dos migrantes entrevistados .....	70
<b>Tabela 4</b> - Cidades de origem do grupo familiar .....	70
<b>Tabela 5</b> - Tipologia das atividades laborais desenvolvidas pelos migrantes entrevistados ..	80
<b>Tabela 6</b> - Especificação dos tipos de outras atividades informadas pelos entrevistados .....	81
<b>Tabela 7</b> – Possível origem dos trabalhadores antes de chegar à fronteira .....	86
<b>Tabela 8</b> - Especificação de trabalhos exercidos antes da migração .....	88

## LISTA DE SIGLAS

ADIn	Ação Direta de Inconstitucionalidade
AP	Amapá
AMVVO	Associação de Moradores de Vila Vitória de Oiapoque
BR	Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DUF	Departamento Ultra-Marino Francês
FR	França
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GEA	Governo do Estado do Amapá
GF	Guiana Francesa
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSEE	Institut National de La Statistique et des Études Économiques
IRD	Institut de la Recherche pour le Developpement
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
PAF	Police de l'Air et des Frontières
PDFF	Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PIBID	Programa Instituição de Iniciação à Docência - UNIFAP
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro (Diretório do Estado do Amapá)
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: NOVOS E VELHOS CENÁRIOS .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1 A fronteira norte do Brasil: aspectos históricos .....</b>	<b>22</b>
<b>1.2. Oiapoque e suas implicações transfronteiriças .....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 Vila Vitória do Oiapoque: o contraste local <i>versus</i> global .....</b>	<b>33</b>
<b>1.4 O corredor de integração: Macapá-Oiapoque / Saint George-Cayenne e os novos conflitos na fronteira .....</b>	<b>42</b>
<b>2 RELAÇÕES BILATERAIS TRANSFRONTEIRIÇAS: AMAPÁ E GUIANA FRANCESA .....</b>	<b>48</b>
<b>2.1 A fronteira como espaço estratégico Brasil/ França .....</b>	<b>48</b>
<b>2.2 Fronteira: conflitos e tensões nas relações sociais .....</b>	<b>55</b>
<b>3 O PERFIL DO TRABALHADOR BRASILEIRO NA FRONTEIRA .....</b>	<b>62</b>
<b>3.1 A conjuntura migratória de mão-de-obra brasileira em função do território guianense .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 Caracterização dos trabalhadores migrantes brasileiros .....</b>	<b>68</b>
<b>3.3 Clandestinidade e trabalho informal: onde e em que os brasileiros trabalham na fronteira .....</b>	<b>78</b>
<b>4 A EXPERIÊNCIA DA CLANDESTINIDADE NA FAIXA DE FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E A GUIANA FRANCESA .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1 O rito de passagem dos trabalhadores clandestinos para a Guiana Francesa .....</b>	<b>90</b>
<b>4.2 Garimpeiro: a vida desses brasileiros na Guiana Francesa .....</b>	<b>98</b>
<b>4.3 Cotidiano e trabalho: dramas, dilemas e conflitos de trabalhadores brasileiros em direção ao DUF .....</b>	<b>107</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com trabalhador brasileiro migrante .....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com garimpeiro brasileiro migrante .....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE C - Formulário para traçar o perfil do trabalhador brasileiro migrante .....</b>	<b>124</b>

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, a ciência experimenta uma constante crise paradigmática de si mesma e, vivendo este momento instável e fascinante, freqüentemente tem sido obrigada a se desfazer de suas bases conceituais, teóricas e epistemológicas, para assim se eternizar numa constante aventura encantada (SANTOS, 1987). Quando o cientista se propõe a analisar determinado fenômeno e com decorrer do tempo seu estudo é refutado ou mesmo superado por novas teorias até então aferidas sobre a temática; não é difícil compreender que por determinado período tais teorias respondiam às expectativas, o que não significa que deva ser eterno, ou seja, este é justamente o objetivo que a ciência se propõe a cada dia.

No caso das pessoas que experimentam e direcionam seus deslocamentos a determinados pontos do planeta como o migrante, é difícil descrever o que se perde e o que se ganha quanto à escolha do lugar. Talvez seja por isso que existam dificuldades em caracterizá-los de forma homogênea, visto que ele faz parte de um movimento que nas últimas décadas tem sido associado a circunstâncias e motivos adversos ao próprio contexto da modernidade.

A sociedade atual tem refletido sobre um crescente processo de deslocamento humano pelo mundo. As estatísticas de migração internacional cogitam 220 milhões de pessoas que vivem fora de seus países de origem. As análises qualitativas demonstram que o fenômeno é multifacetado, revelando uma variedade de grupos e indivíduos que vivem a mobilidade (CLEMENTE, 2009, p. 146).

Diferente dos migrantes do século XX, o migrante contemporâneo tem a sua disposição um sistema avançado de comunicação e transporte, com custo mais barato e eficiente. Com isso, a distância tem diminuído facilitando contatos mais freqüentes entre a sociedade de origem e a sociedade de destino. E esse “encolhimento do mundo”, tem contribuído de forma decisiva para que “notícias do mundo de lá” circulem com mais facilidade e também para a constituição de redes de migração (ASSIS; SIQUEIRA, 2009, p. 26-27).

O avanço tecnológico que se experimenta com o limiar do século XXI, em que imagens e notícias em jornais e TV revelam um planeta em movimento, contribuem para os deslocamentos contemporâneos da população. E têm colocado questões para formuladores de políticas públicas e acirrado os controles nas fronteiras e revelado faces excludentes da globalização; em que nem todos podem circular livremente, enquanto circulam o capital, os

turistas e os viajantes, os migrantes têm dificuldades de cruzar as fronteiras. (ASSIS; SIQUEIRA, 2009, p. 26).

Estudar o fenômeno da migração de trabalhadores brasileiros em direção a países desenvolvidos, sintetizando seus possíveis impactos no mundo atual, é fazer uma viagem histórica retratando de forma gradativa acontecimentos e fatos com implicações sociais, econômicas, políticas e culturais; e assim contribuir para o conhecimento científico não de maneira estanque, porém como movimento contínuo de seguidas descobertas e transformações. Para que de alguma forma não só a comunidade científica, mas a própria sociedade civil seja beneficiada por estas conquistas.

O pano de fundo desta pesquisa é compreender as atuais dinâmicas sociais vivenciadas na faixa de fronteira entre o Estado do Amapá (Brasil) e a Guiana Francesa (França). Entender acerca dessas realidades que se relacionam diretamente com o desenvolvimento de nossa região na Amazônia e a partir desse conhecimento para que se possa planejar políticas públicas com maior eficácia, visto que sem este conhecimento qualificado é difícil fazer intervenções nesta região.

A intenção não é analisar somente as diferentes abordagens e interpretações sobre a questão migratória e as relações de trabalho na Guiana Francesa, uma vez que já existe literatura sobre o tema (SOARES, 1995; AROUCK, 2003; PINTO, 2008; PIANTONI, 2009; MARTINS, R., 2010; POLICE, 2010). O objetivo é ampliar as possibilidades de debates, considerando as possíveis mudanças que estariam acontecendo nesta área fronteiriça, buscando abordagens alternativas, não somente do ponto de vista econômico, mas principalmente os impactos sociais que já aconteceram no passado, que acontecem no presente, e que no futuro vão continuar a vitimar os trabalhadores que buscam melhores condições de vida e trabalho, como é caso de brasileiros que se dirigem ao Departamento Ultramarino Francês de forma clandestina.

O interesse pela temática surge da experiência em pesquisa com bolsa de iniciação científica pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Amapá em parceria com o CNPq, no ano de 2006. No projeto com o tema: “O Estado do Amapá como rota de migração para a Guiana Francesa”, que procurou obter informações gerais sobre milhares de trabalhadores que passam pelo Estado do Amapá em direção ao Departamento Ultramarino Francês, analisando os sonhos e as expectativas de vida dos brasileiros que se deslocam para a Guiana Francesa.

O primeiro contato com o município do Oiapoque (BR) e a cidade de Saint George (FR) aconteceu em 14 de maio de 2006. Neste período foi possível observar que existia uma movimentação ininterrupta na fronteira do município de Oiapoque. Durante o dia a circulação acontecia em direção aos órgãos públicos, lojas e na feira, e ainda a grande presença de guianenses fazendo compras no centro comercial do referido município; à noite a movimentação continuava por conta de lanchonetes, bares e restaurantes, principalmente na orla da cidade e na única praça do município. Esta cidade fronteiriça produzia a nítida impressão de “não parar”, diferenciando-a sobremaneira das outras cidades da Amazônia.

O contato com toda esta dinâmica acabou direcionando o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o tema: “Relações Sociais e modo de vida na Fronteira”, apresentado em 2007, cujo objetivo principal foi compreender as relações sociais e o cotidiano dos moradores da cidade de Oiapoque que convivem permanentemente com conflitos e situações transnacionais nesta faixa de fronteira. Essas situações são possibilitadas pela própria proximidade com a Guiana Francesa. Neste sentido, a proposta desta dissertação de mestrado é a continuidade dessa temática, agora de forma mais abrangente e com outras possibilidades de investigação e interpretação que esta área de estudo instiga.

O objetivo principal foi compreender as dinâmicas sociais na fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, causados principalmente pelo intenso fluxo migratório em direção a essa região, considerando ainda os contratos econômicos entre os dois países e as estratégias diferenciadas com relação as suas fronteiras. A hipótese considerada neste trabalho foi a de que a faixa de fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, mais especificamente o município de Oiapoque, possui uma dinâmica própria, influenciado por certas relações transnacionais, tendo uma implicação direta na economia e nas questões sociais no extremo norte do Brasil.

A pesquisa de campo que originou esta dissertação aconteceu durante os dois anos do mestrado, sendo que em junho 2009 foi feita a primeira visita ao município de Oiapoque por ocasião do I Encontro Internacional Transfronteiriço, onde as observações preliminares e alguns contatos na cidade puderam ajudar na pesquisa de campo. Este contato preliminar foi necessário, pois nessa fronteira estudada há grande dificuldade de disponibilidade da população local em conceder entrevistas, por conta do medo e da “lei do silêncio” que impera na região. A outra viagem aconteceu em outubro de 2009 por ocasião do II Seminário Participativo do Plano Diretor do Município de Oiapoque, em que nesse momento foi possível dimensionar a problemática urbana que o município vive. Na ocasião foi feito levantamento

de dados sobre o município em algumas instituições e visitas a cidade de Saint George para verificar *in locu* as novas dinâmicas proporcionadas com início das obras da construção da ponte binacional.

O método utilizado neste estudo foi composto pela pesquisa quantitativa e qualitativa. A primeira como auxílio a coleta de informações aplicada à mensuração da realidade e apreensão das categorias de análise a que se propõe este estudo: o perfil do trabalhador (APÊNDICE C) que se dirige para esta região de fronteira. A segunda, sob a égide da pesquisa qualitativa (APÊNDICES A e B), conseguiu-se fazer uma análise interpretativa do sujeito, ou seja, o trabalhador clandestino desta faixa de fronteira.

A escolha dos entrevistados aconteceu de forma aleatória nas regiões de Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne, nos diversos locais da fronteira, a saber: ônibus (Macapá- Oiapoque e vice versa), porto de catraia da cidade de Oiapoque e Saint Georges. Em Cayenne no bairro da Matinha e Mont Lucas. Como forma de deixar o entrevistado discorrer sobre as diversas situações que enfrenta diariamente na região utilizou-se apenas um roteiro (APÊNDICES A e B), o que nem sempre foi utilizado durante as entrevistas. Esse fato, de forma alguma, desviou nosso objetivo na busca do público alvo desta pesquisa que são aqueles migrantes os quais trabalham em diversas atividades nessa fronteira.

Em abril de 2010 foi aplicado o formulário “perfil do trabalhador”(APÊNDICE C) no bairro de Vila Vitória do município de Oiapoque. O contato com os interlocutores foi facilitado pelo Presidente e vice-presidente da Associação do bairro que convenceram alguns moradores a colaborar com nossa pesquisa, tanto no preenchimento do formulário, como através das entrevistas gravadas. Os bons resultados desta primeira parte da pesquisa, só foram possíveis pela intermediação deles.

Outro momento escolhido para fazer a segunda parte desta pesquisa foi no mês de agosto de 2010, por ocasião da I Feira Internacional de Oiapoque. A escolha do período se deu em função de que, durante o evento, a fronteira entre os dois países estaria “aberta” até a cidade de Saint Georges. Momento ímpar para a pesquisa, pois o objetivo principal deste trabalho é entender as dinâmicas vivenciadas nessa faixa de fronteira. E também, a oportunidade para os migrantes adentrarem o território francês. Naquele momento, foi possível observar o intenso fluxo de passageiros na rodoviária de Macapá, e pelo comentário o destino final desses migrantes era a Guiana Francesa.

Foi possível constatar a presença da Polícia Federal do município de Oiapoque fazendo o controle na chegada e na saída dos passageiros e a polícia francesa fiscalizando no

Porto de Saint George. A Atitude deveria ser constante, principalmente com relação ao lado brasileiro, a qual segundo os moradores geralmente não acontece. Nos dias do evento também na cidade de Saint George foi aplicado o formulário “perfil do trabalhador” com alguns brasileiros que moravam em Cayenne e naquele momento trabalhavam nos estandes do lado francês.

Quando encerrou esta fase da pesquisa percebeu-se que havia uma lacuna no estudo: era necessário conhecer a realidade dos brasileiros que moravam em Cayenne. Então, em setembro de 2010 foi realizada a viagem até a capital guianense para conhecer o cotidiano desses brasileiros, por meio de entrevista e aplicação de formulário. A aproximação com os entrevistados foi facilitada pela hospedagem na casa de uma brasileira que mora num bairro de invasão, habitado por brasileiros. No local, alguns contatos oportunizaram o conhecimento da realidade de alguns deles, que sobrevivem do lixão em território francês. Na ocasião, o contato com pesquisadores que atuam no IRD (*Institut de la Recherche pour le Développement*) forneceu informações atualizadas sobre a migração para a Guiana Francesa.

Como destacado anteriormente, as visitas a campo iniciaram ainda em 2009. No entanto, foi no ano de 2010 que a pesquisa prosseguiu por meio da coleta de dados por amostragem (*survey*), em que foram aplicados 100 formulários com o objetivo de investigar o “perfil” do trabalhador que se dirige à fronteira de forma clandestina. Os locais escolhidos foram: o município de Oiapoque, em especial o bairro de Vila Vitória do município de Oiapoque por sua posição estratégica, como se verificou no primeiro capítulo, e a cidade de Cayenne (capital da Guiana Francesa); especificamente os bairros de Mont Lucas e Matinha. Como uma questão ética optou-se pela não identificação do entrevistado, como forma de preservar suas identidades e por sua condição de clandestino em território francês, que exige tal procedimento da parte do pesquisador. No caso daqueles que já estão legalizados também foi omitido em alguns momentos, suas identidades, a pedido dos mesmos. A escolha das entrevistas gravadas foram realizadas durante a aplicação do formulário, em que era solicitado ao morador autorização para gravar a entrevista, no total foram feitas cerca de 25 entrevistas que, juntamente com o referencial teórico, estruturou esta dissertação.

No primeiro capítulo apresenta-se a cidade de Oiapoque. Neste primeiro momento faz-se uma discussão teórica sobre a problemática urbana que o município enfrenta, buscando descortinar como um todo, este processo que converge na dinâmica social atual que interliga a relação desse município com a Guiana Francesa, e suas implicações transfronteiriças, principalmente no que tange ao asfaltamento da BR-156 e à construção da ponte binacional,

que materializará a conexão via terrestre entre o Estado do Amapá (Brasil) e a Guiana Francesa (França). Num segundo momento faz-se uma reflexão sobre as significativas mudanças nas relações sociais construídas historicamente entre os moradores das cidades gêmeas de Oiapoque e Saint George por conta do acirramento da fiscalização de pessoas e mercadorias por parte do governo francês e que tem alterado profundamente essas relações. Como forma de expressar estas mudanças é utilizado a própria fala dos interlocutores.

No segundo capítulo argumenta-se sobre o estreitamento das relações transfronteiras entre Brasil e França, a partir da expectativa atual gerada em função da conclusão da Ponte sobre o rio Oiapoque, a qual irá significar também uma melhor aproximação entre os dois blocos: MERCOSUL<sup>1</sup> e União Européia. O Estado do Amapá está inserido nesta agenda política e precisará “correr contra o tempo”, viabilizando obras que irão dinamizar ainda mais a movimentação e circulação de mercadorias entre os dois países, via Porto de Santana e BR-156, integrando o corredor: Macapá - Oiapoque/Saint George - Cayenne. Outra questão abordada refere-se às estratégias de segurança impostas pelos dois países em relação a suas fronteiras. Os problemas gerados por essa migração, principalmente no que tange aos gastos públicos, é outra preocupação do governo francês. Uma das medidas adotadas é buscar alternativas com vista a conter a migração clandestina em direção a seu território. No entanto, essa atitude vem intensificando os conflitos nessa área de fronteira.

No terceiro capítulo discorre-se o resultado da pesquisa quantitativa, em que é apontada a inserção dos trabalhadores brasileiros nessa faixa de fronteira, como forma de caracterizá-lo sobre diversas particularidades: gênero, estado civil, alfabetização, estado de origem, onde reside o grupo familiar, motivos da migração, período da migração, atividades desenvolvidas e regiões anteriores de trabalho. Outra avaliação é quanto à inserção deste trabalhador no três locais de investigação para assim relacioná-lo com o estudo de outros pesquisadores (SOARES, 1995; PINTO, 2008; MARTINS, R.,2010) que analisam o fenômeno da migração para a Guiana Francesa. O trabalho é executado por esses migrantes de forma precarizada, temporária, informal e irregular, como foi o caso identificado no lixão de Cayenne.

No quarto capítulo tem-se a narrativa da primeira viagem desses migrantes em direção ao Departamento Francês, identificando suas experiências como um rito de passagem que

---

<sup>1</sup> O Mercado Comum do Sul, formado pelos países membros Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, foi instituído por meio do Tratado de Assunção em 1991. Atualmente participam também vários membros-associados, como o Chile (1996), Bolívia (1997), Peru (2003) e Venezuela (2004), culminando em 2005 com o acordo entre Mercosul e o Pacto Andino que deflagra a proposta de criação da Comunidade Sul-Americana de Nações.

qualquer trabalhador enfrenta ao se dirigir a fronteira para trabalhar ilegalmente em território francês, tendo como principal cenário o rio Oiapoque. A travessia nem sempre é possível, pois muitos perdem suas vidas nessa aventura. Em seguida é feita uma descrição de maneira particular daqueles que se dirigem para os garimpos clandestinos, localizados em território francês. Suas falas tornam-se reveladoras; com relação aos períodos da viagem; a malária; a institucionalização da violência; ilusão do ouro e separação da família. Para finalizar tem-se a análise dos dramas, dilemas e conflitos vivenciados por esses trabalhadores e suas estratégias para permanecer na capital da Guiana Francesa, às vezes tendo que assumir total anonimato, silenciando-se quanto às condições de trabalho, que são estabelecidas paralelas às instituições legais.

As dinâmicas sociais aqui identificadas se descortinam sobre a fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, principalmente com relação às expectativas e projeções de desenvolvimento regional relativos ao projeto da ponte sobre o rio Oiapoque interligando os dois territórios, tão bem salientado nos discursos dos chefes de Estado entre os dois países. É consenso que o desenvolvimento da região além da interligação via rodoviária, precisa ser acompanhado de inúmeras melhorias, de maneira particular obras de infraestrutura, tais como do porto de Santana, e asfaltamento da BR-156. Como também políticas públicas que venham atender as populações locais que habitam este território e sofrem um processo histórico de descaso por parte do poder público local e nacional.

Essa fronteira exerce no imaginário social desses migrantes uma espécie de fascínio, que os atrai para a região, quando decidem se aventurar nem imaginam os perigos que enfrentarão para atravessar como clandestinos, desconhecem as relações precárias de trabalhos que terão que se submeter, e que a esperança de um retorno breve logo se desfaz pelo alto custo de vida para quem vive nessa fronteira. Como uma teia de relações sociais que se propaga velozmente, aquele que migrou continua atraindo outras pessoas da família ou mesmo amigos, antes sob o discurso de sucesso por meio das oportunidades de trabalho realizado na Guiana Francesa através da atividade garimpeira, na extração do ouro; pela valorização do euro, e futuramente pela nova dinâmica em função da ponte binacional interligando os dois países. Estas questões nortearam este trabalho, mas de forma alguma sua proposta conseguiu atingir as diversas conjunturas que o cenário atual da região suscita, espera-se que este trabalho possa subsidiar outras pesquisas.

## **1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: NOVOS E VELHOS CENÁRIOS**

### **1.1 A fronteira norte do Brasil: aspectos históricos**

Entender as transformações estruturais registradas ao longo dos anos na Amazônia, na qual a própria ocupação da fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, tem se revelado um desafio para pesquisadores de inúmeras áreas do conhecimento, pois o discurso sobre a história da região apresenta inúmeras contradições porque é contado do ponto de vista dos viajantes, aventureiros, estrangeiros e do próprio colonizador. Os verdadeiros protagonistas desta história, tais como, o caboclo e o próprio índio, mesmo sendo os pioneiros a ocuparem a região, tiveram insipiente participação nos discursos construídos sobre a ocupação da Amazônia.

A fronteira, neste sentido, torna-se um processo de construção política e simbólica, visto que a demarcação dos limites não acontece sem a experiência de tensões e conflitos, que envolvem relações sociais partilhada por diversos sujeitos históricos, principalmente por submergir interesses diversos como é o caso da fronteira franco-brasileira. Cardoso (2008) observa que a história oficial das disputas entre brasileiros e franceses esconde as identidades sociais de grupos étnicos que já habitavam a região e que, ao longo desse processo, estiveram às margens das tomadas de decisões adotadas em relação ao território neutralizado.

Compreender a configuração atual do espaço territorial amapaense implica em uma profunda discussão com seu período colonial, episódio este marcado por intensas lutas entre portugueses, ingleses, espanhóis, franceses e holandeses em detrimento dos povos nativos, no intuito de assegurar as terras descobertas e estabelecer a colonização. Esse período ficou caracterizado pelas expedições ultramarinas, assim como pelo comércio de especiarias, que consequentemente impulsionou o acesso a lugares até então desconhecidos e geograficamente isolados (OLIVEIRA; GUERRA, 2007). Por seu turno Reis, (1993) salienta que esse movimento “extracontinental” acarretou para a sociedade europeia inúmeras transformações, reconfigurando a carta física e humana do globo terrestre, possibilitando a descoberta de novos espaços. Nesse contexto, a Amazônia se apresentava não só com o objetivo de povoamento, visto que a política de construção de fortes, além da clara intenção de urbanização local, também representava proteção à soberania nacional.

Para Bicalho (1999, p. 18), a expansão geográfica impulsionada pela conquista de um novo mundo e da América, pelos portugueses, significou abertura de novas fronteiras. Além

disto, mostrou um “olhar” que a partir de então constitui “uma nova dialética nascida da intromissão de notícias e de realidades geográficas e etnográficas até então desconhecidas”, representando para a autora um novo saber fundamentado no real e imaginário, na experiência e apoiado na visão. Este fato além de possibilitar avanços nas revoluções náutica e na arte de navegar inaugurou novos caminhos para o pensamento científico:

Nessa grande viagem de descobertas, conquistas e conversões realizada pelos europeus nas paragens do Novo Mundo, a relação que estabeleceram com uma total alteridade geográfica, social e humana serviu de base para a construção da nova identidade do homem ocidental, e igualmente para o alargamento das fronteiras territoriais, a ocupação de novos espaços, a colonização. (BICALHO, 1999, p. 20).

Para Cardoso (2008), a própria história da Amazônia foi construída em volta de diversos mitos, que vão do Eldorado à ideia de espaço vazio, o que dificultou uma construção histórica a partir dos próprios sujeitos envolvidos, em benefício dos interesses dominantes.

As representações construídas no e sobre o Contestado Franco-Brasileiro foram diversas, fator justificável pela própria multiplicidade de interesses existentes em relação a este território, mas que nem sempre foram percebidos pela rara historiografia que se ocupou da temática. [...] As idéias de fronteira em aberto, de vazio demográfico e a própria crise vivida pela economia gomífera da região na década de 20 serviram para justificar a interferência do governo, que visava a estimular e criar projetos de ocupação daquilo que se considerava, então, um vazio. (CARDOSO, 2008, p. 21 e 37).

Em prosseguimento a essa idéia, Cardoso (2008, p.42) considera ainda que a fronteira é uma construção política, visto que:

do mesmo modo pelo qual é discursada pelo estado, também pode ser pensada pelos próprios sujeitos históricos. De fato, a partir do momento em que estes últimos habitam um território, também definem suas próprias representações e identidades com este território. Por isso, não existe apenas uma representação de território ou de limites territoriais; quando estes se inserem num determinado contexto histórico e geográfico, seus sujeitos passam a ganhar vida.

O certo é que desde o período colonial a região do Contestado Franco-Brasileiro, situada entre o rio Araguari e o rio Oiapoque, sempre foi palco de intensos conflitos e fluxos populacionais. Era pouco conhecida pelo próprio Estado brasileiro na época e considerada como uma das últimas fronteiras a serem politicamente integradas à nação (CARDOSO, 2008). Estes limites territoriais, de acordo com a situação, poderiam atender tanto ao Estado francês, quanto ao brasileiro, comprovando que as relações sociais não tinham relação direta com um sentimento nacionalista, mas de acordo com interesses de cada país. Este litígio entre Brasil e França somente foi resolvido em dezembro de 1900, com a decisão do Laudo Suíço

que demarcou o limite entre os dois países, no qual ficou decidido que a fronteira entre os dois países é o rio Oiapoque.

## 1.2. Oiapoque e suas implicações transfronteiriças

A cidade de Oiapoque foi escolhida como *locus* privilegiado desta pesquisa pela sua peculiaridade de apresentar-se no contexto das migrações como rota principal via Estado do Amapá em direção à Guiana Francesa e também por funcionar como o lugar de permanência e passagem de milhares de trabalhadores para o território francês. Além disso, abastece os garimpos ilegais com trabalhadores e mercadorias. O referido município, até por uma questão de localização, torna-se passagem obrigatória de inúmeros brasileiros que chegam ao Estado do Amapá principalmente pelo porto de Santana e depois via BR-156 migram para o município de Oiapoque. Esses migrantes buscam atravessar o rio Oiapoque clandestinamente para o lado francês passando pela cidade de Saint George rumo às cidades da Guiana Francesa, principalmente Cayenne, em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Segundo vários autores (SILVA, 2006; TOSTES, 2007; OLIVEIRA, GUERRA, 2007; PINTO, 2008; NASCIMENTO; 2009), o cotidiano da cidade de Oiapoque é marcado por intensos conflitos e situações transnacionais, envolvendo brasileiros e franceses, pois ela está próxima de cidades e garimpos que ficam do lado francês. Sua origem, desde meados do século XVI, revela um cenário de intensas disputas envolvendo inúmeras tentativas de invasão, principalmente por holandeses, ingleses e franceses contra portugueses e brasileiros que buscavam colonizar ao sul do rio Oiapoque ou Vicente Pinzon, atual Estado do Amapá.

A cidade foi habitada pela primeira vez pelo francês Émile Martinique, o que posteriormente, originou seu nome como “Martinica do Oiapoque”, fazendo referência a seu pioneiro. Segundo a tradução da linguagem tupi-guarani Oiapoque significa OIAPI-OCA (casa dos Oiampis ou casa dos guerreiros). Localiza-se no extremo norte do Brasil a 590 km de Macapá, capital do Estado do Amapá e limita-se ao norte com a Guiana Francesa; ao sul com Calçoene, Serra do Navio e Pedra Branca do Amaparí; a leste, Calçoene; e a oeste, Laranjal do Jari. Foi elevada a condição de município pelo Decreto nº 7.578 de 23 de maio de 1945. Possui uma área territorial de aproximadamente 24.912,7 km<sup>2</sup>. Além de ser a sede do município, a cidade de Oiapoque também é constituída das seguintes comunidades: Clevelândia do Norte, Vila Velha do Cassiporé e Taperebá, bem como das terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminá; comporta quatro etnias: os Karipunas (aldeia do Manga), Galibi do

Oiapoque, Galibi do Kumarumã e os Palikur, na aldeia de Kumenê, no rio Urucauá. (OLIVEIRA; GUERRA, 2010a).

Este município é referência nacional e internacional de preservação cultural e ambiental, por abrigar em seu território extensas áreas indígenas (5.441,00 km<sup>2</sup>), especialmente após a criação pelo Governo Federal em 9 de agosto de 2002 do Parque Montanhas do Tumucumaque (8.810,00 km<sup>2</sup>). Conta com uma unidade de conservação que é o Parque Nacional do Cabo Orange (2.137,00 km<sup>2</sup>). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população de Oiapoque é de aproximadamente 20.426 habitantes, sendo 13.873 (67,92%) na área urbana e 6.553 (32,08%) na zona rural, o que corresponde a uma densidade demográfica de 0,71 por km<sup>2</sup>. Durante a pesquisa de campo, foi possível observar a presença de uma população formada tanto por aqueles que nasceram no município, quanto de pessoas provenientes de várias regiões do País, principalmente norte e nordeste, concentradas na área urbana e ainda por uma população indígena distribuída nas tribos. (OLIVEIRA; GUERRA, 2010a).

Distante aproximadamente 590 km da cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá, nas viagens para o município de Oiapoque foi possível constatar que o transporte utilizado para chegar ao Município é o rodoviário, com viagens diárias ofertadas por apenas duas empresas de ônibus<sup>2</sup>. O deslocamento dura aproximadamente 12 horas<sup>3</sup>, mas depende das condições de tráfego e dos veículos que fazem os transportes de passageiros, bem como das oscilações do tempo. É importante salientar que a BR-156 já se encontra asfaltada em 60 % do percurso, atingindo o município de Calçoene. Neste trajeto há 65 pontes<sup>4</sup>, que passam por cima de rios e riachos, das quais a maior parte ainda é de madeira, apresentando precárias condições estruturais, o que coloca em constante perigo a vida dos passageiros.

Geograficamente Oiapoque é o município mais distante de Macapá. Apresenta os profundos antagonismos que o título de zona de fronteira lhe confere, com mobilidade social

---

<sup>2</sup> As empresas que disponibilizam viagem para o Município é: AMAZONTUR e GARRA, o valor da passagem custa aproximadamente de R\$ 65, 00. Mas existe também transporte alternativo como 4 X 4 mais o valor mínimo cobrado é R\$ 100,00 por pessoa.

<sup>3</sup> Apesar das condições de tráfego da BR-156 apresentarem infraestrutura deficitária as viagens para a cidade de Oiapoque para realização da pesquisa de campo tiveram duração máxima de 14 horas. No entanto, alguns moradores de Oiapoque declararam durante as entrevistas que já passaram até mais de um dia atolados na estrada. Inclusive no mês de novembro de 2010, uma ponte da BR156 que dá acesso a cidade de Oiapoque foi incendiada, impedindo assim o abastecimento de combustível e mercadorias para a cidade. Os moradores ficaram isolados do restante do Estado por vários dias. A Polícia Rodoviária Federal investiga o caso. A suspeita é que algum motorista revoltado com a situação desta ponte a tenha destruído.

<sup>4</sup> Dado fornecido pelo Governo de Estado do Amapá, através da Secretaria de Estado de Transporte.

intensa, clandestinidade, prostituição, aliciamento de menores e outras características que são reproduzidas e capazes de sustentar as redes de interações destas áreas.

As cidades, principalmente em áreas de fronteiras, permanecem como locais destinados a certas atividades clandestinas. Nestas periferias, como é o caso do Oiapoque, aparecem lugares que se tornam estratégicos a partir do seu próprio esquecimento. As facilidades do comércio ilegal, a venda e compra de euro e ouro em pleno centro comercial, o tráfico de pessoas, a exploração sexual e o não pagamento de impostos fazem do Oiapoque um lugar interessante e cheio de possibilidades, alimentando o sonho de trabalhadores honestos e também de gente desonesta. (PINTO, 2008, p. 100).

A conclusão da BR-156<sup>5</sup> alavancará ainda mais o Estado do Amapá, considerado no contexto atual como fronteira estratégica, por sua inserção no contexto regional e internacional, principalmente com a conclusão da Ponte Binacional<sup>6</sup>. A materialização destas obras produzirá novas dinâmicas nesta fronteira impactando significativamente as cidades envolvidas. Do lado brasileiro, a BR-156 é decisiva para o processo de desenvolvimento econômico visto que possibilita o escoamento de mercadorias em direção a vários municípios do Estado (dinamizando suas economias) e para a Guiana Francesa via Porto de Santana. No caso de Oiapoque, este município amapaense sofre há décadas com este processo histórico de isolamento, como bem observa Nascimento (2009, p.57):

Esses argumentos encontram ressonância na paisagem urbana de Oiapoque, pois a cidade vive seu cotidiano completamente integrado à dinâmica dos acontecimentos globais, mas a rigor das chuvas amazônicas é capaz de deixá-la isolada do restante do Estado, situação em que as atenções se intensificam para a Guiana Francesa em função das interações da zona de fronteira. As assimetrias nacionais interagem para a Guiana Francesa em função das interações da zona de fronteira. As assimetrias nacionais interagem negativamente com as assimetrias da zona de fronteira, com reflexos adversos para a Cidade de Oiapoque, tendo com um exemplo típico o elevado custo de alimentos e serviços, artificialmente regulados, em função das atividades de garimpo e do comércio transfronteiriço.

No período do inverno amazônico nos trechos não pavimentados o acesso se torna mais difícil, visto que nos lotes compreendidos entre Calçoene/Oiapoque a estrada é estreita e perigosa, o que a torna inviável para o tráfego, em consequência da lama. É comum durante a viagem a presença de máquinas do Governo do Estado auxiliando a passagem dos veículos, o que pode ser verificado na Foto 1, a seguir:

<sup>5</sup> A partir da construção da ponte binacional entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa o descaso com relação a seu projeto de pavimentação tende a ser superado.

<sup>6</sup> Esta obra foi orçada em 57,8 milhões de reais. O acordo bilateral estipula a participação financeira “meio a meio” entre Brasil e França. Com sistema de construção do tipo estaiada (sustentada por cabos de aço), ela terá 350 metros de comprimento por 13,70 de largura. (NASCIMENTO, 2009)

**Foto 1** - Situação da BR-156, no período das chuvas



**Fonte:** Acervo pessoal da socióloga Christianni Lacy ( 2010)

Para amenizar este problema, o Governo do Estado retomou as obras de pavimentação da BR-156, nesta parte da estrada. A conclusão desta obra será um marco histórico e de desenvolvimento socioeconômico, tanto para os municípios que se localizam ao longo da rodovia, quanto à conexão com o Platô das Guianas. Como afirma Silva (2006, p.85):

A importância da BR-156 não está restrita apenas às potencialidades que o seu asfaltamento poderá despertar para a economia amapaense, mas também porque ela contribui para a viabilização da integração do Brasil com a Guiana Francesa, Suriname, Guiana e Venezuela, bem como, por conta do sentido do desenvolvimento que se quer consolidar no Amapá, sentido este que beneficia fundamentalmente os segmentos vinculados ao mercado internacional através da produção e exportação de *commodities*.

No entanto, a configuração atual do espaço amapaense reproduz uma série de implicações que remontam desde o período colonial, pois as heranças relacionadas à dependência econômica ainda se fazem presentes sustentadas no discurso de isolamento geográfico por parte do Estado brasileiro e amapaense que não executam políticas públicas necessárias de infraestrutura. Esta problemática é analisada por Tostes (2007, p.85) como prática intervencionista do “fazejamento” urbano, em que os gestores, ao invés de obedecer um prévio planejamento na condução das cidades, acabam cedendo às pressões sociais e interesses políticos.

ainda prevalece uma profunda indiferença por parte desses gestores quanto à obrigatoriedade, mais que isso, sobre a importância da elaboração do planejamento. Muitos são os fatores que confirmam todo esse processo. Os gestores públicos municipais se tornaram reféns do dia-a-dia na condução do município, incluindo a opção de não estabelecer metas de médio e longo prazo e, sim, a de priorizar ações de curto prazo e de resultado imediato,

como por exemplo, a prática comum de quanto possível fazerem doações (passagens aéreas, pagamento de contas, ajuda de custo, auxílio funerário, etc.) e quase sempre sob a justificativa de “carência econômica” do beneficiado. [...] A prática é antiga e prevalece nos municípios da Amazônia, que não têm renda, não têm equipe técnica qualificada e, os poucos cargos remunerados são ocupados por membros da família, amigos e conhecidos, longe de qualquer perspectiva de que as ações sejam de natureza técnica. Associado a todo esse quadro o sucateamento das prefeituras, sem equipamentos, sem máquinas, sem recursos tecnológicos e dependentes das parcas transferências constitucionais que lhes cabe, situação agravada pelo endividamento dos gestores, principalmente da não prestação de contas quanto a aplicação de verbas de programas federais o que impede obtenção de novos recursos para serem utilizados.

Um exemplo desta prática são os vários escândalos deflagrados pela Polícia Federal envolvendo gestores, funcionários públicos, políticos e empresários no desvio de verbas públicas<sup>7</sup>. Realidade esta que desencadeia toda uma problemática na dinâmica social e urbana do Estado do Amapá. Acompanhe na Tabela 1, a seguir, o demonstrativo da verba que o Governo Estadual recebeu para a conclusão da BR-156, no período de 2003 a 2007:

**Tabela 1** - Quantitativo de recursos federais recebidos pelo GEA (2003-2007)

ANO	VALOR
2003	R\$ 28.782,78
2004	R\$ 91.157.584,74
2005	R\$ 46.513.284,62
2006	R\$ 35.970.000,00
2007	R\$ 34.365.824,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 210.235.476,00</b>

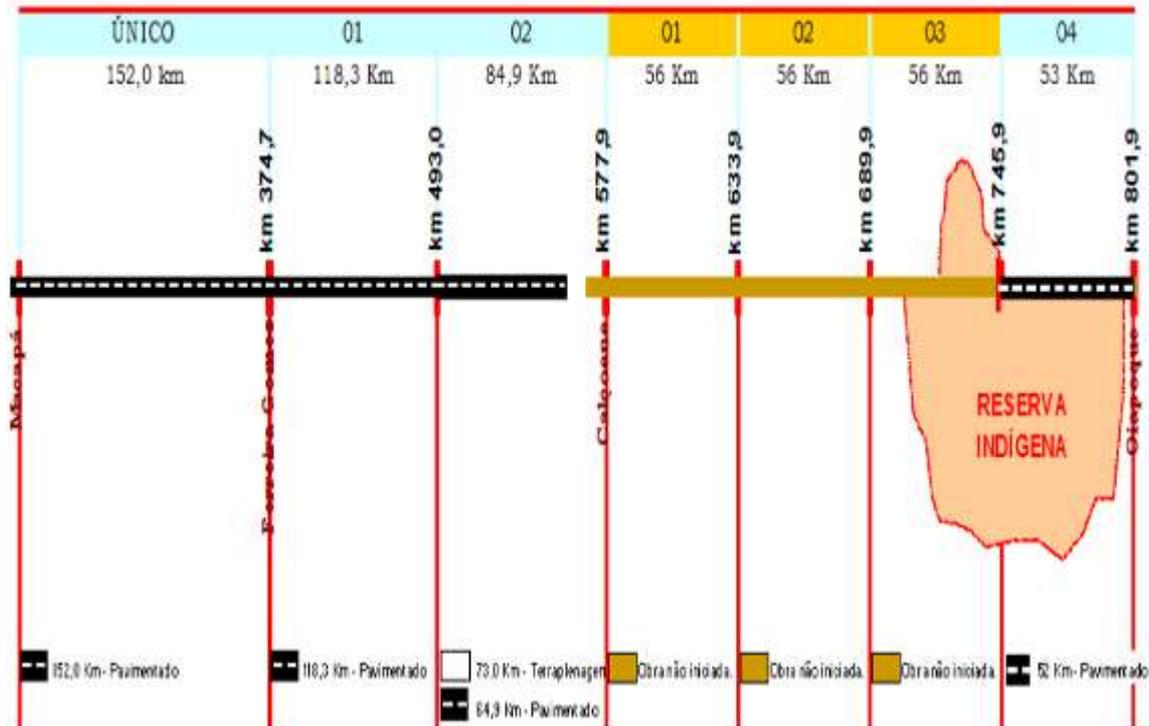
**Fonte:** <<http://www.folhadoamapa.com.br>>

Em análise à Tabela 1 constata-se o volume de recursos recebidos para pavimentação da BR-156, em um período de quatro anos, o que gera a expectativa de que o serviço do asfaltamento pudesse avançar. Porém, o Gráfico 1 demonstra o estado real do asfaltamento: o primeiro trecho com pavimentação, está identificado como lotes único, 01 e 02, e corresponde ao perímetro Macapá/proximidades de Calçoene; o segundo trecho com pavimentação se apresenta como lote 4 e compreende o perímetro Oiapoque/proximidades da Reserva

<sup>7</sup> Um exemplo dessa prática foi a *Operação Pororoca*, deflagrada pela Polícia Federal em 2004, que envolveu desvio de recursos do Porto de Santana. Os envolvidos foram acusados de: usurpação de função pública, peculato, formação de quadrilha, prevaricação, corrupção ativa e passiva, tráfico de influência e inserção de dados falsos no Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAF), que gerencia dados da União. Outra operação da Polícia Federal no Estado que está em andamento é a Operação Mãos Limpas, em que os envolvidos são investigados pelas práticas de diversos crimes como: corrupção ativa e passiva, peculato, advocacia administrativa, ocultação de bens e valores, lavagem de dinheiro, fraude em licitações, tráfico de influência, formação de quadrilha, entre outros crimes conexos. Inclusive nesta operação já foram presos o governador do Estado, o ex-governador, o presidente do Tribunal de Contas e o Prefeito de Macapá.

Indígena. Quanto ao trecho sem pavimentação inclui os lotes 01, 02 e 03, englobando o perímetro Calçoene/Reserva Indígena, conforme demonstrado a seguir:

**Gráfico 1** - Pavimentação parcial da BR-156



**Fonte:** SETRAP/GEA. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br>>

Em seguida observa-se no Gráfico 1 o trecho da BR-156 que corta a Reserva Indígena e este pode ser considerado um entrave para sua conclusão. Com o avanço do asfaltamento da BR-156 chegando a seu território, os habitantes indígenas formaram uma comissão e encaminharam documento à FUNAI em 2004 para que fosse direcionado ao presidente do IBAMA, denominado “*Propostas e exigências dos povos indígenas do Oiapoque, etnias Karipuna, Palikur, Galibi e Galibi Marworno, frente ao próximo asfaltamento da BR-156 e provável passagem do linhão da Eletronorte*”<sup>8</sup>. O objetivo é diminuir o impacto sobre o meio ambiente e populações.

A conclusão da BR-156 constitui fator primordial, principalmente com relação às expectativas geradas pelos dois países através do projeto de construção da ponte binacional. E, o município o Oiapoque, por ser o local direto destes investimentos, precisa receber atenção especial do poder público estadual e municipal e amplos setores da sociedade civil, que precisam atuar de forma conjunta para a solução de diversos problemas sociais e urbanos

<sup>8</sup> Documento encaminhado ao presidente do IBAMA - OF. N° 058/ GAB. AER. FUNAI Oiapoque/2004. Disponível em: <[http://www.povosindigenasdooiapoque.com.br/downloads/propostas\\_exigencias.pdf](http://www.povosindigenasdooiapoque.com.br/downloads/propostas_exigencias.pdf)>

que têm se arrastado por décadas neste município. Neste sentido, o Deputado Federal Bala Rocha (PDT/AP) defende que:

O Brasil precisa fazer de Oiapoque uma referência estratégica, e não apenas uma referência geográfica. [...] é preciso desenvolver a cidade fronteiriça para equilibrar essa relação desigual. Se qualificarmos a população do lado brasileiro, vamos gerar emprego e renda. Dessa forma, podemos ter a oportunidade de empregar técnicos, de absorver mão de obra, na construção civil. E, assim, os brasileiros não precisarão ir atrás do ouro e de euro em empregos de baixa qualificação. (Jornal Tribuna Amapaense, 15 a 21/08/2009, p.29).

Uma obra que tem causado insatisfação na população local é a da única praça do município, que passa por um processo de revitalização e que está com as atividades paralizadas<sup>9</sup>, há pelos menos um ano, segundo os moradores. A praça é talvez a única área de lazer da cidade, também funciona como local de comercialização de bares e lanchonetes e é estratégica para todo tipo de atividade ilícita<sup>10</sup>. Outro problema grave no município é a saúde pública, pois o único hospital da cidade entrou em reforma há vários meses, o que deixa a população ainda mais vulnerável, principalmente porque a cidade não oferece esgoto sanitário e nem coleta de lixo adequada. Este cenário acaba sendo propício para a proliferação de doenças entre a população. Por ocasião da Feira Internacional de Oiapoque<sup>11</sup>, um morador desabafa:

“Hoje o governo do estado traz uma festa de quase 3 milhões para o Oiapoque, se o hospital tá parado. Há mais de ano pra falar a verdade. Tem quase dois anos que começaram a reforma do hospital até hoje tá parado. A praça que tinha fecharam. Já tão descobrindo que falta documentação pra continuar a obra. Hoje, nós não temos uma escola digna no município. Tudo é prédio alugado. Remédio se o cara adoce vai ao postinho? É melhor ir no mato, pegar uma planta e fazer o remédio! Parece uma palhaçada o governo do Estado investir 3 milhões numa festa de turismo. Numa feira, trazer cantores, os mais caro de fora. Uma programação altíssima, sem ter nem ruas para turista andar em Oiapoque. Essa aqui então, é só buraco daqui até lá, da hora que sai a hora que chega. Quer dizer, não tem um político pra ver que aqui não mora um desertor. Mora homens trabalhadores, pessoas que apostaram em Oiapoque pra sobreviver. Porque essa população que tá aqui, todo mundo, está apostando em Oiapoque. Só que os

<sup>9</sup> Como todas as obras no município que iniciam e não são concluídas.

<sup>10</sup> Durante a pesquisa de campo foi possível constatar que a praça é um dos principais pontos da prostituição da cidade. As “garotas” ficam sentadas em cadeiras próximas as lanchonetes e, de acordo, com a chegada dos “clientes”, entram no carro. O interessante é que parece existir uma espécie de fila em que as mesmas ficam sentadas em cadeiras esperando estes “clientes”.

<sup>11</sup> Este evento realizou-se de 09 a 15 de agosto de 2010 através de uma parceria entre as Associações Comerciais de Oiapoque (Brasil) e Saint George na Guiana Francesa, com o objetivo de estreitar os laços de amizade nesta faixa de fronteira. Participaram do evento quatro municípios: Saint George e Ouanary (Guiana Francesa) e Oiapoque e Calçoene (Brasil). Durante a feira foi possível observar a participação maciça dos guianenses fazendo compras nos estandes tanto do lado brasileiro, quanto francês por terem maior poder aquisitivo para um evento deste porte e ainda pela relação monetária favorável, a população de Oiapoque só fazia prestigiar o evento. O interessante nesse evento era que durante a Feira a fronteira estava “aberta” para os dois lados até a cidade de Saint George. (Anotações de Campo, 2010)

governantes não vêem isso. Chega a deixar os eleitores sem ânimo de votar”. (Maranhense, 43 anos, morador de Oiapoque, chegou a fronteira em 2001. Pesquisa de Campo, 2010).

Uma outra obra que já se arrasta desde 2005 e que tem gerado insatisfação na população oiapoquense, trata-se da Orla de Oiapoque, cuja ilustração é apresentada adiante:

**Foto 2** - A obra da orla de Oiapoque, que já se arrasta desde 2005



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora (2010)

Para quem chega a Oiapoque não é difícil captar a lógica da desordem urbana pela qual passa o município, que sofre com a falta crônica de infraestrutura por parte do poder público. Com a proliferação de bairros pobres e habitações construídas sem nenhum tipo de planejamento.

Campos Filho (1989) entende que as cidades latino-americanas, em sua maioria, não ofertam empregos urbanos na mesma proporção da chegada dos migrantes para a localidade, ocasionando o aparecimento de bairros de extrema miséria. É a partir dessa perspectiva analítica que surge na atualidade um movimento de reestruturação dos espaços periféricos dentro do contexto da globalização. Com isso, Brasil e França passam a rever a relação de fronteira, frente às potencialidades a serem exploradas.

Segundo Castro e Pinto (2009, p. 1), ainda no contexto atual, a região norte e nordeste do país apresentam desigualdades regionais crônicas e históricas, dificultando, assim, a construção de um país mais democrático e justo. Para comprovar esse fenômeno é só notar os pequenos municípios dessas regiões que padecem com a falta de infraestrutura e, no caso da região norte, os autores avaliam que:

Os pequenos municípios dessa região, por tabela, também sofrem com a falta de infra-estrutura, de gerenciamento técnico na elaboração de projetos

sociais, e principalmente pelo baixo capital social de seus atores sociais e da própria sociedade civil. No caso da Amazônia, alguns Estados, (ou mesmo micro-regiões, distrito, vilas, municípios) estão atrasados há décadas em relação a outras unidades federativas do sul e sudeste. Por isso, temos certas especificidades que precisam ser corrigidas, e a solução desses problemas históricos passam indubitavelmente pelo planejamento de políticas públicas inovadoras, que sejam capazes de mobilizar recursos humanos e novas metodologias de gestão e gerenciamento público, principalmente no que diz respeito ao planejamento e execução de políticas públicas mais agressivas no combate a pobreza e as desigualdades sociais.

Partindo desse princípio não é difícil associar a problemática com o município de Oiapoque que, pelo intenso fluxo migratório, sofre graves problemas urbanos e sociais (TOSTES, 2007). A maioria desses trabalhadores traz o sonho de trabalhar na Guiana Francesa, porém é interrompido devido a forte fiscalização por parte do governo francês, que atualmente tem adotado uma forte repressão à entrada desses brasileiros em seu território.

Esses trabalhadores se declaram cansados de serem expulsos; outros experimentam dificuldades para documentar-se e residir/trabalhar legalmente na Guiana Francesa. Por isso, muitos decidem estabelecer-se em Oiapoque, até mesmo por não possuírem condições financeiras de retornar às suas cidades de origem ou mesmo por terem investido todo seu dinheiro na viagem clandestina para a Guiana Francesa. Sobre esta situação tem-se o seguinte relato:

“Muitas dessas pessoas que viviam no garimpo vieram para cá. Eu diria que hoje ele *ta* numa cadeia de porta aberta. Hoje, se eu quisesse ir embora de Oiapoque, eu não poderia. Tudo o que me resta, até o dinheiro da minha passagem *ta* investido assim, em besteira aqui. E não tenho renda de trabalho que eu consiga pra pagar minha passagem e da minha família, *né?* Tipo: fecharam os garimpos, o pessoal veio dos garimpos pra cá. E hoje não tem emprego, não tem nada”. (Maranhense, 43 anos, morador de Oiapoque, chegou à fronteira em 2001. Pesquisa de Campo, 2010).

Em linhas gerais o processo de integração Brasil/Guiana Francesa no corredor Porto de Santana/BR-156/Ponte binacional, representará inegáveis reflexos na estrutura urbana da cidade de Oiapoque e no estreitamento das relações que são típicas das áreas de fronteiras. E, que atualmente passam por um momento de transição de caráter geopolítico a estratégico. (CASTRO, PORTO, 2007; PORTO, SILVA, 2010).

No contexto atual, esta ponte além de representar interação entre os dois países, suscita expectativas simbólicas e objetivas na reconfiguração do espaço, visto que a cidade de Oiapoque, a partir dessa nova conjuntura, não poderá ser pensada de maneira dissociada de sua fronteira com a Guiana Francesa. (OLIVEIRA; GUERRA, 2010a). No entanto, para Martins, C. (2008), este é o grande desafio, uma vez que, sem uma política que considere o alto potencial dessa região fronteira, a situação presente tende a se agravar ainda mais.

### 1.3 Vila Vitória do Oiapoque: o contraste local *versus* global

Como o bairro de Vila Vitória fica localizado próximo a cidade de Saint Georges na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, o local tem sido escolhido por milhares de trabalhadores brasileiros que se dirigem clandestinamente em direção ao território francês. O bairro chama atenção pela história peculiar narrada em documento elaborado pela Associação dos Moradores da Vila Vitória de Oiapoque (AMVVO), com assinatura do Presidente Orlando Custódio Vieira, tendo sido fundada em 03 de novembro de 2006.

Segundo o documento (AMAPÁ, 2006) o bairro surgiu há cerca de 5 anos. Na ocasião, 25 pessoas que se aventuraram em busca de trabalho para o território francês, receberam da polícia francesa “carta de expulsão”, ficando assim impossibilitados de retornar para a Guiana Francesa. Diante desse episódio, os homens que buscavam trabalho na construção civil e as mulheres que procuram por serviços domésticos, reuniram-se e invadiram um terreno particular, de propriedade do Sr. José Bonifácio, o qual fica em frente à cidade de Saint George, facilitando sua travessia para trabalhar do lado francês durante o dia e retornar à noite para suas casas. Atualmente, segundo relato dos próprios moradores do grupo inicial restaram poucas pessoas. O bairro é habitado por inúmeras famílias que chegam e vão embora a todo momento, o que dificulta sua contagem populacional, conforme revela o agente de saúde da localidade:

“Nós temos 172 famílias cadastradas no Sistema de Saúde, mas aqui como é um lugarzinho de fronteira é variável. A pessoa vem passa dois, três meses e já vai embora. E agora *ta* movimentando que a Vila Vitória *ta* crescendo. Tem dias que eu cadastro duas a três famílias novas. É um lugarzinho que está sempre em trânsito direto. As pessoas sempre *tão* indo e vindo. Daqui a três anos ela *ta* bem populosa. Então são 172 famílias cadastradas no sistema de saúde, mas acredito que tem mais”. (Marcelo, 28 anos - Agente de Saúde do local. Pesquisa de Campo, 2010).

Para se deslocar até o bairro de Vila Vitória, partindo da cidade de Oiapoque, a primeira opção é por via terrestre, que pode ser percorrida tanto por um ramal aberto recentemente na “estrada do Infraero” quanto pela estrada do “Km 7”. É interessante registrar que o preço do transporte oferecido pelos taxistas custa em média R\$ 5,00 (cinco reais) por pessoa, ainda que a estrada apresente as mesmas dificuldades de tráfego que a BR-156, seja com relação a não pavimentação seja quanto às pontes em madeira por cima de rios e riachos em precárias condições, haja vista o ilustrado na Foto 3:

**Foto 3** - Estrada do Km 7, um dos acessos à Vila Vitória, em condições precárias de tráfego



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora (2010)

A Foto 4 a seguir ilustra a outra forma de sair de Oiapoque para Vila Vitória, que é por catraia, cujo preço cobrado é de R\$ 10,00 (dez Reais) por pessoa, estipulado pela Associação de Catraieiros de Vila Vitória, constituída em 2008. Para justificar este aumento de 100% no preço em relação ao transporte terrestre, considera-se o tempo de viagem diminui de 30 para 10 minutos. Nesta mesma forma de transporte, desta feita saindo de Vila Vitória para a cidade de Saint George, a Associação confere a possibilidade de o pagamento ser efetuado tanto em Real quanto em Euro, como qualquer outra transação comercial na fronteira.

**Foto 4** - De catraia, pelo rio Oiapoque, também é possível chegar até o Bairro de Vila Vitória



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora(2010)

É importante registrar que a ocupação do bairro ocorreu de forma repentina. As ruas são verdadeiras colinas a serem desbravadas, já que nenhuma rua possui pavimentação asfáltica. As vias estão cobertas por lama e mato e, como a coleta de lixo acontece apenas uma vez por semana, a incidência de doenças cresce no local, principalmente a malária e a dengue, conforme relato do agente de saúde local.

“A malária tem bastante aqui na vila. É difícil alguém passar 15, 20, 30 dias aqui e não pegar malária. É porque é uma área de fronteira. Vem garimpeiro e o mosquito o ferra. *Aí* já contamina os sadios. As malárias, seja a *vivax*, ou a *falciparum*<sup>12</sup>, e dengue também, mas dengue não *ta* tendo muito. Os casos são variados. (Marcelo, 28 anos, Agente de Saúde”. Pesquisa de Campo, 2010).

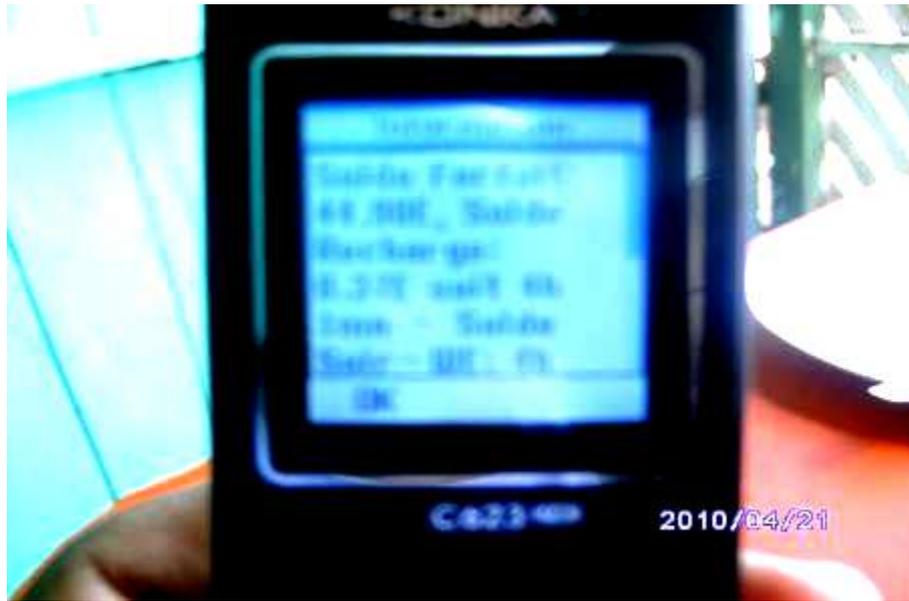
Da mesma forma como ocorre nos bairros próximos a sede do município de Oiapoque, os serviços públicos na localidade são de baixa qualidade: não existe água encanada ou mesmo tratamento de esgoto sanitário. Já foi construído um posto de saúde, mas não foi inaugurado por falta de equipamentos. Em caso de emergência, muitos moradores recorrem aos brasileiros legalizados na Guiana Francesa que moram em Vila Vitória que através de seu “*seguro social*”, levam os pacientes para serem atendidos em Saint George. Outra alternativa é tentar comunicação com Oiapoque, acionar a emergência e esperar por longo período de tempo.

Para complicar ainda mais a situação, o único telefone público instalado na localidade não funciona. Além disso, a maioria dos moradores de Vila Vitória possui telefones celulares com *chip* francês, visto que as operadoras brasileiras não têm cobertura na localidade. Observe Foto 5 na seqüência:

---

<sup>12</sup>Segundo Andrade “esse município tem como característica a intensa mobilidade da população nas áreas de garimpo, assim como, a exposição a constantes episódios de malária”. (2007, p. 259)

**Foto 5** – Morador de Vila Vitória exhibe celular, com bônus, para falar com o território francês



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora (2010)

Para o presidente da Associação de Moradores do Bairro, em caso de emergência ou denúncia, o melhor a fazer é:

Simplemente os vizinhos da comunidade pegam um carro próprio e levam a pessoa que *tá* acidentada. Ou então, é isso mesmo, freqüentemente é isso, ou então quando é caso de polícia, alguém pega o telefone às vezes do outro lado, daí da Guiana, que os telefones daqui não funciona”. (Orlando Vieira, 47 anos - Presidente da Associação dos Moradores de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010)

Outro problema que a população do bairro enfrenta é com relação à educação. A única escola que funciona na vila atende apenas as séries iniciais (1º ao 4º ano). A solução para os moradores é recorrer a Saint George e matricular seus filhos, visto que essa cidade francesa é bem mais perto do que Oiapoque. É comum na fala dos entrevistados a afirmativa de que “você só precisa do endereço e da identidade de quem mora lá”. Nesse caso, só depende da boa vontade de algum brasileiro legalizado que disponibilize “*attestation d’hébergement*”<sup>13</sup> e se responsabilize pela criança matriculada em Saint George.

Historicamente, as relações transfronteiriças entre as cidades gêmeas Oiapoque/Saint George eram vistas pelos moradores como sendo uma extensão da outra. A divisa com o Rio Oiapoque era apenas um obstáculo para a saída e chegada em seus portos. Os próprios guianenses que antes usufruíam desta fronteira de forma amistosa com os brasileiros estão

<sup>13</sup>Significa o comprovante de residência de uma pessoa legalizada em território francês. Entre os brasileiros legalizados e clandestinos é comum esta reciprocidade quando se trata de um parente ou amigo. Há casos ainda, que este favor é cobrado. Esta estratégia de matricular uma criança brasileira em escolas francesas também é utilizada por brasileiros que residem em outras cidades da Guiana Francesa.

sendo obrigados a cumprir horários para se deslocarem entre os dois lados da fronteira norte do Brasil.

O certo é que esta relação sofreu profundas modificações interpessoais, culturais e econômicas, visto que com o aumento da migração para o território francês, o governo tem intensificado a fiscalização em seu território (SOARES, 1995; AROUCK, 2003; PINTO, 2008; MARTINS, R. 2010). Questão que deixa os moradores de Oiapoque e, principalmente, de Vila Vitória revoltados, pois seus moradores atravessam todo o dia o rio Oiapoque para trabalhar na Guiana Francesa. Para Soares (1995, p. 27) a população indígena desta fronteira se formou justamente por estes intensos processos de deslocamentos. Portanto, os índios brasileiros mesmo não tendo esta noção de fronteira, também são vítimas destas mudanças transfronteiriças. Estes já estavam acostumados a comercializar seus produtos no porto de Saint George e atualmente estão sendo impedidos pela Police de l' Air et des Fronteiri( PAF). Este fenômeno é interrogado por Soares (1995)

A partir da interpretação da realidade observada, pergunto: até que ponto os deslocamentos nessa fronteira são característicos apenas do que se convencionou chamar de **migração**? Pretendo questionar esse movimento, tendo em conta as interpretações em que os conceitos de **migração** têm o **movimento** como um componente tautológico. Não estaria descartando que **migração** não contenha movimento; pressuponho, porém, que nem todo movimento signifique automática e evidentemente **migração**, como na situação em estudo. (SOARES, 1995, p.23, grifos da autora).

É comum na fala dos entrevistados sobre o sentimento de indignação dos que moram na fronteira. Diariamente são noticiados episódios de conflitos travados no rio Oiapoque entre brasileiros e a polícia francesa divulgados pela imprensa falada ou escrita local e nacional<sup>14</sup>. Para revelar os inúmeros episódios vivenciados por esses trabalhadores, considera-se pertinente neste trabalho descrever os discursos dos atores sociais envolvidos, que a partir de seu próprio olhar sobre fronteira descortinam relações sociais conflituosas.

“Eles pegam *a gente* aqui (Saint George)... Eles fazem como se *a gente* tivesse varando no mato. *Aí, tu é* forçado a assinar uma expulsão, como se tu *tivesse* varando ilegal para Cayenne. E não! *Tu ia* na praça comprar um crédito, alguma coisa. *Aí o pessoal* já te prende na subida. Eu até bati foto da cela, cara! O negócio é o seguinte: agora o brasileiro não pode mais desfilar *lá*, porque lá eles prendem, e, dependendo, fica um dia preso. Se pegarem de tarde só soltam no outro dia. Se pegarem de manhã, só soltam a noite. Faz uns dois anos só. Antes *a gente* podia circular *lá* tranquilo, e tal. Não tinha essa onda”. (Paranaense, 29 anos, morador de Vila Vitória, chegou na fronteira em 2001. Pesquisa de Campo, 2010).

<sup>14</sup>Sobre esta questão não tem como referendar o trabalho de Police (2009) – EUDORADO, *Le discours brésilien sur la Guyane française* em que este faz uma releitura destas publicações brasileiras fazendo análise do discurso brasileiro sobre a Guiana Francesa.

“Na verdade isso já existia, mas era pouco. *Aí* na frente era que nem uma feira. *Aí* não tinha esse negócio de *tá* expulsando. Você entrava aqui legalmente, entendeu? Era igual uma feira *ai*. Você chegava de dia, via uma multidão de gente. Você dizia é uma feira que tem. [...] a maioria *do pessoal* vinha de Macapá. Vinha também *pra* visitar e fazer compras, e até *o pessoal* de Oiapoque. Eu era um. No mês passado eu fui *lá* em Saint George, mas eu fui com medo. A pessoa vai *lá* fazer compras, gasta *lá* e ainda vai preso! Eles pega prende (*Gendarmerie*) e a PAF<sup>15</sup> leva *pra lá*. Se eles pegarem agora as 15 h, só vão soltar no outro dia. Na PAF você vai para uma sala *lá* pelado. A comida que eles dão é água com pão: o almoço é água com pão; a janta pão com água. Só solta no outro dia. Lá bate foto de tudo quanto é jeito”. (Maranhense, 43 anos, chegou na fronteira em 1998, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

“Em 96 quando eu cheguei aqui e *a gente* ia para as festa aqui do outro lado e eles não *mexia* com *a gente*. *A gente* passava a noite todinha. Atravessava, entrava e rodava todo Saint George e eles não *mexiam* com *a gente*. E agora que entrou esse governo. O Sarcosi<sup>16</sup>! Foi que eles começaram. Eu e minha esposa *fazia* as compras com uns franceses. *Aí* todo final de semana nós ia para Saint George. *A gente* ia *pra lá* pra beber uísque, comer um queijinho. *Lá a gente* ficava a vontade. Mas quando começou isso, estragou tudo. Agora brasileiro quando chega *lá é prendendo*, *aí* pergunta se tem *papi...papi..papi*<sup>17</sup>. *Aí* se não tiver papel vai preso”. (Taxista de passagem em Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

“Nesse dia eu fui comprar pão. Eu ia saindo da padaria com dois pães na mão e já faltava uns 30 metros *pra mim* pegar a catraia e eu não *tava* com a camisa de catraieiro. Como eu tenho catraia, *ai* eu visto a camisa e eles não atrapalham *a gente* e pensam que eu *to* trabalhando. Então eu vou *lá* e volto sem problemas. É uma estratégia minha [...]. Então eles me pegaram e perguntaram se eu tinha papel. Eu falei que não. *Aí* ele falou: *tu sabe* que não *pode* ficar aqui? Sim eu sei! (Falando crioulo para ele). *Aí* ele disse: *tu sabe* crioulo? *Aí* disse mais ou menos. *Aí* conversei... conversei.... *Aí* ele disse: entra aqui. *Aí* o motorista desceu. Acho que ia até me agarrar se não entrasse. *Foi* eu e outras mulheres”. (Pernambucano, 43, chegou na fronteira em 2004, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

“Eu fui presa às 11 h e me soltaram às 14h. Mas eu fiz o maior escândalo. Eu tinha um cartão aqui do salão, que eu tinha mandado fazer. *Aí* eu *tava* distribuindo e provando *pra* eles que eu tinha um trabalho aqui e que não *tava* entrando para pegar nada. Eu *tava* provando *pra* ele que eu tinha residência própria. E eu não concordo com a maneira deles abordarem *a gente*”. (Paraense, 48 anos, chegou na fronteira em 2005, moradora de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

“Eles não querem brasileiros nem *aí* em Saint George. Então essa ponte vai servir *pra* que? Só *pra* eles vim no Brasil. Não vai trazer *pra* nós benefício algum. Até agora não conseguimos enxergar benefício *pra* nós, para o povo de Oiapoque, porque nós não podemos ir a Saint George e eles estão aqui toda hora, porque se desembarcar em Saint George você é preso”. (Paraense, 31 anos, chegou na fronteira em 1991, moradora de Oiapoque. Pesquisa de Campo, 2010).

É possível extrair nos depoimentos destes informantes (moradores), quando repetem “logo ali”; “bem aqui” ao se referir a cidade de Saint George, suas angústias por ocasião

<sup>15</sup>Existem na Guiana as seguintes forças policiais: PAF, *Gendarmerie* é a Legião Estrangeira.

<sup>16</sup>Durante as entrevistas em Oiapoque, Vila Vitória e Cayenne vários entrevistados reclamaram que foi após o Governo de Nicolas Sarkozy que a fiscalização nesta fronteira foi intensificada.

<sup>17</sup>Expressão utilizada pelos policiais franceses ao fazerem a abordagem de brasileiros sem documento em território francês.

dessas abordagens da polícia francesa, que representa significativa alteração em seu cotidiano na fronteira. Estas barreiras fronteiriças explicam conflitos intermitentes nessa região que não respeitam nem mesmo as relações sociais, culturais e econômicas construídas historicamente entre as cidades gêmeas Oiapoque/Saint George, onde o rio Oiapoque, desde o período colonial, atua como principal protagonista. Em uma reportagem do *Jornal da Fronteira*, um mercador que trabalha na região desabafa:

Nosso negócio é desenvolvido exclusivamente no rio, que eu sempre acreditei que fosse um bem comum entre os dois países. Agora os policiais franceses dizem que parte das águas do Rio e das pedras são deles também, e estão pegando a gente no meio do rio. Quem é que pode com uma coisa dessas? (*Jornal A Fronteira-Oiapoque-AP*, 2006, p. 5).

Sobre estes novos atributos e significados de fronteira é pertinente a reflexão transcrita a seguir:

As fronteiras marcam um dentro e um fora, um nós e os outros. As fronteiras são de muitos tipos: físicas, políticas, culturais e também psicológicas. Uma fronteira cria um espaço interior que pretende ser homogêneo e deliberadamente diferenciado do exterior. Porém, as fronteiras são, também, barreiras invisíveis que se interpõem entre os homens, inclusive entre as suas relações pessoais. (RAMONEIDA, 2006 *apud* TRINDADE JUNIOR, 2010).

Estas alterações nas relações sociais interpostas as fronteiras sem levar em conta a população local que co-habita historicamente o referido território também é analisada por Fonseca,

Embora a fronteira possa ser esta zona transfronteiriças, de interpenetração mútua, nesta zona as estruturas sócio-política e culturais são distintas, pois cada lado de uma fronteira apresenta estruturas culturais, sociais, econômicas, políticas, diferenciadas, ou seja, do outro lado tem outra lei (2008, p. 27).

A fronteira Oiapoque/Saint George corresponde a um território cujas relações dos sujeitos ocorrem historicamente pelo acontecer complementar que, para Santos (2005), são relações construídas em espaço banal<sup>18</sup>, comum a todos, composto de lugares contíguos e lugares em rede, interação entre cidades que intercambiam necessidades, tanto econômicas quanto político-sociais, mas que não estão isoladas e recebem influência dos espaços globais. Neste sentido, o funcionamento de um território como a faixa de fronteira franco-brasileira, é composto por realidades horizontais (espaço banal) e verticalizadas (espaço em rede) cujos processos sociais de interação fronteiriça são diretamente influenciados, podendo haver a dominância de um em relação ao outro, em determinados espaços e tempo.

---

<sup>18</sup>A compreensão de espaço banal é utilizada por Santos (2005) como o espaço construído socialmente pelos sujeitos locais.

Observa-se, então, que a questão político-estatal exógena<sup>19</sup> ao espaço banal da fronteira entre Amapá e Guiana Francesa tem comandado as relações entre os sujeitos, sem respeitar o próprio processo histórico entre eles. Este aspecto confirma o entrelaçamento de relações sociais sempre próximas, mas que são alteradas e transpostas no cotidiano de seus moradores sempre pela imposição de outra lei (do país vizinho), como que para indicar os limites fronteiriços entre elas.

É importante refletir sobre novas teorizações da realidade que experimenta o mundo globalizado. Principalmente, quando este cenário apresenta as disparidades e desigualdades econômicas entre países pobres e ricos, que convivem ao mesmo tempo com a fome e a miséria em abundância e com o próprio modo selvagem dos direitos, no mercado de trabalho, causando impacto na sociedade local e global.

Note-se, no entanto que as maravilhas da ciência e técnica não se traduzem necessariamente na redução ou eliminação das desigualdades sociais entre grupos, classes, coletividades ou povos. Ao contrário, em geral preservam, recriam ou aprofundam as desigualdades. [...] O local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado. Mesclam-se e tencionam-se singularidades, particularidades e universalidades. (IANNI 2007, p. 194-195 e 243).

Para Ianni (2007, p. 242) este é o grande desafio para Ciências Sociais na contemporaneidade, que tem se preocupado em refletir sobre estas formas e os movimentos da sociedade nacional. Registra-se que, aos poucos, está sendo engolida pela sociedade global, descortinando “uma realidade original, desconhecida, carente de presteza interpretações”.

De acordo com as Fotos 6 e 7 apresentadas a seguir, a distância de Vila Vitória para Saint George é tão pequena, que é possível observar a movimentação dos dois lados. No caso dos clandestinos torna-se um lugar estratégico, pois segundo alguns moradores quando a noite chega o porto de catraias fica movimentado. É possível observar o momento certo de atravessar sem ser incomodado pela polícia francesa.

---

<sup>19</sup>Neste caso, nos reportamos às relações internacionais entre Brasil e França.

**Foto 6** - Visão dos moradores de Vila Vitória (BR) em relação a Saint George(GF)



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora (2010)

**Foto 7** - Visão dos moradores de Saint George (GF) em relação à Vila Vitória do Oiapoque (BR)



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora (2010)

#### 1.4 O corredor de integração: Macapá-Oiapoque / Saint George-Cayenne e os novos conflitos na fronteira

Do ponto de vista global, o elo de integração entre a Guiana e o Brasil está no ponto mais alto de discussão entre os pesquisadores (SILVA, 2006; PORTO, CASTRO, 2007; MARTINS, C. 2008; PORTO, SILVA, 2010). No entanto, as novas articulações que fazem parte desta prospecção com a da conclusão da ponte binacional entre os dois países; principalmente no que tange a problemática urbana e social em torno das cidades e suas áreas de influência, traz como ponto consensual o acompanhamento de políticas públicas nos diversos níveis: social, econômico, ambiental e cultural. Com bem destacam Castro e Porto (2007, p. 70):

A ponte deverá assim ter impactos ambientais, sociais e econômicos, com efeitos marcantes sobre as populações locais e sobre os processos de urbanização. Os núcleos urbanos de fronteira com certeza serão os mais afetados, mas toda a população das comunidades vizinhas vai sofrer pressões, por meio de uma série de mudanças de caráter político, administrativo e geográfico, sob influências de ordem física, material ou simbólica.

A fronteira da Guiana Francesa com o Brasil se estende por uma superfície de 91.000 km<sup>2</sup>. Sua localização está ao norte da América do Sul, na costa do oceano Atlântico, com 378 km de litoral, entre Brasil e o Suriname são 730 e 510 respectivamente (PINTO, 2008). Sua população atual segundo o *Institut National des Statistiques et des études Économiques*<sup>20</sup> (INSEE) é de 215.036 habitantes; no total possui 22 comunidades. As principais cidades da Guiana Francesa são: Cayenne, 58.369 hab.; Saint-Laurent du Maroni, 34.336 hab. e Kourou, 25.918. (INSEE, 2009). A cidade de Saint Georges (GF), assim como Oiapoque (BR), por ser a cidade mais próxima da fronteira com do Brasil, também deve ser analisada como eixo principal de mudanças em toda essa dinâmica, principalmente a partir da conclusão da ponte binacional.

A cidade de Saint Georges(GF) limita-se ao norte pelo Oceano Atlântico, a leste e a sul pelo Brasil e a oeste pelo Suriname que faz fronteira com a cidade Saint Laurent du Maroni e a cidade Cayenne que também é sua capital. Como as demais cidades da Guiana Francesa também vêm sofrendo forte atração demográfica, por representar para muitos destes migrantes que se dirigem para esta fronteira, um espaço francês na América do Sul. A cidade, mesmo distante da Europa, faz parte do Bloco da União Européia, e por isso acaba sendo

---

<sup>20</sup>Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos.

beneficiada com a circulação do Euro, o que possibilita a seus moradores comprarem produtos do outro lado da fronteira com menor custo monetário, aquecendo o comércio da cidade do Oiapoque. (CONTE, 2007). Toda essa dinâmica pode ser observada nas Fotos 8 e 9:

**Foto 8** - Guianenses chegando ao Porto de Oiapoque, durante a Feira Internacional de Oiapoque



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

**Foto 9** - Guianenses retornando para cidade Saint Georges durante a Feira Internacional de Oiapoque



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Segundo o *Institut national des statistiques et des études économiques* (01/01/ 2009), a população da cidade de Saint Georges gira em torno de 3.692 habitantes. Este é número populacional computado pelo governo francês, sendo que não entra nas estatísticas a imigração ilegal, principalmente de brasileiros. Autoridades francesas não têm como dimensionar a população exata de estrangeiros na Guiana Francesa, principalmente brasileiros que compõem a grande maioria desta população. No entanto o reflexo desta migração tem ocasionado o surgimento de “moradias como favelas, arquiteturas criadas pela miséria, tão bem conhecidas no Brasil, e tão desconhecidas pelos franceses” (p. 60-61). Destacado nas fotos 15 e 16. Neste sentido é pertinente também a descrição de Martins, R. (2010) com relação aos contrastes entre as duas cidades gêmeas<sup>21</sup>.

Enquanto em *Saint George Du Oyapoque*, a primeira cidade do departamento francês, observei um lugar que apresenta muita semelhança com o lado brasileiro em relação ao clima e vegetação. Entretanto esta é uma das poucas similaridades entre os territórios. As construções e a infraestrutura local diferem, casas com arquitetura tradicional, denominadas *Maison créole*, ruas pavimentadas e poucas pessoas caminhando pelas vias. (p. 21).

**Foto 10** - *Village Bambou*, habitações construídas para os Guianenses e hoje é ocupada por estrangeiros



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

<sup>21</sup> Termo da geografia para denominar cidades que apresentam pares de centro urbanos, frente a frente em um limite internacional, conurbados ou não, que se apresentam diferentes níveis de interação: fronteira seca ou fluvial, diferentes atividades econômicas no entorno, variável grau de atração para migração e distintos processos históricos.

**Foto 11** - Habitações atuais dos guianenses na cidade de Saint Georges



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Os estudos (AROUCK, 2003; PINTO, 2008; MARTINS, 2010) corroboram a dimensão desta problemática também na cidade de Cayenne, causados pela intensa migração de brasileiros e o aparecimento de bairros periféricos constituídos a partir de invasões com estrutura deficitária para moradia. É importante destacar que durante a pesquisa de campo constatou-se em Cayenne o crescimento significativo de trabalhadores oriundos de outros países sul americanos, principalmente peruanos e bolivianos que também moram nestes locais.

É possível observar em Cayenne um processo de “guetização da população brasileira no Departamento Ultra-Marino Francês” (PINTO, 2008, p. 134), pois em sua paisagem urbana cresce a presença de bairros inteiros onde vive a população brasileira, de forma desordenada, sem nenhuma infraestrutura, principalmente com relação às necessidades básicas: água, luz ou esgoto sanitário. Através de diversos trabalhos (AROUCK, 2003; PINTO, 2009; MARTINS, 2010) foi possível identificar alguns desses bairros: *Cité Mont Lucas, Matinha, Cabassou, Digue Leblon, Suzini, e Cogneau-Lamiranda*.

Martins, R. (2010) descreve este duplo sentimento “ir” e “voltar rico” que começa a se desfazer no momento em que estes brasileiros chegam ao território francês, e se estabelecem nesses locais:

Ao chegar à Amazônia francesa, o migrante se depara com um lugar onde grande parte da população busca realizações semelhantes e encontra uma estrutura precária, habitações construídas com restos de materiais, às margens de barrancos, em lugares em que o chão é de terra batida, a água é

coletada no mar, rios, chuva ou igarapés, e onde também por vezes são feitas as necessidades biológicas. (p. 82)

**Foto 12** - Bairro da Matinha em Cayenne



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Durante pesquisa de campo realizada no bairro Mont Lucas e Matinha (GF), foi possível constatar a falta de infraestrutura das casas que são feitas e cobertas de zinco, material reutilizado pelos brasileiros na sobra das construções, como notado na Foto 12. Segundo os moradores do bairro Mont Lucas, eles só têm acesso à luz e água, de forma clandestina. Quanto ao esgoto sanitário todos os dejetos são jogados na área alagada em que são construídas as casas. No bairro da Matinha a comunidade conseguiu uma estação coletora de água coletiva (Foto 13), cada morador tem um cartão que permite o abastecimento de água na entrada da comunidade.

**Foto 13** – Fonte coletora de água a cartão do bairro da Matinha em Cayenne



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

As implicações deste processo de integração para o eixo de integração Macapá/Oiapoque e Saint George/Cayenne são considerados pelos estudiosos sob diversos pontos de vista (CASTRO e PORTO, 2007; CONTE, 2007; MARTINS C. (2008); NASCIMENTO, 2009; PORTO e SILVA, 2010). Para as autoridades locais, dos diferentes poderes e representações internacionais, o intercâmbio na Zona de Fronteira a partir do asfaltamento da BR-156 e da conclusão da ponte binacional revelam fenômenos e produzirão mudanças significativas para essas cidades, as quais serão ponto estratégico para o comércio bilateral entre os dois países.

## 2 RELAÇÕES BILATERAIS TRANSFRONTEIRIÇAS: AMAPÁ E GUIANA FRANCESA

### 2.1 A fronteira como espaço estratégico Brasil/ França

Com a construção da Ponte Binacional, as relações transfronteiriças entre os dois países têm se estreitado ainda mais. O Estado do Amapá, por ser um dos atores principais deste projeto grandioso de conexão com o bloco europeu, tem se preocupado em dialogar e vislumbrar melhorias para o município de Oiapoque, que corre contra o tempo nesta inserção nacional e internacional. O diálogo entre os países envolvidos é feito através de encontros, parcerias e acordos.

Como antes descrito, historicamente o processo de conquista e colonização das terras amapaenses foi marcado por uma série de tratados e acordos entre Brasil e França, como forma de resguardar suas fronteiras e de resolver a posse efetiva do território. Três séculos de litígio entre os dois países foram resolvidos somente após a sentença do Laudo Suíço, em dezembro de 1900. Pelo Tratado de Arbitramento ficou decidido que “O rio Japoc ou Vicente Pisão é o Oyapoc, que se lança no oceano imediatamente ao oeste do Cabo Orange e que por seu Thalweg forma a linha fronteira”, decidido em Berne, 01/12/1900 (MARTINS *apud* SARNEY, 2008, p.24).

A retomada de aproximação entre os dois países foi concretizada em maio de 1996, quando foi firmado o Acordo-Quadro entre a República Federativa do Brasil e a República da França. O encontro aconteceu no Estado do Amapá e estiveram presentes os Presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jacques Chirac. Este acordo possibilitou uma estreita aproximação franco-brasileira com o objetivo de instituir uma nova parceria, criando mecanismos de consultas bilaterais regulares, diálogo político e cooperação nos campos econômico, cultural, científico e técnico. Conforme trechos do acordo descritos abaixo:

Artigo 1º - As partes Contratantes dispõem-se a conferir renovado impulso às relações bilaterais. Com o objetivo, empenhar-se-ão em favorecer os contatos políticos em todos os níveis entre os dois Estados e em reforçar o desenvolvimento da cooperação econômica, cultural, científica e técnica, segundo as modalidades definidas no presente Acordo. Artigo 2º - 1. As partes Contratantes decidem reunir bianualmente uma Comissão Geral franco-brasileira, que terá a missão de promover o diálogo político, de coordenar os diferentes aspectos das relações bilaterais e de estabelecer um programa de trabalho para o biênio seguinte; 2. A Comissão Geral franco-brasileira, que se reunirá alternadamente no Brasil e na França, estará integrada por representantes dos dois Governos, sob a presidência dos

Ministros das Relações Exteriores. As Partes Contratantes determinarão, de comum acordo e por via diplomática, a data e a agenda das reuniões; 3. Os Grupos de Trabalho, previstos nos diferentes acordos de cooperação setorial em vigor, ou que venham a ser criados, relatarão bianualmente seus trabalhos à Comissão Geral franco-brasileira. (BRASIL, Ministério das Relações Exteriores, 1996).

No ano de 2005, contemplando esta agenda de eventos entre os dois países, aconteceu “O ano do Brasil na França”, cujo objetivo, além de desenvolver atividades nas áreas de cultura, história e atualidade brasileira, foi assinar o acordo para a construção da ponte sobre o rio Oiapoque que interligaria o Estado do Amapá à Guiana Francesa. Já em 2009 aconteceu o “Ano da França no Brasil” visando aprofundar as relações bilaterais também no âmbito cultural, acadêmico e econômico. Em todo o Brasil foram realizadas exposições, shows, concertos, ciclos de cinema, seminários e festivais oportunizando ao público brasileiro conhecer um pouco mais sobre a cultura francesa. Os resultados desses eventos para Brasil e França foram externados num discurso do presidente Lula:

Eu estou convencido de que será, para a história da França e para a história do Brasil, um passo extremamente importante essa construção da ponte, porque coloca o Brasil numa fronteira com ligação direta, com 700 quilômetros de fronteira, com um dos países mais importantes da Europa, e coloca um país da Europa numa fronteira com o mais importante país da América do Sul. Portanto, eu acho que juntou a fome com a vontade de comer, basta que a gente tenha a disposição de fazer essas coisas acontecerem. (BRASIL, 2009, p. 7).

No ano de 2008, em visita a cidade de Saint Georges de *L'Oyapock* os presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Nicolas Sarkozy reiteraram o compromisso para a construção da ponte sobre o rio Oiapoque. Naquele momento uma Comissão Intergovernamental foi instituída com base no acordo bilateral selado em 2005, para acompanhar os trabalhos técnicos relativos à obra e lançar o processo de licitação internacional para a seleção da empresa que iria construir a ponte, a fim de inaugurá-la conforme o previsto no ano de 2010, o que ainda não se concretizou. Na ocasião instituíram diversas parcerias:

Apoiaram a iniciativa de desenvolver o ensino do português na Guiana Francesa, especialmente por meio da criação de programas internacionais em vários estabelecimentos de ensino. Os dois Presidentes consideram que o aprendizado de línguas é um fator de compreensão mútua entre os povos e de promoção da diversidade cultural da região. Referiram-se, com satisfação, à iniciativa do Presidente Lula de criar um Centro Brasileiro de Estudos e Pesquisas sobre a Biodiversidade na cidade do Oiapoque, com o objetivo de desenvolver a cooperação acadêmica e científica para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, o qual contará com o apoio da Universidade Federal do Amapá e outras instituições. Manifestaram a intenção de estudar a criação de uma academia franco-brasileira de biodiversidade com base na cooperação entre o futuro centro a ser criado na cidade do Oiapoque e o pólo universitário e científico da Guiana Francesa. Salientaram o forte potencial

de cooperação entre os dois países na área de defesa, no campo nuclear civil, e no setor de biocombustíveis, e decidiram envidar esforços para explorá-lo. (Declaração Conjunta dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Nicolas Sarkozy - Saint-Georges de L'Oyapock - 12 de fevereiro de 2008<sup>22</sup>).

Devidamente calcado nessas ações mútuas e por ocasião da V Reunião da Comissão Mista de Cooperação Transfronteiriça Brasil/França, que fez parte da agenda de compromissos do “Ano da França no Brasil”, em 2009 foi inaugurado o Centro Cultural Franco-Amapaense. O local funciona como um centro de aprendizado da Língua Francesa no Estado do Amapá e deve funcionar como suporte a todas as ações de relações internacionais. Neste evento autoridades do Itamaraty e da França aproveitam o momento para debater:

A inauguração será marcada com a quinta reunião da Comissão Mista de Cooperação Transfronteiriça Brasil-França. Nos dias 13 e 14 autoridades do Itamaraty e da França irão debater quanto aos avanços do Primeiro Encontro Internacional Transfronteiriço, que foi realizado nos dias 3 e 4 de junho, na cidade de Oiapoque, fronteira com a Guiana Francesa. Entre os assuntos a serem discutidos estão as questões migratórias, abertura de repartições consulares do Brasil em Saint Georges e da França em Macapá, e a regularização de brasileiros na Guiana. Outras importantes questões que serão tratadas durante o evento, são quanto ao andamento da construção da ponte do rio Oiapoque, abertura do escritório da Câmara de Comércio da Guiana Francesa, fluxo de pessoas e mercadorias na fronteira, projetos conjuntos na área de ecoturismo, educação de professores, infraestrutura para a cidade de Oiapoque, cooperação para melhorias na área da saúde e cooperação internacional para tratamento de doenças como malária, dengue e Aids. Na agricultura, o combate à mosca da carambola, também será um dos destaques das discussões. Durante o evento será realizado um balanço de cooperação entre as áreas protegidas na zona de fronteira e vai ser discutida a cooperação entre as administrações do Parque Nacional Amazônico da Guiana Francesa e do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, no Amapá. (Amapá/GEA, 2009, s/p).

O I Encontro Internacional Transfronteiriço realizado em Oiapoque no ano de 2009, (Foto 14), pode ser considerado outro evento inserido nesta agenda de integração. O evento foi uma iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, através da Comissão de Relações Exteriores e Defesa do Estado. O objetivo do encontro foi reunir autoridades do Brasil, Guiana Francesa e Suriname na busca de uma relação melhor entre ambos, fortalecendo assim as relações transfronteiriças. Questões relacionadas à construção da ponte binacional, também foram pautas de discussão, assim como os constantes incidentes envolvendo brasileiros que se arriscam a passar ilegalmente na fronteira a partir da intensa fiscalização na região pela polícia francesa. No referido encontro foi possível observar que os

---

<sup>22</sup> <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2009/04/341179683145-visita-ao-brasil-do-presidente-da-franca-nicolas/?searchterm=acordos%20brasil%20e%20fran%C3%A7a>>. 22 jan. 2011, às 12h.

atores sociais envolvidos representados pela sociedade civil não tiveram espaço nas discussões. Na verdade, o evento transformou-se em ocasião para discursos eloquentes das autoridades locais e internacionais presentes, contribuindo muito pouco para resolver o problema da migração clandestina para a fronteira, que com a conclusão da ponte poderá intensificar ainda mais este fluxo, talvez não pela ponte, mas de catraia ou pela mata.

**Foto 14** - I Encontro Internacional Transfronteiriço, realizado na cidade de Oiapoque



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2009

Na ocasião, também foi consenso entre as autoridades presentes, que para concretizar todo este processo de integração geradas em função da construção da ponte binacional obras de infraestrutura serão essenciais para este novo cenário de fronteira. Na oportunidade, o Estado do Amapá e Guiana Francesa reafirmaram o compromisso de avanços e parcerias em diversos setores, como publicou o *Jornal do Dia* (13/08/2009, p.56).<sup>23</sup>

**Comunicações.** Ligação cabo de fibra ótica Infovia Amapá/Guiana.  
**Energia.** Construção de Pequena Central Hidroelétrica no Rio Oiapoque.  
**Comércio.** Abertura do Escritório da Câmara de Comércio em Macapá; acordo para a criação de uma Zona de Integração Fronteiriça; Acordo de Cooperação Técnica na área de Defesa Civil e Proteção e Combate a Incêndio.

É importante salientar que com o estreitamento das relações transfronteiriças entre os dois países (Brasil e França) e com a conclusão da Ponte Binacional, significará também uma ponte entre os blocos Mercosul e União Europeia, no contexto global. E o Estado do Amapá,

<sup>23</sup> <[http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir\\_not&idnoticia=3447](http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=3447)>. Acesso em: 26 jan. 2011, às 11h.

inserido como espaço estratégico através do Porto de Santana via BR-156, irá dinamizar ainda mais a movimentação e circulação de mercadorias principalmente em direção à Guiana Francesa. Como bem observam Porto e Silva (2010, p.6):

De periférico nacional a estratégico internacional o Amapá vem se consolidando; De fronteiriço desconectado a articulado, vem sendo construído; de espaço de expansão a de restrição, vem se formatando. Para o século XXI, com a consolidação da fronteira como fronteira-rede, interada e articulada globalmente, expectativas locais são estimuladas, mas as suas construções nas escalas nacionais Brasil/França, ainda não chegaram ao um consenso.

É relevante destacar que a BR-156 não faz conexão com nenhum outro estado brasileiro. Para o Estado do Amapá é uma importante obra de infraestrutura em função do potencial de desenvolvimento regional e, concomitantemente, de conexão internacional, por integrar os eixos norte e sul representado pelo Pólo Bacia de Oiapoque, na fronteira Brasil e Guiana Francesa (norte). Da mesma maneira, na ligação à fronteira nacional pelos municípios de Laranjal do Jari e Monte Dourado (sul), o que para Silva (2006) atua como uma “espinha dorsal” que alimenta uma rede de relações sociais e comerciais, apresentando-se como via permanente de interações por meio do Porto de Santana:

Apesar do Amapá se encontrar em situação de relativo isolamento dentro do Brasil, não sendo conectado com outras unidades da federação por rodovias, a dinâmica fluvial local, com destaque para o porto de Santana, abre perspectivas de integração não só na esfera regional, mas mesmo em uma maior amplitude. Capaz de receber embarcações de grande calado, o porto de Santana articula uma rede de transportes e comunicação, por meio de vias fluviais ou de conexão com a malha rodoviária, a partir de Belém, oferecendo ainda à Guiana novas opções de abastecimento interno ou escoamento de mercadorias por via marítima. (CASTRO; PORTO, 2007, p. 53).

A viabilidade do Porto de Santana é justificada pelo alto potencial de navegação quando comparado ao principal porto do país, o Porto de Santos (SP), o que corrobora para que o Estado do Amapá ocupe posição geográfica privilegiada neste corredor, determinante para o desenvolvimento da região. Para Castro e Porto (2007, p. 52) no caso da Guiana Francesa que os rios não são propensos à navegação, este porto representa não apenas conexão com a região Amazônica, mas com o continente sul americano e também com todo mercado mundial.

Entretanto, do ponto de vista geofísico é o Amapá que deverá se tornar um importante elo de conexão para a Guiana: o *plateau* das Guianas encontra-se isolado fisicamente do resto da América do Sul, dentro do que as próprias autoridades francesas designam como um enclave. As duas únicas rodovias existentes que levam de um lado ao rio Mahony, através do qual se chega ao Suriname por balsa – e, de outro, ao rio Oiapoque, na divisa com o Brasil.

Os rios na Guiana Francesa não são navegáveis, porque muitos cheios de cachoeiras e corredeiras; toda a costa se encontra sob a influência de um regime fluvial-marítimo severo que assoreia portos, cria bancos de areia e áreas de erosão em permanência.

Martins, C. (2008, p. 99) suscita em seu trabalho “Relações Bilaterais Brasil/França: a nova perspectiva brasileira para a fronteira Amapá/Guiana Francesa no contexto global” a discussão sobre o porquê de a França não ter interesse em participar do Tratado de Cooperação da Amazônia, mesmo que Brasil, Departamento Ultramarino Guiana Francesa, Suriname e Guiana apresentem-se no contexto atual com grandes vantagens para integração multilateral. Segundo a autora, mesmo diante desta perspectiva, a França fez questão de estabelecer apenas relações bilaterais com estes países, exemplificando inclusive o caso das relações bilaterais envolvendo Brasil/Argentina, intitulado: Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento Brasil-Argentina<sup>24</sup> que evoluiu para o multilateralismo com a inserção do Uruguai e Paraguai, gerando o Tratado de Assunção, em 1991, e atribuiu personalidade jurídica ao Mercosul. No entanto, para a autora “a cooperação fronteiriça Amapá/Guiana Francesa, que completou dez anos em 2006, não alcançou aquele estágio, de modo que Brasil e França mantêm-se firmes na opção pelo bilateralismo”.

Assim, cada eixo de integração produzirá implicações, principalmente com a conclusão da ponte sobre o rio Oiapoque (Fotos 20 e 21), dinamizando ainda mais a região, indicando novas articulações, e contribuindo para evolução dos problemas sociais e urbanos entre as cidades envolvidas: Oiapoque (Brasil) e Saint George (Guiana Francesa). Por isso, é urgente uma projeção de políticas públicas para avaliar os impactos produzidos a partir destas novas relações transfronteiriças.(OLIVEIRA; GUERRA, 2010b).

---

<sup>24</sup>O **Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento** foi assinado entre os governos do Brasil e Argentina, em 29 de novembro de 1988. O objetivo do tratado era constituir, no prazo máximo de dez anos, um espaço econômico comum por meio do livre comércio recíproco.

**Foto 15-** Obra da Ponte Binacional. Lado brasileiro



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

**Foto 16 -** Obra da Ponte Binacional. Lado francês



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Para Trindade Júnior (2010, p. 108) no caso de Oiapoque/Saint George descortina formações socioeconômicas e culturais bastante distintas. Este aspecto ocorre porque nos lugares fronteiriços as paisagens, mesmo que contínuas, apresentam traços culturais distintos. Entretanto, na concepção do autor é importante entender “que as paisagens nem sempre dão conta de mostrar a unidade sócio-espacial que caracteriza a dinâmica das fronteiras. Isso acontece, em grande parte, pela formalidade com que são tratadas do ponto de vista político”.

Assim, mensurar o grau de importância destas duas cidades a partir da construção da ponte binacional, seja no eixo local quanto global, são apenas projeções especulativas. Mas não é possível negar que Oiapoque, neste processo, apresenta-se com inúmeras desvantagens quer do ponto de vista econômico, social ou urbano, como já descrito anteriormente.

**Foto 17** - Paisagem urbana de Oiapoque



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

## 2.2 Fronteira: conflitos e tensões nas relações sociais

Por conta da forte repressão por parte do governo francês no combate a migração ilegal via Guiana Francesa para seu território, atualmente exige-se visto expedido pelo Consulado Francês para que os migrantes adquiram o direito de livre trânsito neste departamento. Esta situação causa um sentimento de revolta, principalmente para quem tenta entrar via município de Oiapoque. Em contrapartida, qualquer cidadão francês que queira adentrar o território brasileiro, basta que se dirija à Polícia Federal e carimbe seu passaporte na entrada e na saída do Brasil. O interessante é que se um brasileiro quiser viajar até a França, o procedimento é o mesmo que qualquer cidadão francês faz para entrar no Brasil, basta o carimbo no passaporte. No entanto, para o estrangeiro entrar na Guiana Francesa é obrigatório ter a *Carte de Séjour* caso seja legalizado.

A justificativa, segundo Pinto (2008, p.148), está no significado que este território representa para a França que “controla ideologicamente, administrativamente e militarmente toda a região da Guiana”. O autor acrescenta que, apesar dos esforços da Comunidade

Europeia em proporcionar para região, principalmente a partir da departamentalização, o desenvolvimento local e melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, o Estado francês parece ter outra preocupação:

Um dado que chama a atenção é a crescente militarização da Guiana Francesa, que vem aumentando cada vez mais nas últimas décadas. Uma das cenas mais comuns em Cayenne e em outras cidades do Departamento é a constante presença de soldados (inclusive paramilitares com é o caso da PAF), tanto de polícias especializadas quanto do próprio exército francês. As diligências, as rondas, as operações na fronteira, as abordagens realizadas contra imigrantes, a presença dos lendários Legionários no território guianense, fazem da Guiana Francesa uma verdadeira área militar, e de rígido controle social. (PINTO, 2008, p. 157).

Para os amapaenses não é nenhuma surpresa a veiculação diária sobre incidentes envolvendo brasileiros e a polícia francesa, principalmente no que tange ao tratamento dispensado aos brasileiros que tentam entrar irregular em seu território via cidade de Saint George. A queixa maior é o fato de que os franceses nem são “incomodados” pelas autoridades brasileiras quando querem visitar o município e até mesmo o Estado do Amapá. Esta circulação de estrangeiros em território brasileiro é facilmente demonstrada através de um relatório expedido, pela Polícia Federal de Oiapoque, através de seu Núcleo de Migração, conforme Tabela 2 a seguir:

**Tabela 2** - Estatística do Núcleo de Migração da Polícia Federal - Anos: 2009 e 2010

Ano/2009			Ano/2010		
Mês	Entrada de Estrangeiros	Saída de Estrangeiros	Mês	Entrada de Estrangeiros	Saída de Estrangeiros
Jan	458	961	<b>Jan</b>	727	1.502
Fev	604	442	<b>Fev</b>	<b>1.135</b>	1.044
Mar	343	493	<b>Mar</b>	<b>1.276</b>	809
Abr	806	776	<b>Abr</b>	1.015	1.254
Mai	584	579	<b>Mai</b>	925	930
Jun	446	401	<b>Jun</b>	804	714
Jul	<b>1.986</b>	1.155	<b>Jul</b>	<b>1.735</b>	930
Ago	<b>2.120</b>	2.533	<b>Ago</b>	<b>1.573</b>	1.972
Set	888	967	<b>Set</b>	630	720
Out	1.489	1.075	<b>Out</b>	1.143	823
Nov	988	1.316	<b>Nov</b>	820	962
Dez	<b>2.005</b>	968	<b>Dez</b>	1590	809
Total	12.717	11.666	<b>Total</b>	13.373	11.425
<b>Total de entradas 2009/2010</b>			26.090		
<b>Total de saídas 2009/2010</b>			23.091		

Fonte: Delegacia da Polícia Federal no Oiapoque (2009/2010).

Na Tabela 2 é possível identificar o fluxo intensivo destes estrangeiros no território brasileiro, confirmando assim que estas relações sociais são extremamente próximas. Para os franceses é normal essa travessia. Ir ao Oiapoque fazer compras, almoçar num restaurante, ir à feira; se deslocar até Macapá e passar um feriado ou férias com a família. A tabela permite ainda visualizar que os meses de julho e agosto apresentam maior fluxo, o que coincide com calendário de férias na Guiana Francesa<sup>25</sup>. Também demonstra uma maior entrada no mês de dezembro em função da movimentação para capital Macapá nas festas de final de ano, que há alguns anos tem atraído estes estrangeiros.

Estes episódios na fronteira também são presenciados pela população guianense com estranheza, que por conta de que uma exigência diplomática altera essas relações, e produz uma interrogação: por que é mais fácil um brasileiro entrar na metrópole legalmente, do que no departamento francês que faz fronteira com o Brasil? Esta situação descortina vários interesses e coloca os trabalhadores brasileiros numa relação desigual que alimenta o mercado ilegal para atravessar os “sem papel”, serviço disponibilizado pelos chamados “coyotes”<sup>26</sup> que não oferecem a estes nesta aventura, nem mesmo a garantia da chegada ao destino, seja por expulsão ou morte durante a travessia, seja em direção aos garimpos ou para as cidades do DUF. A atividade de atravessar clandestino tem sido uma alternativa para os nativos da região, como enfatizam Canejo e Paiva (2005, p. 39):

Com ou sem a tal carta de salvo-conduto, os brasileiros vão e voltam várias vezes, aos milhares todos os meses. Não sem a ajuda de nativos da Guiana Francesa, especializados em driblar a policia local nas madrugadas pela selva. Um desses ajudantes, conhecido como ‘Picolé’, tornou-se figura famosa em Oiapoque. Protegido por sua legalidade de nativo, ele já fez de tudo: de remar canoas a dirigir carros pelo meio da floresta, sempre abarrotadas de brasileiros. Com a experiência de anos nesse ‘trabalho’, ele conta que são cerca de cem pessoas por dia atravessando o rio. Apesar de hoje ter um emprego fixo e ganhar cerca de mil reais por mês. Picolé cogita voltar a trabalhar com a travessia noturna: ‘Não tenho outro jeito, preciso de mais dinheiro’, dentro da lógica regional de que a ilegalidade é quase uma necessidade.

<sup>25</sup>Durante a pesquisa de campo foi visitado o local onde os taxistas ficam à espera de passageiros, localizado na Av. Beira Rio e alguns relataram que o município fica “movimentado” quando há algum evento tais como: feira internacional, encontro transfronteiriços, carnaval, final de ano e etc. As viagens a campo para Oiapoque foram todas de ônibus justamente para observar como se dá esta dinâmica, e em todas observou-se o grande o fluxo de franceses viajando para Macapá com toda a família.

<sup>26</sup>Estas pessoas geralmente são brasileiros, às vezes naturalizado francês que fazem parte de uma rede especializada em atravessar clandestinos com uma logística que oferece a estes trabalhadores uma espécie de “pacote” de viagem rumo ao Departamento francês, seja pelo mar ou estrada. Durante minha pesquisa de campo em setembro de 2010 para a cidade de Cayenne foi possível observar na estrada um carro que havia capotado na semana anterior transportando clandestinos. Segundo o motorista da “navette” (uma espécie micro ônibus que faz o transporte legal saindo de Saint George) estes acidentes ocorrem com frequência porque os carros correm mais que o permitido para fugir das constantes abordagens da policia francesa na rodovia.

Para Soares (1995, p. 60) aqueles que tentam cruzar esta fronteira, principalmente em direção aos garimpos, experimentam tamanha adversidade “cujo ato de superá-las é comparável a rituais de entrada, de partida – rituais de passagem”. A trama destas aventuras é realçada pela autora:

Segundo uma autoridade consular brasileira da GF, muitos desses naufrágios nem chegam ao conhecimento das autoridades, mercado da viagem clandestina toma cuidados para evitar sua divulgação. Há menções de ocultamento de cadáveres de afogados, nos lamaçais dos manguezais para evitar que sejam encontrados e que o negócio seja alvo de denúncias. (SOARES, 1995, p. 68).

No contexto atual da Amazônia, o olhar se volta para fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, em que esta é percebida como área estratégica no cenário geopolítico, principalmente pelo grande potencial que se apresenta no mercado nacional e internacional. No entanto, a cidade de Oiapoque ainda faz parte do Brasil atrasado. Para quem chega a esta região, não é difícil perceber a fragilidade de nossa soberania diante de um país europeu. O desinteresse histórico por parte do governo brasileiro que empurra seus cidadãos nesta busca perigosa por trabalho e melhoria de qualidade de vida em direção ao território francês, contribui para tornar este cenário cada vez mais complexo. As altas taxas de desemprego e falta de políticas públicas, principalmente na região norte, acaba sendo fator de expulsão e com poucas possibilidades de contenção desta migração.

**Foto 18** - Catraia ou voadeira: transporte mais usual na fronteira



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2009

Como descrito anteriormente, esta travessia clandestina em direção ao Departamento francês pode ser realizada tanto por via marítima, através de canoas, chamadas também de catraias, ou por via terrestre (estrada ou mata). A estrada saindo da cidade de Saint George e a ponte sobre o rio Approuague, estão concluídas. Para controle do tráfego de pessoas foi implantada uma barreira ao longo da estrada em direção à Cayenne<sup>27</sup>. A fiscalização para conter a migração clandestina é feita por equipes de policiais da PAF, *Gerdarmerie* e Legião Estrangeira.

Este movimento migratório tem despertado o interesse e, ao mesmo tempo, preocupação de autoridades locais e internacionais, visto que a facilidade de anos atrás em atravessar a fronteira está sendo cada vez mais combatida pelo governo francês. Este fenômeno é muito bem apresentado por Pinto (2008, p. 24) em seu estudo sobre a migração para a Guiana Francesa:

Ao criminalizar a migração, a França não só vira as costas a um sério problema moral como esquece também de contradições regionais que ela mesma patrocinou ao longo da história na região. O que poderia esperar um país desenvolvido, que resolveu fixar território ao lado de uma região cheia de contrastes socioeconômicos? Qual o preço que a França, ou melhor, a Comunidade Européia vai pagar por estas políticas que além de serem míopes, também são claramente insustentáveis?

A Ordem dos Advogados do Brasil - Secção do Amapá –, encontra-se preocupada com a situação de conflitos que tem se intensificado nesta região de fronteira, e por conta de vários incidentes envolvendo maus-tratos de trabalhadores brasileiros em solo francês. Em função disso, durante o I Encontro Internacional Transfronteiriço, elaborou um documento e lançou as seguintes propostas:

1 – Assistência legal aos brasileiros, que se encontram presos nos países fronteiriços, por parte dos Advogados locais, mediante regime de reciprocidade, a ser firmado com a entidade representativa da advocacia de cada país, por partes dos Advogados brasileiros, que assistirão aos estrangeiros que se encontram em igual situação em nosso país; 2 - Visita de reconhecimento e avaliação nos estabelecimentos penais e prisionais nos países fronteiriços, com o propósito de avaliar as condições em que ali se encontram os cidadãos brasileiros, a fim de que sejam observados os

---

<sup>27</sup>As catraias são utilizadas por estes clandestinos principalmente quando o destino é trabalhar nos garimpos ilegais da Guiana Francesa. O transporte terrestre é utilizado para aqueles que querem trabalhar em cidades da Guiana Francesa. Inclusive durante a pesquisa em Cayenne, foi observada uma intensa fiscalização da polícia, a qual parou a “*navette*” uns 20 minutos após a saída de Saint George, e um pouco antes da chegada a Cayenne para assim evitar que alguém entrasse no veículo no meio da Estrada. De forma estratégica a barreira policial foi colocada na entrada (ou saída) de uma das maiores picadas dos garimpeiros ilegais. No local os policiais fazem a fiscalização de pessoas e veículos, a documentação é exigida, e levada a uma cabine policial informatizada para averiguar sua veracidade. Os brasileiros clandestinos, antes de chegar nesta barreira descem do carro ou da *navette* e entram na mata, mais adiante eles entram novamente no veículo, para fugir da fiscalização.

princípios que regem o respeito aos Direitos Humanos, sem discriminação de qualquer espécie.

3 – A necessidade de instalação de Órgãos do Ministério do Trabalho do Brasil na região de fronteiras, objetivando orientar os nacionais que venham a trabalhar nos países vizinhos, para efeito de preservação dos seus respectivos Direitos Trabalhistas; 4 – A intensificação da presença da Polícia Federal Brasileira - contando com assistência do Ministério Público - no combate à exploração sexual e ao tráfico de menores na região fronteira, observado igual rigor nas ações em relação ao tráfico de drogas; 5 – Que seja observado o devido processo legal na extradição dos brasileiros na região dos países fronteiriços. (AMAPÁ/OAB, 2009).<sup>28</sup>

O Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF) salienta muito bem a preocupação do Ministério da Integração Nacional. O relatório se refere a esta problemática e às perspectivas de desenvolvimento que vêm apresentando as regiões fronteiriças do Brasil:

O novo PDFF depara-se com desafios estratégicos visando à mudança de mentalidade no tocante às fronteiras, que não pode mais ser entendida exclusivamente como uma agenda negativa, uma região concentradora e propícia à prática de delitos diversos, marcadamente o narcotráfico, a prostituição, a violência e abusos diversos dos direitos humanos, e sim como uma região com a singularidade de catalisar processos de desenvolvimento sub-regional e de integração regional. Além disso, faixas contínuas dos países apresentam vantagens comparativas para provocar o fortalecimento regional com base em características políticas e propósitos comuns. Vale enfatizar que o Brasil faz fronteira com quase todos os países da América do Sul (dez deles), o que reforça o caráter estratégico desta região para a competitividade do país e para a integração do continente. (BRASIL, 2005, p. 12).

Em matéria veiculada pelo Jornal do Dia, em 23 de março de 2010<sup>29</sup> consta que a Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, através de sua Comissão de Relações Exteriores e Defesa do Estado, está buscando solução para os conflitos, que poderiam ser resolvidos com a implantação de um posto do Itamaraty e vice-consulado na cidade de Oiapoque. A propósito disto, o presidente desta comissão, Deputado Estadual Paulo José da Silva Ramos entende que “enquanto o governo federal não instalar uma representação do Itamaraty em Oiapoque, o tradicional conflito entre brasileiros e polícia francesa vai continuar colocando em risco a relação entre ambos os países”. O deputado foi crítico em relação ao conflito que tem matado brasileiros que, segundo ele, acontece por conta da “inércia do governo federal, que não tem feito absolutamente nada. Cria dificuldades para que a gente possa avançar em alguns projetos e a partir dessa consolidação diminuir essa relação de fragilidade”.

<sup>28</sup>Propostas da Ordem dos Advogados do Brasil para inclusão na Carta do I Encontro Internacional transfronteiriço, realizado em Oiapoque/Amapá, em 3 e 4 de junho de 2009.

<sup>29</sup> [http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir\\_not&idnoticia=21147](http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=21147)

Por conta de vários incidentes ocorridos no ano de 2010, naquela região, este assunto suscitou a preocupação até mesmo da bancada do Amapá no Senado Federal. Assim, em discurso proferido por Giovani Pinheiro Borges (PMDB/AP), suplente e irmão do Senador Gilvam Pinheiro Borges, sobre a situação grave pela qual passa a fronteira do extremo norte do Brasil, consta que:

Ainda no ano passado, o Senador Gilvam Borges, coordenador da Bancada Federal do Estado do Amapá, foi recebido em audiência pelo Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, para tratar de dois assuntos. O primeiro deles foi exatamente a criação de um escritório consular em Saint George, Guiana Francesa, fronteira do Oiapoque, Brasil, a fim de estreitar as relações entre as duas nações, dinamizando o controle migratório que, lamentavelmente, tem sido responsável pela existência de graves conflitos. O segundo pedido que levou o Senador Gilvam Borges a encontrar-se com o Ministro das Relações Exteriores foi a formalização de pedido de informação a respeito do andamento do processo de construção da ponte binacional sobre o rio Oiapoque, que ligará a Guiana e o Brasil. Já estão em andamento as obras da ponte. Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, os conflitos envolvendo os brasileiros e a polícia francesa não são recentes e não são difíceis de ser explicados. Um olhar atento ao mapa do Amapá e logo nos asseguramos de que mais um pouco e o meu Estado seria uma península no território brasileiro. Situado no extremo norte da Amazônia, coloca, em termos geopolíticos, a Europa e a América do Sul como continentes vizinhos, e, em termos comerciais, aproximam a União Européia e o Mercosul. Por essas razões, lá nós precisamos desenvolver uma cooperação inédita as relações entre as duas nações: a fronteira. As fronteiras, em todos os países, apresentam-se na história nacional como áreas vulneráveis, fontes de preocupação constante, lugar onde a questão da soberania é imperativa. No caso da fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, isso assume contornos críticos, pois a região que concentra a maior biodiversidade do planeta se encontra no foco das atenções nacionais e internacionais. (BRASIL/SENADO FEDERAL, 17/03/2010).

O fenômeno migratório na Amazônia não é um processo recente e deve ser analisado como uma arena de conflitos que coexiste em constante diálogo com as transformações do mundo globalizado (OLIVEIRA; GUERRA, 2010b). Por isso, estudar o fenômeno da migração de trabalhadores brasileiros em direção a países desenvolvidos, sintetizando seus possíveis impactos no mundo atual, é fazer uma viagem histórica retratando de forma gradativa acontecimentos e fatos com implicações sociais, econômicas, políticas e culturais; e assim contribuir com o conhecimento científico não de maneira estanque, mas como movimento contínuo de seguidas descobertas e transformações, para que de alguma forma não só a comunidade científica, mas a própria sociedade civil seja beneficiada por estas conquistas.

### **3 O PERFIL DO TRABALHADOR BRASILEIRO NA FRONTEIRA**

#### **3.1 A conjuntura migratória de mão-de-obra brasileira em função do território guianense**

A questão migratória para a Fronteira entre a Guiana Francesa (FR) e o Amapá (BR) consiste em um elemento de construção desse território ao norte da floresta amazônica, seja por migração planejada e incentivada pelo Estado no intento de promover seu povoamento ou migração espontânea induzida por fatores econômicos (PIANTONI, 2009). Fato é que este território está localizado em uma rica região em minério e recursos naturais, cujo uso e ocupação durante séculos incorrem em parcerias e conflitos, em interação e desintegração, em oportunidades e ilusão.

É preciso diferenciar os conceitos de “migrante” ou “imigrante”, já que não se estabelecem de maneira unívoca e estanque, pois configuram categorias examinadas por diversas áreas como a Geografia, Sociologia, Antropologia, História e Economia. Segundo Soares (1995, p. 18), o migrante só é percebido no seu ponto de chegada, no seu local de origem ele não existe e é normalmente caracterizado pelos seus contrastes. Neste sentido, “é a decisão de migrar que vai ser o critério por excelência para distinguir o migrante do não migrante”. Em se tratando de fronteira, o deslocamento de migrantes/imigrantes compõe-se de constante movimento, vê-se em relatos coletados durante a pesquisa de campo, histórias de idas e vindas, como um fluxo perene. Para Sayad (1998) o “imigrante” em seu fundamento, nasce com caráter de ser provisório, mas ao contrário, vemos cada vez mais a tendência de migrações duradouras, pessoas e grupos familiares que optam por se instalar, em lugares onde anelam um trabalho temporário.

Neste sentido, os conceitos de migrante e imigrante parecem indefiníveis e ao mesmo tempo definíveis por construções dependentes da conjuntura histórica; diretamente ligado e influenciado por interesses econômicos e políticos. E que, portanto imergido em antagonismos que refletem bem a compreensão do que seja a migração de brasileiros para a fronteira entre o município de Oiapoque e a Guiana Francesa, como “produto histórico de determinações sociais, que constituem uma região” (SAYAD, 1998, p. 21).

Neste estudo opta-se por considerar as pessoas que se deslocam nesta fronteira como migrantes, pois estes sujeitos parecem viver em constante movimento de migração. A faixa de fronteira se impõe não apenas como um território, mas como “lugares”, exceto por grande

parte dos entrevistados na cidade de Cayenne (Capital da Guiana Francesa) que mesmo na condição de clandestinos parecem motivados a se instalarem e consideram “seus ‘bairros’ como seu lugar, sua casa” (MARTINS, R., 2010, p. 50). Os migrantes da fronteira entre Amapá e Guiana Francesa entram e saem de localidades e territórios que lhes oferecem oportunidades de trabalho, são expulsos para seus locais de origem, e embarcam sempre em nova tentativa de travessia, aliás, quantas vezes forem necessárias. Por isso opta-se por considerá-los migrantes: indivíduos que vivem a necessidade de migrar, que estão em constante fluxo migratório por indução de situações políticas e econômicas, sustentam e são absorvidos por relações de trabalho precarizado, temporário, informal e irregular.

Segundo análises de Piantoni (2009) sobre a questão migratória na Guiana Francesa, o movimento de migração ao longo da história deste Departamento foi um importante elemento de seu desenvolvimento; concernente à ocupação do território e à gestão de atividades econômicas dependentes de mão-de-obra importada, dada a incipiência demográfica da região, condição tal que guarda similitudes ao processo de ocupação e desenvolvimento da Região Norte do Brasil, inerentes aos espaços amazônicos. De acordo com o autor, a migração na Guiana Francesa é caracterizada como uma necessidade para a conformação do projeto do Estado francês de uma economia planejada, de tipo capitalista, orientada para exploração industrial e de potencialidades dos recursos naturais guianês do setor privado no DUF. Por isso, inicialmente a migração estrangeira foi planejada pela necessidade de mão-de-obra e em função do desenvolvimento de atividades auríferas (ouro) e principalmente a partir da construção do Centro Espacial Guianês em Kourou (1960). Houve e ainda há um movimento migratório espontâneo de trabalhadores brasileiros para os centros urbanos da Guiana Francesa, Kourou e Cayenne:

classicamente, os imigrantes investigados no meio urbano (caso de Cayenne) são majoritariamente dos Estados Federais do Amapá e do Pará. As duas capitais, Macapá e Belém, alimentam um fluxo constante de imigrantes legais, ilegais e clandestinos. (PIANTONI, 2009, p. 118, tradução nossa).<sup>30</sup>

O incentivo à migração para o DUF por parte dos brasileiros envolve o fascínio do “ouro” e do “Euro” na interface Brasil-Guyana, uma ilusão lendária do Eldorado. Segundo Police (2010) este aspecto assume um papel chave dentro da dinâmica e organização das representações e símbolos que estruturam o imaginário na interação Guiana-França/Amapá-

---

[...] classiquement, les immigrants interrogés dans le milieu urbain (câs de Cayenne) sont majoritairement issus des Etats fédéraux d’Amapá et du Pará. Les deux capitales, Macapá et Belém, alimentent um flux Constant d’immigrants légaux, illégaux et clandestins.

Norte-Brasil. “*La Guyane est, dans Le regard des brésiliens qui la découvrent, une terre promise, un mythe à portée de la main*”<sup>31</sup> (POLICE, 2010, p. 57), acentuado pela possibilidade de elevados rendimentos, comparados aos salários no Brasil e pelo acesso a proteção social e de saúde que o Estado francês oportuniza mesmo aos que são clandestinos.

Na realidade existe hoje na Guiana Francesa uma pluralidade étnica em função desses processos migratórios. Este é um dos elementos constitutivos do DUF mais marcantes. A população estrangeira na Guiana recenseada em 2006 foi de 77.704 habitantes. Destes, 22% (16.883) declararam nacionalidade brasileira (INSEE, 2006), nestas estatísticas não são computados os clandestinos. Soares (1995) distinguiu as etnias mais representativas: *Creoules, Hmong*, chineses, indígenas, brasileiros, haitianos, indianos e antilhanos. Essa pluralidade étnica confere à Guiana Francesa uma sociedade antagônica, paradoxal, em construção de uma identidade ou construída sob a égide de identidades, culturas que moldam um caráter peculiar a esse departamento.

A presença significativa de brasileiros compondo a população guianense justifica-se pelo mercado da construção civil em Cayenne e *Kourou* e ao garimpo<sup>32</sup>, que absorvem a maioria desses trabalhadores, principalmente os clandestinos. Há situações em que as empreiteiras pagam vencimentos abaixo do salário mínimo francês, não pagam impostos, e há casos em que negligenciam o pagamento aos trabalhadores ilegais no DUF, denunciando-os as autoridades competentes após a conclusão dos empreendimentos (SOARES, 1995).

De acordo com Arouck (2003) os migrantes brasileiros são considerados pelos guianenses trabalhadores hábeis nos serviços de construção civil, principalmente na marcenaria e carpintaria, alguns inclusive tornaram-se trabalhadores autônomos, os chamados *artisans*, normalmente trabalham como subempreiteiros. Os brasileiros se destacam também em atividades como: a pesca, extração de madeira, agricultura, além da atividade mineradora como garimpeiro. Enfatizamos também o crescente número de mulheres imigrantes no DUF, como indicado por Pinto (2008), há uma feminização da migração brasileira para Guiana Francesa, antes predominantemente masculina. Apesar do estigma sobre as mulheres brasileiras envolto no “mercado do sexo”, o campo de trabalho para essas migrantes se diversifica em áreas do setor doméstico, vendas, restaurantes e beleza (cabeleireiras, manicure e pedicure) e até motorista de *navette*<sup>33</sup>, tal como apresentado na Foto 19, a seguir:

<sup>31</sup> A Guiana é do ponto de vista dos brasileiros que a descobriram - uma terra prometida - um mito ao alcance da mão.

<sup>32</sup> Em francês se chama *L'orpaillage*, que significa exploração artesanal de ouro.

<sup>33</sup> Empresas que fazem o transporte de pessoas para as cidades de Cayenne, Reginá e Saint Georges.

**Foto 19** - Amapaense, 37 anos, motorista de *Navette*, chegou à fronteira na década de 90 e mora em Cayenne



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

É interessante notar que os campos de trabalhos ocupados por brasileiros se restringem às atividades com nível de escolaridade e profissionalização menos valorizadas pelos cidadãos franceses. São poucos os brasileiros bem sucedidos no DUF. Pinto (2008, p. 115) resume os resultados de sua pesquisa no tocante aos tipos diversificados de imigrantes, apontando que “todos acabam obedecendo à lógica da desqualificação, do baixo nível cultural e com pouca escolaridade”. Na verdade, há uma espécie de estratificação étnica e social a partir da atividade de ocupação imprimida as diversas nacionalidades que compõem a sociedade guianense, “comércio com os chineses; construção civil com os brasileiros; pescaria com os ingleses, hortaliças com os homongs etc.” (p. 181). Atualmente a maioria destes trabalhadores migrantes se desloca para o DUF de forma ilegal, suas relações de trabalho são irregulares e sua existência é ocultada. Eles compõem a população invisível da Guiana Francesa: os clandestinos.

Como abordado antes, pesquisas (PINTO, 2008; PIANTONI, 2009; MARTINS R., 2010; POLICE, 2010) demonstram que o principal motivo da migração para Guiana Francesa, seja legal, ilegal ou clandestina, é a busca por melhores condições de vida, acesso a trabalho, à saúde e à educação. Mas que condições são estas de trabalho na Guiana Francesa? Melhores níveis de consumo significam qualidade de vida? Não é o que demonstram as teses e dissertações analisadas, sobre a vida de trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa.

As dificuldades dos migrantes clandestinos em busca de trabalho na GF começam já no seu deslocamento e travessia da fronteira para o DUF. Entre o final do século XX e início

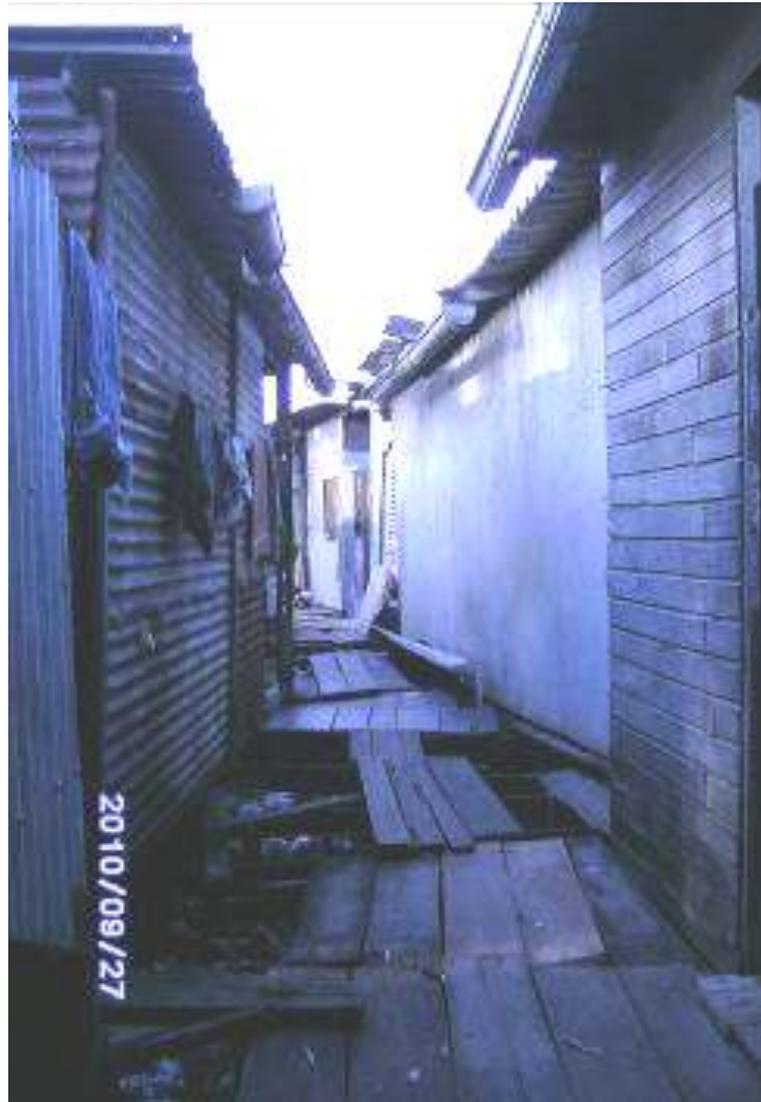
do século XXI, as formas de entrada ilegal tem se diversificado e causado conflitos dramáticos pela intensificação de políticas de combate a migração clandestina na Guiana Francesa. Pessoas atravessam diariamente o rio Oiapoque na tentativa de chegar a Cayenne, podendo ser efetuado via mar (Oceano Atlântico) ou floresta (mata amazônica). Estas rotas registram conflitos e dramas de clandestinos e até mesmo vidas ceifadas ao longo da história desta fronteira<sup>34</sup>.

A questão mais grave levantada por Arouck (2003), Pinto (2008) e Martins, R. (2010) refere-se às condições de residência dos brasileiros em Cayenne. O custo para comprar ou mesmo alugar um imóvel na cidade é muito elevado até mesmo para quem é legalizado. Esta situação, agregada à clandestinidade, fomentou a invasão de áreas sem planejamento habitacional, formando bairros favelados, originalmente conhecidos como bairros de brasileiros. São áreas sem estrutura mínima de saneamento e abastecimento de água e energia, captados de forma clandestina pelos brasileiros. As casas são improvisadas, feitas de restos de madeira e zinco, como constatado durante a pesquisa de campo e que consta na Foto 20:

---

<sup>34</sup>Esses dramas e histórias serão detalhados no capítulo IV desta dissertação.

**Foto 20** - Matinha, área de invasão de brasileiros em Cayenne



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Segundo Martins, R. (2010, p. 50), muitos trabalhadores clandestinos da construção civil não conseguem nem ao menos esses lugares para morar e vivem nos canteiros de obras, ou alugam um cômodo. Em alguns casos, até mesmo um espaço que mal cabe um colchonete, em casas de brasileiros legalizados, são oferecidos alojamentos que custam 100 euros ao mês. Estas “casas” são identificadas e analisadas pela autora como um dos espaços de relações sociais dentro das experiências vividas por estes imigrantes no DUF, ao mesmo tempo em que se torna um lugar de solidariedade e intolerância na tensão da vida clandestina.

Para o migrante clandestino estas casas muitas vezes transformam-se em não-lugares, pois nelas, o que parecia ser um “porto seguro”, no qual poderiam juntar dinheiro para retornar ao país de origem e realizar as aspirações levadas na partida, se dissipa ao enfrentarem problemas como depressão, alcoolismo e rejeição por parte dos moradores do imóvel.

Os clandestinos não enfrentam apenas a realidade de estarem ilegais e desempregados em território estrangeiro, mas a individualidade e intolerância dos legalizados e nativos que muitas vezes usufruem de sua condição para explorar seu trabalho. Vivem em constante tensão na expectativa de a qualquer momento serem pegos e extraditados, dado ao acirramento no combate aos ilegais na Guiana francesa pelo Estado francês na última década. A intensificação da fiscalização do território guianês tem provocado conflitos na fronteira, principalmente entre garimpeiros e *Gendarmeries*. O propósito dessas políticas é combater os garimpos ilegais, outra atividade de maior atração de trabalhadores brasileiros para o DUF.

Historicamente, as relações de trabalho informal, seja na exploração aurífera seja na construção civil, movem a fronteira entre o Brasil e a França no Platô das Guianas. O rico território foi motivo de conflitos diplomáticos por sua posse, uso e ocupação, e hoje, apesar das limitações jurídicas de fronteira entre os Estados, configura uma formação social associada diretamente às relações transfronteiriças do uso desse território como espaço comum de convivência entre as duas nações, por sujeitos que produzem sua existência por meio dessas relações de trabalho e economia. E assim, dezenas de trabalhadores migrantes brasileiros se aventuram em busca de trabalho na fronteira, em sua maioria do lado francês, mesmo aqueles que residem em solo brasileiro, como é o caso da localidade de Vila Vitória e a cidade de Oiapoque cuja organização e estrutura funcionam em função do outro lado.

### **3.2 Caracterização dos trabalhadores migrantes brasileiros**

As relações de trabalho na fronteira como vimos, atendem a uma demanda externa, em condições de subtrabalhos, alimentados pela migração de trabalhadores brasileiros de baixa renda, pouca escolaridade e qualificação profissional (PINTO, 2008). Considera-se necessário um aprofundamento sobre as relações de trabalho vivenciadas por esses trabalhadores; como parte da aproximação da realidade social ao qual são submetidos cotidianamente em suas relações sociais no processo de migração e exploração do homem nesse território, que se fez e se faz de forma *sui generis* aliado aos interesses dominantes do modo de produção regional, que sempre esteve atrelado às necessidades de expansão e recursos naturais do sistema econômico vigente (PICOLI, 2006). Discorrer-se-á sobre os dados coletados em pesquisa de campo e formatados em gráficos e tabelas, que de forma alguma prescindem das correlações de pesquisas já mencionadas, para uma melhor interpretação do perfil desses trabalhadores migrantes.

Os estudos recentes (PINTO, 2008; PIANTONI, 2009, MARTINS R., 2010) sobre a migração para a fronteira entre Amapá e Guiana Francesa indicam que a origem desses migrantes concentra-se entre os Estados do Pará, Amapá, Maranhão e Piauí, com pouca diversificação entre outros Estados. No estudo realizado na Tabela 3, identificaram-se números que reafirmam tais procedências, com Pará (41%), Amapá (24%) e Maranhão (23%) como Estados que mais possuem representatividade de naturalidade entre os migrantes. Porém, destaca-se que no município de Oiapoque, representados no estudo por Vila Vitória e a cidade de Oiapoque, os percentuais apresentam equidade entre o número de indivíduos naturais do Maranhão e Pará. Para Soares (1995) a presença expressiva de maranhenses em Oiapoque é motivado pelo trabalho no garimpo, e ressalta que os maranhenses compõem a maior parte dessa força de trabalho. Também para Andrade (2007) a população migrante que trabalha no garimpo é de origem predominantemente nordestina e nortista. A movimentação diária do porto de catraias na cidade de Oiapoque revela a dimensão de toda esta dinâmica migratória para esta região, em destaque na Foto 21 a seguir:

**Foto 21** - Movimentação diurna de um dos trapiches na orla do Oiapoque



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010.

No entanto, na cidade de Cayenne foram identificados números distintos, com pouca presença de naturais do Maranhão (8,33%), e massiva migração de paraenses (45,83%) e amapaenses (37,5). Os números também indicam que a representatividade de amapaenses no total da amostra é relativamente pequena em relação ao do Pará que junto ao Maranhão somam 64% contra 24% do Amapá. Tem-se então, apesar da fronteira ser entre o Estado

amapaense e a Guiana Francesa, um maior fluxo migratório de outras regiões em relação à migração oriunda do Amapá.

**Tabela 3 - Demonstrativo em números inteiros e percentuais da naturalidade dos migrantes entrevistados**

Cidade de Origem	Vila Vitória		Oiapoque		Cayenne		%
	Q	%	Q	%	Q	%	
Amapá	2	10,52	4	12,12	18	37,5	24
Amazonas	-	-	1	3,03	-	-	1
Bahia	-	-	-	-	1	2,08	1
Ceará	-	-	2	6,03	1	2,08	3
Maranhão	7	36,84	12	36,36	4	8,33	23
Pará	7	36,84	12	36,36	22	45,83	41
Pernambuco	1	5,26	-	-	-	-	1
Piauí	2	10,52	1	3,03	1	2,08	4
Rio Grande do Sul	-	-	1	3,03	-	-	1
Sem resposta	-	-	-	-	1	2,08	1
<b>TOTAL (Q)</b>	19		33		48		100

**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010.

Os Estados do Amapá (34%) e Pará (30%) também são as principais regiões de residência dos grupos familiares desses migrantes (gráfico 2), com 19% de diversificações distintas das classificadas em nosso formulário a partir dos estudos anteriores. A Tabela 4, a seguir, expõe outras procedências de residência dos familiares dos migrantes entrevistados, e surpreende pelo número de pessoas que possuem seu grupo familiar já estabelecido na Guiana Francesa (68,42 %) <sup>35</sup>, principalmente na capital Cayenne (42,10%). Outros Estados do Brasil foram mencionados, mas compreendem Estados localizados na região norte e nordeste.

**Tabela 4 - Cidades de origem do grupo familiar**<sup>36</sup>

Cidade de Origem	Quantidade	%
Tocantins	1	5,26
Roraima	1	5,26
Bahia	1	5,26
Ceará	1	5,26
Saint George	2	10,52
Cayenne	8	42,10
Reginá	1	5,26
Guiana Francesa	2	10,52
Sem resposta	2	10,52
Total	19	100

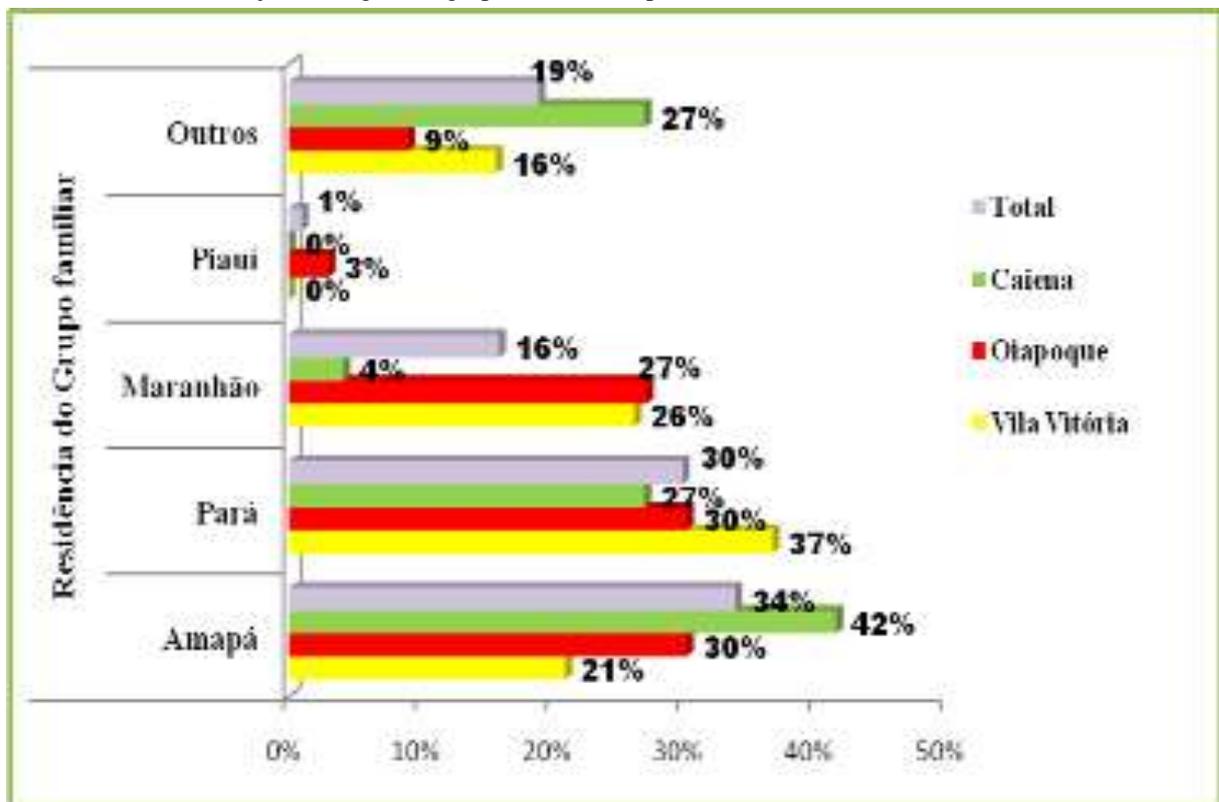
**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010.

<sup>35</sup>Soma entre os percentuais de Saint George, Reginá, Cayenne e Guiana Francesa.

<sup>36</sup>Identificadas no quesito outros do formulário de pesquisa.

Os números sobre as residências dos grupos familiares confirmam os argumentos apresentados anteriormente sobre a procedência desses migrantes, pois em Cayenne cerca de 4% corresponde a grupos familiares residentes no Estado do Maranhão em detrimento de 42% e 27% no Amapá e Pará, respectivamente. É significativa a presença de migrantes maranhenses que tendem a optar por residirem do lado brasileiro da fronteira e ao que se configura adiante, migram para trabalhar no garimpo. Em contrapartida, os migrantes paraenses e amapaenses optam por fazer a travessia em direção às cidades guianenses, em particular a capital Cayenne. Ressaltamos a hegemonia dos migrantes de origem paraense, cuja presença nas três áreas de estudos é dominante em relação aos outros Estados, somando no total 41% dos entrevistados.

**Gráfico 2** - Discriminação da origem do grupo familiar em percentual.



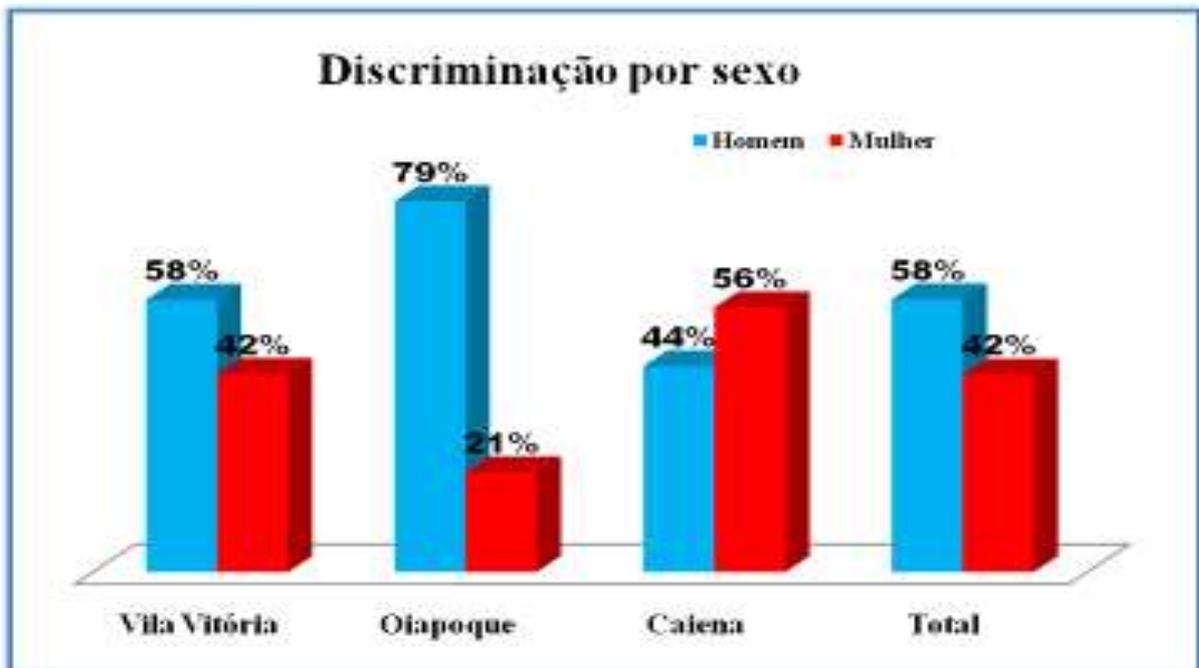
**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010.

Arouck (2003), ao qualificar estes migrantes, reforça a ideia de não ser possível uma qualificação dos migrantes brasileiros na Guiana, dado a inexistência ainda de sua contagem censitária, mesmo por que a clandestinidade é fator marcante dessa migração. No entanto, o autor traçou o seguinte perfil, “a população brasileira na Guiana Francesa é preponderantemente jovem, com média de 25 a 35 anos, havendo uma predominância de homens e de pessoas com baixo nível de escolaridade e de classe social baixa” (2001, p. 124). Neste estudo opta-se por abranger a análise sobre a migração para a Guiana Francesa,

pesquisando não somente os que se deslocam para os centros urbanos, mas também para a faixa de fronteira entre Amapá e o DUF, que se compreende ser o raio de influência política e econômica da região. Por isso buscou-se qualificar os migrantes que vivem no perímetro de: Oiapoque, Vila Vitória e Cayenne, que assim como identificado por Arouck, ainda hoje apresentam baixo nível cultural e classe social, mas com significativas mudanças referentes à faixa etária e ao gênero.

No Gráfico 3 nota-se a expressiva presença masculina na região de fronteira objeto de estudo, no total de 58% dos entrevistados. No entanto, o percentual de 42% do grupo feminino nos permite identificar um crescente número de mulheres no processo migratório para a região antes dominada pelo sexo masculino, inclusive, é um fenômeno identificado por Pinto (2008) como feminização da migração para Guiana Francesa.

**Gráfico 3** - Caracterização de gênero em percentual



**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010

Martins, R. (2010) em sua análise antropológica das relações e representações sociais entre migrantes na Guiana Francesa, ao reportar-se sobre suas observações relacionadas à “casa” como espaço de solidariedade e do “não-lugar”, indica a figura da mulher como personagem central e predominante dentro dessas relações entre os clandestinos e os legalizados. Esta presença feminina é demonstrada pelo percentual de 56% de mulheres migrantes na cidade de Cayenne contra 44% de homens<sup>37</sup>, números que indicam uma

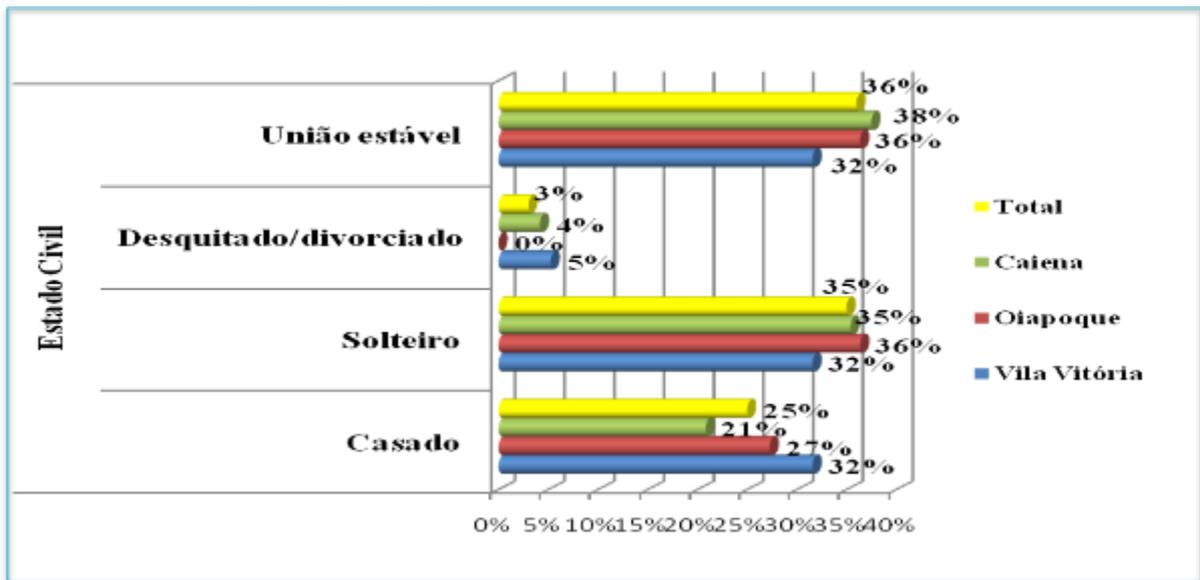
<sup>37</sup>O fenômeno também pode ser explicado pela maior receptividade das mulheres na pesquisa de campo do que dos homens em se expor e dar entrevistas.

mudança significativa diante do que foi encontrado por Arouck (2001) no início deste decênio. E os locais onde elas podem ser encontradas são os mais inusitados, como apresenta este entrevistado:

“O que eu achei engraçado foi uma grávida que tinha *lá*. Ela comprava bombons aqui no Oiapoque, eu esqueci o nome dela, uma moreninha, ela *tava* grávida de oito ou sete meses mas ela *ia* nessa viração *áí* tudinho, com os catraieiros, não tinha medo de morrer, chegava *lá* na lama no inverno no varadouro, acho que é como se fosse daqui, Vila Vitória para Oiapoque, um ramal que tem só lama para chegar no garimpo, ela calçava aquelas botonas sete léguas com uma muchilinha cheia de bombons, lata de leite moça e conserva que era para vender nos barrancos para os garimpeiros, essa goiabada ela vendia muito por causa que se diz que é bom para o fígado para quem tem malária, então devia comer bastante goiabada e tal , *áí* ela vendia muito; eu assim ficava surpreso com o que ela fazia, porque tinha macho que não fazia, correr na lama e tal”. (Paraense, ex-garimpeiro, 28 anos, chegou na fronteira em 2001, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

O Gráfico 4 corrobora com o exposto na medida em que demonstra os elevados números de casados (25%) e relacionamentos de união estável (36%) entre o total de entrevistados. Cayenne apresenta percentual maior de união estável (38%) em relação às outras localidades, e Vila Vitória o percentual de casados (32%). Em Oiapoque observa-se a grande maioria de solteiros (36%) e o mesmo percentual em união estável contra 27% de declarações de casados. Esta configuração nos permite inferir que o Estado civil dos indivíduos na Fronteira, tão quanto suas relações políticas e econômicas, oscila entre o legal e o irregular numa relação proporcional mediana, o número de casais e famílias tem ascendido, o que indica que as famílias desses migrantes, que predominantemente ficavam nos seus Estados de origem ou capitais como Macapá e Belém, têm migrado junto e se instalado na fronteira. Vemos também o crescimento da migração de pessoas que levam a família (mulher, filhos e outros parentes) na tentativa de se estabelecer no território francês, transformando o caráter de transitoriedade da migração para Guiana Francesa, e desta forma influenciando para o aumento da presença feminina nesses locais.

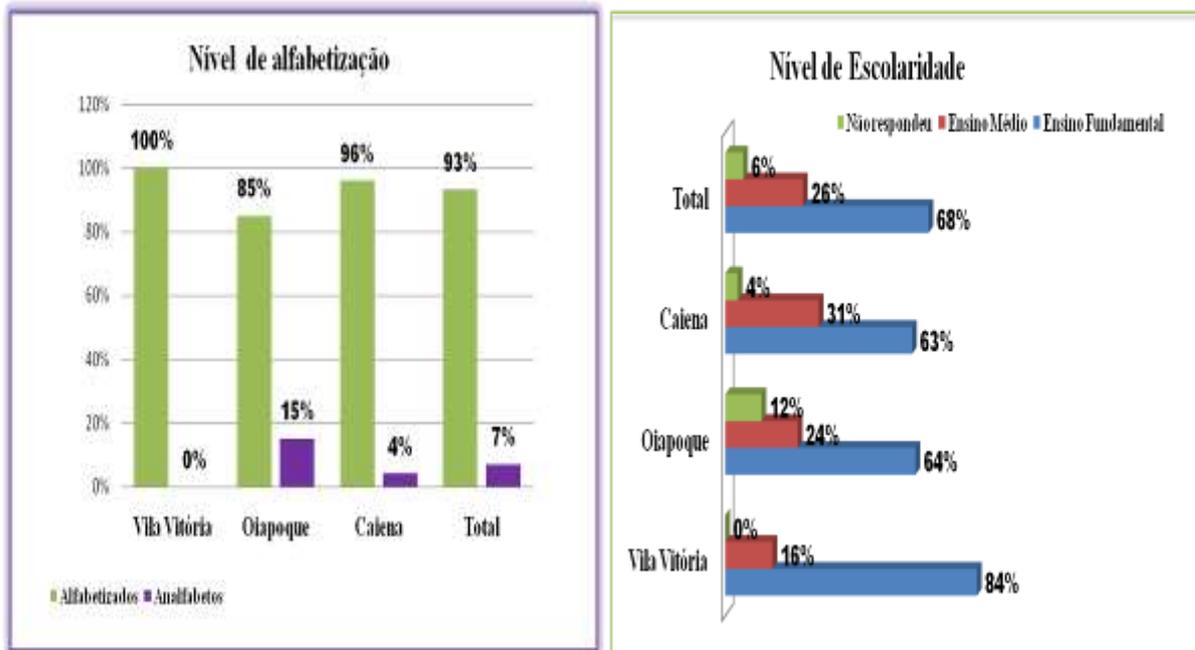
**Gráfico 4 -** Discriminação em porcentagem do Estado civil dos entrevistados



Fonte: elaborado pela própria pesquisadora, 2010

No tocante à educação formal, os gráficos 5 e 6, expõem a fragilidade dos entrevistados quanto ao acesso e permanência nas escolas do sistema educacional brasileiro. Apesar de 93% declarem serem alfabetizados, seu nível de escolaridade se resume ao nível fundamental (68%) e particularmente as séries de 1ª a 4ª. É importante notarmos o percentual de 15% de analfabetos em Oiapoque, número elevado para o total de entrevistas na cidade, aliás, maior que nas outras duas localidades onde foi realizada a pesquisa de campo.

**Gráficos 5 e 6 -** Nível de alfabetização e escolaridades dos entrevistados



Fonte: elaborado pela própria pesquisadora, 2010

No Oiapoque também é possível encontrar um percentual expressivo de 12% dos entrevistados que se recusaram a informar sua escolaridade, que se pode inferir estarem incluídos no percentual de analfabetos. Em Cayenne há uma “melhor” distribuição do nível de escolaridade, indicado entre 31% com ensino médio e 63% com ensino fundamental, das 3 localidades de estudo, em Cayenne encontra-se o maior número de pessoas com ensino médio e alfabetizadas. Em Vila Vitória embora haja 100% de alfabetizados, o nível de escolaridade de 84% no ensino fundamental, reforça os números totais indicando que a maioria dos entrevistados podem ser considerados semi-analfabetos, como é o caso a seguir, cujo entrevistado fala francês, *créole* e português, mas sabe minimamente ler e escrever nestes idiomas, chegou a fronteira com a idade de 9 anos, a convite de um amigo para trabalhar na década de 60.

“Abandonei a escola. Abandonei tudo e vim embora. Se eu falar *pra* você, vai dizer que é minha mentira, mas é verdade. Eu estudei até a primeira série no Brasil e pronto. Aqui eu aprendi a falar o francês e o creoulo, mas ler? Só um pouquinho”. (Amapaense, 59 anos, legalizado, chegou na fronteira na década de 60, e mora em Cayenne).

Na fala acima se percebe certa relutância em admitir sua carência educacional, caso comum entre os brasileiros, principalmente em Cayenne, cujo sonho é oferecer aos filhos melhores oportunidades de estudos. Diversos depoimentos indicam que nas escolas da Guiana Francesa é permitida a matrícula de crianças brasileiras, sejam com pais legalizados ou clandestinos, e é oferecido gratuitamente. O sistema educacional guianense é considerado pelos brasileiros “ótimo... a criança aprende tudo... tanto faz o ambiente escolar... como também nas outras coisas” (paraense, 27 anos, legalizada, faz serviços domésticos e mora em Kourou).

Estas “outras coisas” mencionadas pela entrevistada referem-se ao ensino de música, esporte, língua estrangeira (português e inglês), ensino profissionalizante, além de ser em horário integral, o que facilita aos pais poderem ir trabalhar com tranquilidade sabendo que seus filhos estão na escola. Mencionam ainda que o sistema educacional francês é rígido quanto a responsabilidade dos pais em manterem os filhos assíduos, inclusive por receberem do Estado uma ajuda financeira escolar trimestral<sup>38</sup>.

Sobre a rigidez e responsabilidade do Estado com a criança e adolescente, o relato de outra mãe entrevistada revela esses procedimentos. Segundo ela, seu filho “adolescente de 14 anos, estudava, começou a se envolver com droga, virou homossexual, não ia mais para o

---

<sup>38</sup>Uma das mães entrevistadas em Cayenne - Mont Lucas, informou que recebe do Governo francês todo ano cerca de 700,00 euros de 3 em 3 meses, dinheiro que pensa ser bom se fosse no Brasil, mas lá, como o custo de vida é alto, esse dinheiro é pouco.

colégio e abandonou os estudos”. Como a mãe é legalizada, ela foi chamada a responder sobre o que acontecia com seu filho, que inclusive foi pego pela polícia e entregue ao juizado de menores, como relatado na própria fala da entrevistada:

“Eu passei no tribunal, porque aqui é o seguinte: a criança que não obedece nem pai nem mãe, e não quer ir *para* o colégio, aqui a justiça, se *tu tiver* papel, a polícia pega, *aí* o juiz pega e interna num colégio, *aí* passa tantos dias naquele colégio, *aí* eles levam para escola, eles pegam, eles dão roupa, eles *faz* documento, *faz* tudo”. (Amapaense, 38 anos, dona de casa, legalizada, chegou na fronteira na década de 90).

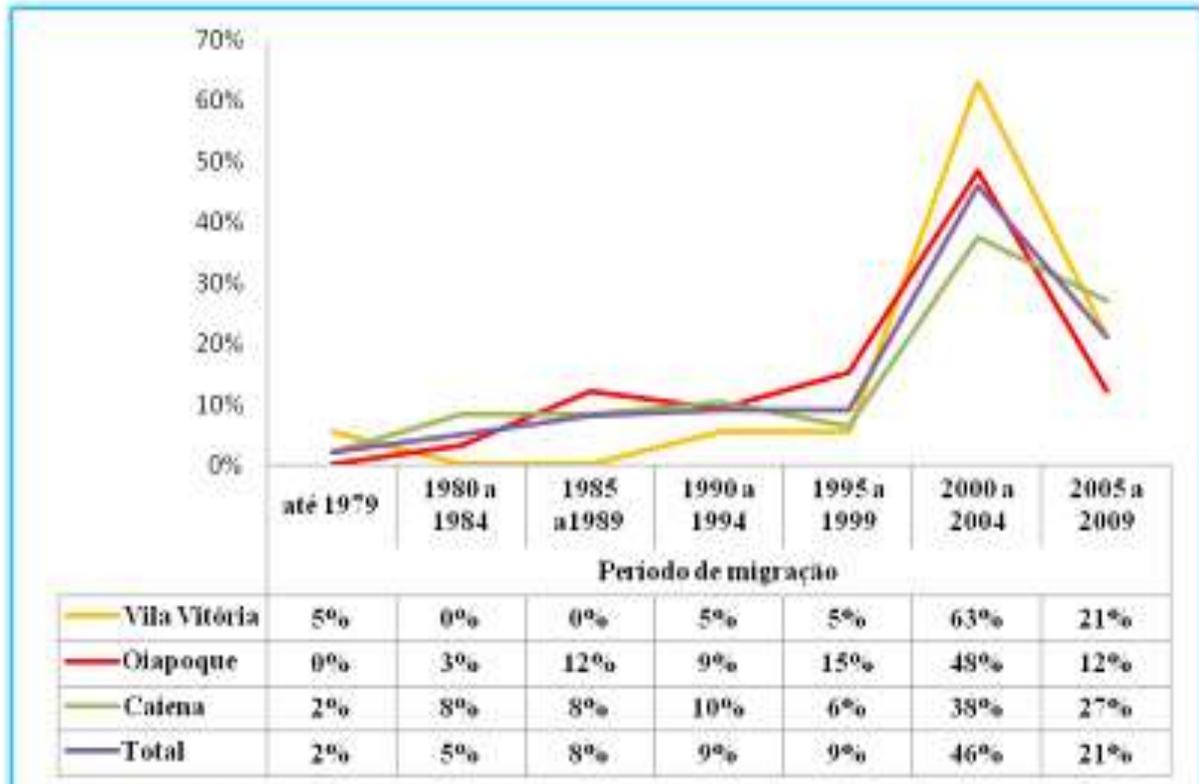
Seu filho foi entregue a uma família francesa, um procedimento comum segundo a entrevistada. A família se ocupa da educação da criança, escola, alimentação, vestimenta, “porque é assim, tem as famílias aqui que se ocupam dessas crianças da marca dele”. No entanto, o garoto fugiu e hoje é procurado pela polícia francesa para interná-lo em uma clínica especializada em dependência química. Em seguida seria enviado para França ou Martinica, se assim a mãe autorizasse. Este parece ser apenas um caso dentre outros, que se pode observar durante a pesquisa de campo, principalmente nas invasões habitadas por brasileiros. Há queixa de outros entrevistados sobre o uso indiscriminado de entorpecentes pelos adolescentes, problema que não pode ser aprofundado nesta pesquisa.

Tem-se então, um grupo de cidadãos brasileiros, de origem nortista e nordestina, com predominância da migração vinda do norte, particularmente do Estado do Pará, e com relativa presença da migração amapaense comparada aos números dos outros Estados. Migrantes com mínimo de alfabetização ao nível de ensino fundamental, porém, com diversificação crescente de gênero, apesar dos homens ainda serem em maior número. A média de idade é cerca de 36 anos, variando entre 18 e 67, compreende uma população madura, o número de pessoas com mais de 30 anos é superior aos na faixa etária dos 20, sendo que a população de Vila Vitória (44,37%) possui uma média de idade mais elevada que Oiapoque (37) e Cayenne (35).

O período de migração dos entrevistados é recente, em torno de 10 anos. 46% chegaram à fronteira entre 2000 e 2004, o gráfico 7 dispõe os períodos no intervalo de 4 anos. O maior percentual do intervalo citado é o de Vila Vitória (63%), dado sua formação enquanto comunidade em 2005. Os períodos anteriores apresentam percentuais muito baixos em relação ao destacado, não podemos identificar nesta pesquisa os motivos exatos de se intensificar a migração após 2000 e haver baixa entre 2005 e 2009, mas ressaltamos que entre 2000 e 2004, o euro, moeda comum da Comunidade Européia, já constituía a moeda oficial da

França<sup>39</sup> e com alta cotação no mercado. E entre 2005 e 2009 houve a intensificação da fiscalização e combate a migração ilegal na Guiana Francesa por parte das autoridades francesas. Estes são fatos que não podemos deixar de considerar para justificar os números aqui apresentados.

**Gráfico 7** - Discriminação em porcentagem do período de migração no intervalo de 4 em 4 anos



**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010

É interessante notar que o maior índice de pessoas que migraram entre 2005 e 2009, foram para Cayenne (27%), apesar do acirramento da fiscalização e do aumento do valor do real em relação ao euro, que hoje está em R\$ 2,05<sup>40</sup>, fenômeno que corrobora com as argumentações de Police (2010), para quem a Guiana exerce um poder simbólico como “eldorado” aos trabalhadores brasileiros, histórica, econômica e culturalmente instituído, mesmo estes não tendo as vantagens anteriormente usufruídas. O fato de o DUF fazer parte de um país desenvolvido e economicamente forte parece ser suficiente para atrair esses trabalhadores que não encontram no Brasil condições melhores de auferir seu sustento, e tem oportunidade de serem absorvidos em atividades laborais informais e de pouca qualificação profissional.

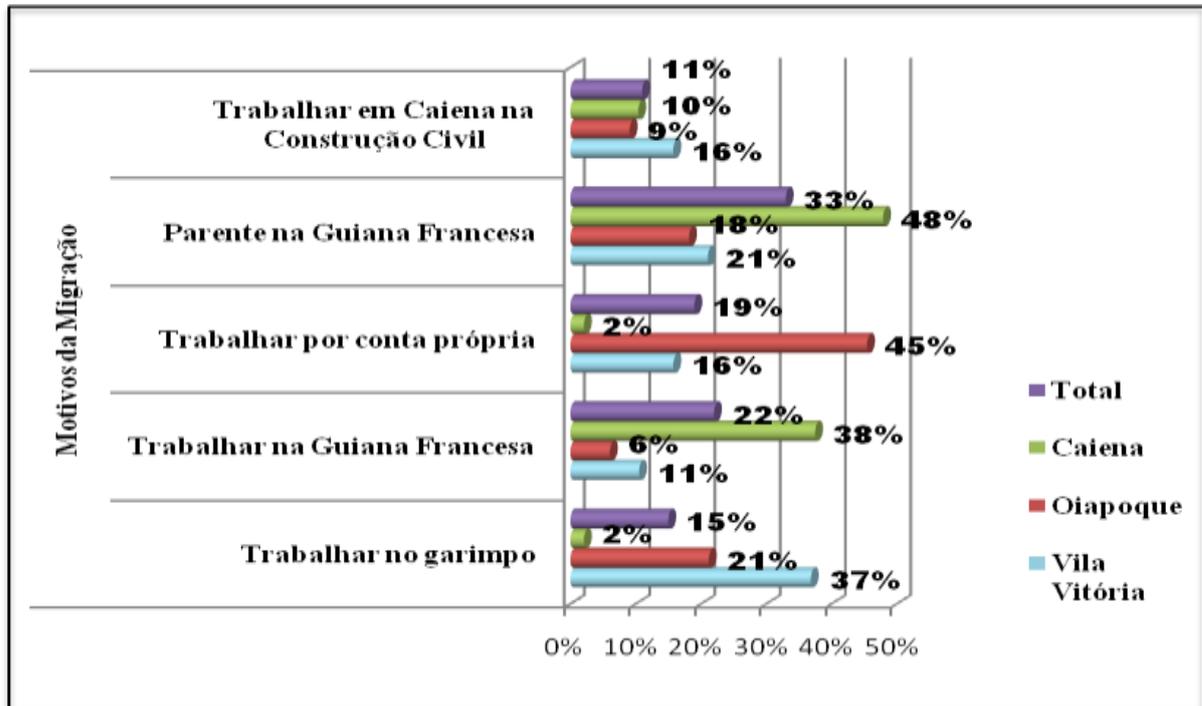
<sup>39</sup>Em 1999, os países participantes da União Europeia passaram a pôr em prática uma política monetária única: o euro foi introduzido como moeda legal, adotado pelos 11 países-membros a época: Austria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal e Espanha.

<sup>40</sup>Cotação do euro do mês de setembro de 2010.

### **3.3 Clandestinidade e trabalho informal: onde e em que os brasileiros trabalham na fronteira**

Com base, nas possibilidades mais comuns de trabalho na região, especificamos no gráfico 8 os possíveis motivos da migração desses trabalhadores para a Fronteira entre o Amapá e Guiana Francesa. Tentamos identificar a representação dos setores econômicos de atração tal como: construção civil e garimpo, na tentativa de verificar se esses setores ainda têm força dominante de atração para esses trabalhadores, ou se há uma diversificação de setores de trabalho, bem como de mão-de-obra migrante. Constatamos em campo que esses migrantes na maioria das vezes não se deslocam sem uma recomendação ou incentivo de familiares e amigos; 33% dos entrevistados revelaram ter parentes na Guiana Francesa e por isso a tentativa de travessia, para tentar um emprego em outro país (22%), migram sem um trabalho específico, mas em boa parte inicialmente vieram para trabalhar em situação informal na construção civil (11%) e no garimpo (15%), mas não representam atividades que motivam a migração. Atualmente, inclusive pelo fato do acirramento da fiscalização da PAF em relação aos garimpos ilegais na Guiana Francesa e aos trabalhadores clandestinos na cidade de Cayenne.

Podemos observar ainda, que trabalhar no garimpo foi um dos motivos principais da migração em Oiapoque (21%) e Vila Vitória (37%), devido a cidade de Oiapoque ser rota de travessia para as regiões de garimpo na Guiana Francesa, seja legal ou ilegal, mas não foi a primeira alternativa para os migrantes interrogados em Cayenne que em sua maioria (48%) migraram por ter familiares na cidade. Os resultados (tabela 5) também indicam que o garimpo hoje não é a alternativa de trabalho procurada pelos entrevistados, representa apenas 7% do total. Encontramos somente em Oiapoque trabalhadores garimpeiros (18%).

**Gráfico 8** - Especificação dos possíveis motivos da migração em percentual

Fonte: elaborado pela própria pesquisadora, 2010

São diversos os tipos de trabalho que podemos encontrar em uma fronteira, em especial a franco – brasileira, limitada pelo rio Oiapoque. A tabela 5 estabelece a tipologia das atividades laborais mais frequentes exercidas nas localidades de Oiapoque, Vila Vitória e Cayenne. No total temos o expressivo percentual de 29% dos entrevistados que exercem outro tipo de atividade que não estão especificados no gráfico, pois tomamos como referência para montagem do formulário os tipos de trabalhos mais indentificados por obras anteriores (SOARES, 1995, AROUCK, 2003 e PINTO, 2008). Em seguida temos os trabalhos denominados “serviços gerais ou bico” (21%) e o autônomo com 10%, atividades laborais vinculadas ao trabalho informal, e que demonstram instabilidade de emprego, ou mesmo demprego camuflado em trabalho temporário.

Em Vila Vitória, 53% dos entrevistados declararam exercer outro tipo de atividade, especificamente comerciante (22,2%), segundo a tabela 6 a qual corresponde aos tipos de trabalho identificados no item “outros” do formulário. E, sobressalta as categorias serviços domésticos, catraieiro e serviços gerais, são as mais mencionadas, ambas com 11% cada. Em Oiapoque, houve maior diversificação entre as atividades, com destaque aos autônomos (24%) e garimpeiros (18%), e um significativo percentual de catraieiros (15%) e serviços gerais (15%). Durante a pesquisa observamos certa tensão entre os catraieiros em relação a construção da ponte, a travessia de passageiros entre Oiapoque e Saint George tenderá a

diminuir ou mesmo se extinguir com a abertura e circulação de veículos, além de haver diminuição da circulação de pessoas nas duas cidades, já que o local de construção da ponte fica distante das entradas das cidades fronteiriças referidas. Este transporte é disponibilizado para os moradores e visitantes pela Associação de Catraieiros do município de Oiapoque, como observado na Foto 22 adiante:

**Foto 22** - Catraieiro associado que realiza travessia entre Oiapoque e Saint George



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Em Cayenne ficou mais evidente os serviços ditos gerais ou bicos com 25%, e “outras atividades” com 27%, acentuamos também os 13% de mulheres que responderam não trabalharem, serem apenas do lar<sup>41</sup> ou dona de casa. Surpreendente também são os percentuais de carpinteiros/marceneiros e serviços domésticos, com 10% cada e, os 4% de pedreiros apenas. Atividades estas, apresentadas em outros trabalhos (AROUCK, 2003; PINTO, 2008; MARTINS R., 2010) como elementares na cidade de Cayenne.

**Tabela 5** - Tipologia das atividades laborais desenvolvidas pelos migrantes entrevistados

Localidade/Tipo de trabalho	Vila Vitória	Oiapoque	Cayenne	Total
Pedreiro	0%	6%	4%	4%
Carpinteiro/marceneiro	0%	3%	10%	7%
Serviços domésticos	11%	3%	10%	9%
Garimpeiro	0%	18%	0%	7%
Do lar	0%	3%	13%	8%
Garçon/cozinheiro	5%	0%	4%	3%
Autônomo	5%	24%	0%	10%

<sup>41</sup>Em Cayenne muitas declaram ser dona de casa apenas, pois recebem uma ajuda do governo para os filhos que estão na escola, mas elas complementam a renda familiar fazendo *menage* (faxinas).

Empresário	5%	0%	4%	3%
Catraieiro	11%	15%	2%	8%
Serviços Gerais/bico	11%	15%	25%	21%
Outros	53%	12%	27%	29%

**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010.

Entendemos ser necessário a distinção das atividades identificadas no quesito “outros”, exposta pela tabela 6, já que representa a maior parcela das respostas entre os entrevistados. Profissões como servidor público, taxista, comerciante, caseiro, agricultor, babá, soldador, catadores de lixo e aposentados. Entre estes, a categoria comerciante com 22,2%, é significativa já que o Oiapoque é passagem para os migrantes e turistas estrangeiros que usufruem desses serviços mais comumente oferecidos pela cidade. Embora, haja declarações de aposentado (3,7%) e servidor público (3,7%), são poucos os casos na fronteira dessas categorias, o que podemos observar é a grande oferta de trabalhos informais, temporários, e do outro lado da fronteira, como são os casos dos caseiros, babá, soldador, e catadores de lixo.

**Tabela 6** - Especificação dos tipos de outras atividades informadas pelos entrevistados

Atividades Exercidas	Quantidade	%
Comerciante	6	22,2
Vigia Noturno	1	3,7
Caseiro	1	3,7
Agricultor	1	3,7
Servidor público	1	3,7
Empregado em empresa privada	3	11,1
Taxista	3	11,1
Aposentado	1	3,7
Bábá	2	7,4
Soldador	1	3,7
Catador de lixo	6	22,2
Não trabalha	1	3,7
Total	27	100

**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010.

É importante salientar que não esperávamos encontrar pessoas trabalhando em atividade como catador de lixo em Cayenne (22,2%), por exemplo. Visitamos o local de despejo do lixo (lixão)<sup>42</sup>, na tentativa de conhecer e conversar com algumas pessoas que

<sup>42</sup>Chamado pelos brasileiros de LOJÃO.

“vivem do lixo”. Não foi possível realizar entrevistas gravadas, pois os mesmos se recusaram, mas conseguimos conversar e preencher alguns formulários da pesquisa.

Então o que leva o indivíduo a sair de sua terra para viver do lixo em território estrangeiro? Para entender o que seria este *lojão* conseguimos uma entrevista valiosa com um brasileiro que trabalha no local, e ele inicia a entrevista dizendo:

“O *lojão* foi nós que *apelidamos*, porque no Brasil nós *chama* lixeira, aqui nós *chama* *lojão*, e em francês se *chama decharge*, aí já apelidaram de *lojão* porque lá cai muita coisa, é roupa, é calçado, é tudo, tudo eles pegam. Se eu falar *pra* você que tem *gente* aqui que *vivi* só do *lojão*”. (Amapaense, 38 anos, dona de casa, legalizada, chegou na fronteira na década de 90).

Ele conhece inclusive uma brasileira que construiu sua casa em Macapá somente recolhendo roupa do lixão e vendendo na feira em Macapá:

“Cai muita roupa aqui. Como tem muita gente daqui da invasão que eu conheço, que leva saca 10, 15 saca de roupa. Eu conheço uma mulher que mora *lá* no Cabaçú, ela fez a casa em Macapá só com o dinheiro de roupa de *lá* do *lojão*. Ela ia daqui botava na feira em Macapá, *vendia* tudo e fez a casa dela. Se você vê a casa dela, você jura que é uma casa de barão é muito bonita a casa dela”. (Amapaense, 38 anos, dona de casa, legalizada, chegou na fronteira na década de 90).

Até alimentos são recolhidos no lixão, tais como: caixa de frango, carne e peru; suco e iogurte que geralmente falta um ou dois meses para o produto perder a validade, e segundo ele, não são consumidos pelos franceses, então o dono do armazém destina ao lixo. Em sua fala ele declara ainda que “da invasão, dos que moram aí, são poucos que ainda não vi lá, a maior parte *do pessoal* que não tem documento, eles recolhem roupa, calçado, comida é tudo lá.” Eles recolhem também frutas: uva, pêra, maçã e qualquer tipo de fruta, segundo ele, em bom estado de conservação, o que fica difícil de acreditar após o contado com os outros dejetos jogados ali.

Quando questionado se há fiscalização da polícia francesa dentro do *Lojão* ele informa que é proibido entrar lá e coletar lixo, inclusive de vez em quando a polícia tenta pegar brasileiro dentro do local, mas segundo ele “quando dá tempo deles *pegar*, eles pegam, senão eles correm *tudo*, por que lá vai quem tem papel? não, só vai quem não tem papel”. Destaca ainda que por trabalhar no local fica difícil negar a “um patriota, que não tem emprego, o coração dói porque *o cara* não tem *da* onde tirar” . Às vezes ele pára e observa aquela situação, a forma como eles “caem em cima, um empurra o outro, cai por cima do outro, puxa daqui e discuti dali”. Durante a pesquisa de campo foi possível constatar a expectativa dos

catadores de auferir lucros dos produtos recolhidos no lixo após a chegada do caminhão, apresentado na Foto 23:

**Foto 23** – O caminhão despeja o lixo e os catadores retiram o que é aproveitável



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010.

Outro questionamento feito ao entrevistado foi quanto ao lixo hospitalar, se também era despejado no local, e surpreendentemente ele revelou que tudo é jogado ali, inclusive o lixo do matadouro, fato tal que descortina uma série de implicações no que diz respeito à saúde dessas pessoas. Durante o curto período de observação, foi possível constatar o mal estar que é permanecer ali por alguns momentos, imagine para os catadores que cotidianamente trabalham ali, expostos ao Sol e à chuva, efetuando a coleta em locais improvisados, conforme demonstra a Foto 24:

**Foto 24** - Abrigo dos catadores à espera do caminhão de lixo, dentro do *Lojão*



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

O entrevistado destaca que a área onde está localizado o lixão compreende 1 km de comprimento, por 400 de largura. Para ele, o que proporciona melhor rendimento para essas pessoas que coletam do lixão é principalmente o cobre, alumínio, e as roupas, e faz uma revelação: “no ano passado conheci uma senhora que mora em Oiapoque, e veio passar as férias com o filho aqui em Cayenne e juntou roupa para vender lá”. O que dá a entender que lojas em Oiapoque podem estar comercializando alguns produtos oriundos do local, principalmente roupas e calçados.

Como destacado anteriormente, não se podia imaginar a situação vivida por esses brasileiros em território francês, principalmente pelo discurso de prosperidade que eles buscam, ao deixar o Brasil, sendo perceptível em seu semblante a vergonha de estar ali, naquela situação, diante de outro brasileiro. Durante o preenchimento do formulário “Perfil do Trabalhador” eles permaneceram de cabeça baixa, indicando o temor de serem reconhecidos pelos seus pares aqui no Brasil. Esse momento foi registrado por ocasião da visita ao local, como destacado na Foto 25:

**Foto 25** - Catador baixa a cabeça, no momento da foto, temeroso em ser identificado



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

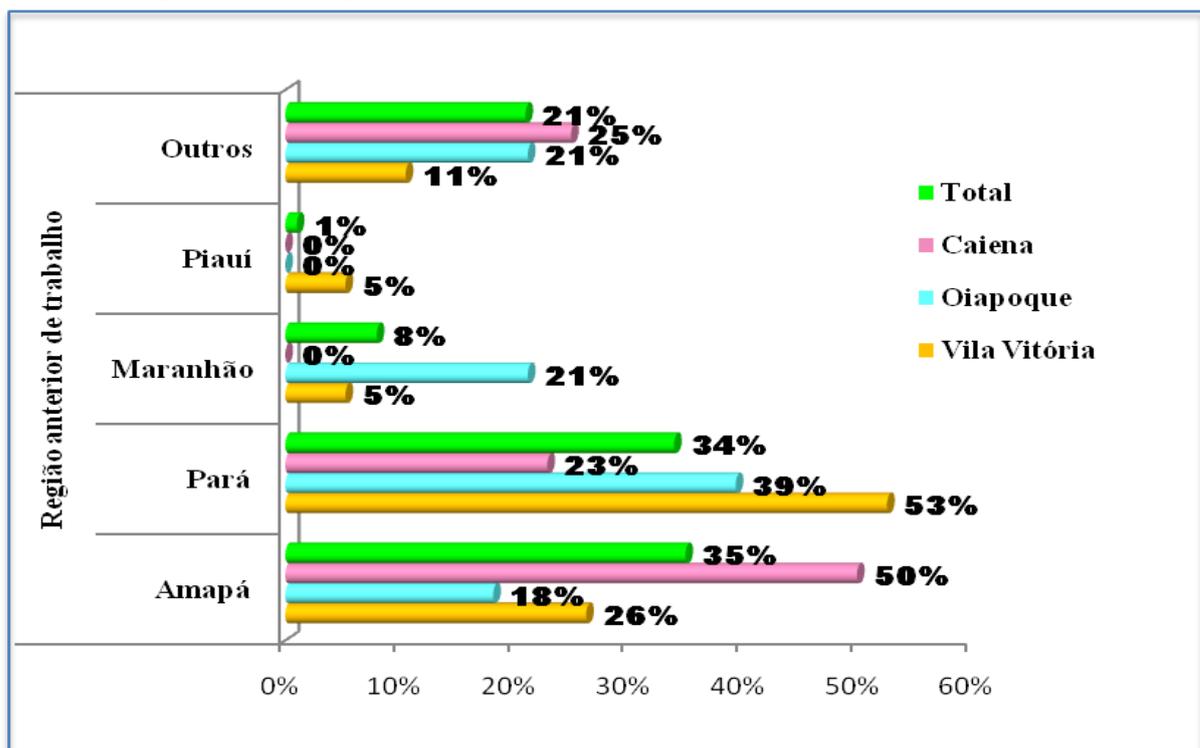
Nas conversas informais, os catadores declaram que apesar de trabalharem naquela situação, seu rendimento seria superior ao que estariam ganhando se estivessem trabalhando no Brasil, nas atividades de pedreiro, carpinteiros, domésticas, faxineiras, conforme mostrou a pesquisa de campo. Eles chegam a faturar mensalmente com a coleta do lixo até 500 euros, e ainda fizeram a seguinte argumentação, quem num lixão no Brasil ganha 1000 reais mensais? “Então, segundo eles, a vida está melhor do que viver com o salário do Brasil”. Embora esses trabalhadores tenham uma renda superior ao que poderiam ter no Brasil, a forma como conseguem seu sustento é negligenciado pelo sentimento de perda de auto-estima por estarem na condição de desempregados, desqualificados e despidos de sua dignidade (BAUMAN, 2005). Esses trabalhadores iludem seus familiares com a suposta situação promissora em Cayenne, pois segundo o entrevistado dificilmente eles revelam esta face de sua vida difícil em território francês. Quando conseguem retornar para o Brasil em algumas ocasiões, escondem em seu interior a vergonha e a revolta de não poder admitir a realidade para seus familiares, de como se submetem a esse tipo de trabalho para ganhar a vida no DUF.

Por estas situações, é necessário discutir as regiões de trabalho anteriores desses migrantes, bem como quais foram suas atividades exercidas antes da migração, e se após a migração permanecem exercendo a mesma profissão, ou migraram para outro ofício na fronteira? O Gráfico 9 indica que 35% do total dos entrevistados antes de migrarem trabalhavam em outros municípios do Estado do Amapá, porém pelo que foi exposto sobre a origem, observamos que boa parte dos que migraram do Amapá para Guiana Francesa não são naturais do Estado, são migrantes de outras regiões do norte ou nordeste do país, como o Estado do Pará, que divide com o Amapá o título de principais fornecedores de mão-de-obra para a fronteira franco-brasileira na atualidade. Informação que converge com os números do gráfico 1 a respeito da residência de origem do grupo familiar onde também prevalece os dois Estados. É interessante salientar a diversidade de localidades expostas na Tabela 7, entretanto, exceto pelos Estado de São Paulo e Ceará, os locais informados pelos entrevistados são da Região Amazônica, onde se pode observar a redução da forte presença de migrantes nordestinos para entrada da migração nortista, em particular a paraense, haja vista os dados da Tabela 7:

**Tabela 7** – Possível origem dos trabalhadores antes de chegar à fronteira<sup>43</sup>

Cidade anterior de trabalho	Quantidade	%
Tocantins	1	4,76
Mato Grosso	1	4,76
São Paulo	1	4,76
Ceará	1	4,76
Saint George	1	4,76
Cayenne	6	28,57
Não trabalhava	9	42,85
<b>Total</b>	21	100

**Fonte:** elaborada pela própria pesquisadora, 2010

**Gráfico 9** - Especificação de regiões anteriores de trabalho

**Fonte:** elaborado pela própria pesquisadora, 2010

As atividades exercidas antes da migração normalmente são negligenciadas em função do que é oferecido ao migrante como alternativa de trabalho na fronteira, seja nos limites brasileiro, caso de Oiapoque e Vila Vitória, ou em território guianense. Do total de entrevistados, 77% não exercem a mesma atividade laboral atualmente. Em Vila Vitória é mais expressivo esse percentual com 79%, o garimpo em primeiro momento foi a atividade que atraiu esses trabalhadores, no entanto as dificuldades de acesso e a rígida fiscalização por

<sup>43</sup>Especificado no item “outros” no formulário de pesquisa.

parte do governo francês atualmente, os desestimulou, e estes acabaram optando por trabalhos alternativos na fronteira ou mesmo em território francês. A comunidade hoje vive de relações de trabalho com Saint George, em serviços gerais, domésticos e comércio, assim como Oiapoque historicamente vive.

De acordo com Tabela 8, as principais experiências de trabalhos anteriores à migração no total de entrevistados que não exercem a mesma atividade laboral de regiões anteriores de trabalho são em setores de *status* social mediano, como empresa privada (23,28%), autônomos e construção civil (13,69%, cada), setor rural (12,32%) e serviço público (9,58%), além dos serviços domésticos (9,58%) e garimpo (8,21%), que aparecem como atividades exercidas no Brasil. É comum relatos de entrevistados que narram sua trajetória pelos garimpos brasileiros, e acabam chegando à fronteira, tal como o relato a seguir:

“Eu comecei a trabalhar no garimpo, eu tinha 16 anos de idade na Serra Pelada, *daí* para frente, eu *to* com 46. *Vixi!*<sup>44</sup> Minha vida quase toda foi no garimpo. Eu parei no garimpo agora, cheguei no final de junho de 2006, só que não fui mais desde essa época. Minha vida *todinha* foi no garimpo, na divisa do Suriname com a Guiana, Sofia, Belíssima, Goianópolis, tudo eu trabalhei, Montanha Pelada. Foi muito bom, graças a Deus, no tempo que eu trabalhei nunca fui perseguido por *gendarmarie*. Sempre procurei o lugar melhor pra mim, e foi bom. Trabalhei foi muito no garimpo *pro* Suriname, na Guiana, Boa Vista - Roraima, nesse meio de mundo”. (Piauiense, 46 anos, garimpeiro, chegou na fronteira em 2003, morador de Vila Vitória).

O número elevado de pessoas que abandonaram empregos ou ficaram desempregados, no caso de empresa privada (23,28%) e serviço público (9,58), dado as condições de trabalho na fronteira. São pessoas que trabalhavam em restaurantes de cozinheiro ou garçon, como cobrador de ônibus, também em empresas tercerizadas de asfletamento e limpeza de rodovias; mas em sua maioria ex-vendedores de lojas no comércio. No serviço público, encontramos ex-guarda municipal, técnico em raio-X e atendente de hospital, escriturária, fiscal de prefeitura, zelador de escola, e até professora.

A ilusão por enriquecimento e o estigma da Guiana Francesa como “Eldorado”, ainda hoje exercem força significativa de atração a trabalhadores brasileiros, aliado a rendimentos acima do oferecido no Brasil, visto que os salários mensais auferidos por esses trabalhadores varia entre o mínimo de R\$ 300,00 e o máximo de R\$ 6.970,00, com uma média mensal em torno de R\$ 1.300,00. Os mais baixos rendimentos foram relatados em Vila Vitória, com média de R\$ 788,53. Oiapoque e Cayenne não diferem muito na média dos rendimentos, no entanto o índice de Oiapoque (R\$ 1.450,00) é mais elevado que Cayenne (R\$ 1.438,00), com

---

<sup>44</sup> Interjeição que indica espanto, surpresa.

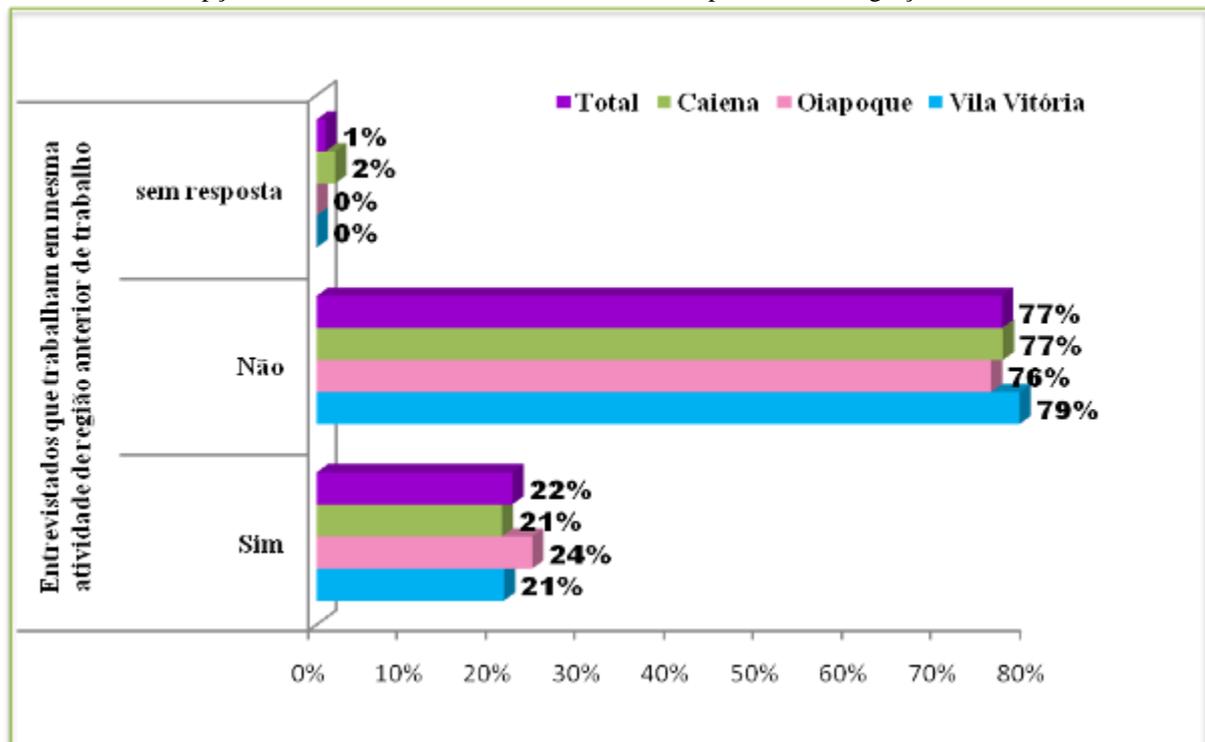
uma diferença de R\$ 12,00. Essas rendas são superiores ao salário mínimo brasileiro, ou mesmo ao que é pago pelo mesmo tipo de trabalho desenvolvido por esses migrantes no Brasil. Todavia inferiores aos padrões de rendimentos franceses, onde o mínimo é em torno de 1.000 Euros (€), aproximadamente R\$ 2.200,00, na cotação de fevereiro/ 2011, ou seja, o que esses trabalhadores ganham em média não equivale ao salário mínimo francês.

**Tabela 8** - Especificação de trabalhos exercidos antes da migração

Setores de experiências de trabalho anteriores	Quantidade	%
Autônomo	10	13,69
Garimpo	6	8,21
Empresa privada	17	23,28
Serviço público	7	9,58
Setor rural <sup>45</sup>	9	12,58
Construção civil	10	13,69
Serviços domésticos	7	9,58
Serviços gerais	2	2,73
Não trabalhavam	5	6,84
Total	73	100

**Fonte:** elaborada pela própria pesquisadora, 2010

**Gráfico 10** - Percepção da continuidade de atividades laborais no processo de migração dos entrevistados.



**Fonte:** elaborada pela própria pesquisadora, 2010

<sup>45</sup>Os dados incluem agricultura, pecuária, pesca e outras atividades.

Entende-se que desde os períodos anteriores analisados (SOARES, 1991; AROUCK, 2003) estão havendo mudanças sutis no perfil do trabalhador migrante para Guiana Francesa. Não se pode dizer que o nível de qualificação profissional e cultural esteja mudando, mas a origem dessa migração que antes era enfatizado como sendo do Maranhão (SOARES, 1995) ou amapaense (AROUCK, 2003), se reveste em outras procedências predominantes, aos dos municípios ribeirinhos do Pará. Esses migrantes não mais se encontram em faixa etária jovem, mas madura, reforçando inclusive os números apresentados que demonstram migrantes com relacionamentos duradouros, com famílias, inclusive, algumas estabelecidas em Cayenne. Neste sentido, ocorre uma migração transitória transformando-se em duradoura, tal como indica Sayad (1998), além da verbalização dos próprios entrevistados, que consideram uma das vantagens de se morar do outro lado, ou mesmo na fronteira, a possibilidade de usufruir de melhores assistências públicas de saúde e educação aos seus filhos, negligenciados em território brasileiro.

Os entrevistados consistem em trabalhadores sem educação formal completa, mas em consonância aos resultados de pesquisas anteriores (AROUCK, 2003; PINTO, 2008; MARTINS R., 2010), possuem qualificação profissional, no que tange ao desenvolvimento de suas atividades com eficiência e eficácia, por isso ganham espaço nas relações de trabalho na Guiana Francesa, infelizmente numa relação informal, tornando a clandestinidade um meio de sustentação dessas relações. Essa característica de migração é recente, no entanto duradoura em relação a transitoriedade instituída na fronteira pela instabilidade da entrada e da saída, ora uma mão-de-obra reconhecidamente necessária pela sociedade guianense, ora rechaçada. Todavia, a fronteira inspira essas transformações engendradas pelas oscilações de empreendimentos econômicos e políticos em sua história, tal como na atualidade com a construção da ponte sobre o rio Oiapoque, cujas conseqüências nas dinâmicas das relações transfronteiriças franco-brasileira ainda estão por vir.

## 4 A EXPERIÊNCIA DA CLANDESTINIDADE NA FAIXA DE FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E A GUIANA FRANCESA

### 4.1 O rito de passagem dos trabalhadores clandestinos para a Guiana Francesa

“Eu ainda esperei um mês *lá* no Oiapoque *pra* vê se ajeitava a estrada, como não ajeitaram e eu vim de canoa. Confiei em Deus e vim, mas foi uma adrenalina muito louca, *a gente* não sabe se *a gente* vai morrer, ou se *a gente* vai sobreviver, mas *a gente* vem”. (Amapaense, 38 anos, legalizada, mora em Cayenne e chegou à fronteira na década de 90).

No intuito de entender a trajetória por qual passa qualquer trabalhador brasileiro que se dirige ao departamento francês de maneira irregular, buscamos além da aplicação do formulário “perfil do trabalhador”, a permissão deles para gravar algumas entrevistas. O interessante é que quando iniciava a entrevista muitos se mostravam receosos de revelar certos dramas e dilemas vividos por eles(as) nesta fronteira, mas no decorrer era perceptível que o medo se transformava em coragem, talvez como única chance de desabafar e revelar ao mundo estas verdadeiras epopéias que fazem parte de seu cotidiano nessa fronteira. O cenário principal da travessia é o rio Oiapoque, e é na orla da cidade de Oiapoque em que diariamente trabalhadores e atravessadores negociam a viagem clandestina em direção ao território francês, cuja paisagem é observada na Foto 26:

**Foto 26** - Orla do rio Oiapoque, local de espera para travessia



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

As entrevistas foram feitas na Cidade de Oiapoque, no Bairro Vila Vitória do Oiapoque e em Cayenne. Algumas foram realizadas numa pousada na cidade de Oiapoque;

outras em plena Av. Beira-rio, quando alguns dos entrevistados estavam à espera do transporte para atravessar para a Guiana Francesa. Em Cayenne houve a possibilidade de hospedagem na casa de uma brasileira no Bairro Mont Lucas, o que contribuiu para uma maior aproximação com o público alvo, já que ela também intermediou a visita ao bairro da Matinha, local onde se utilizou a metodologia de levantamento de dados.

No intuito de entender as vicissitudes experimentadas na primeira viagem dos entrevistados como clandestinos para o território francês, perguntou-se primeiramente “como foi a primeira travessia?”. Esta curiosidade em saber como é a travessia do Oiapoque até a Guiana Francesa surgiu durante uma experiência na iniciação científica, e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando alguns entrevistados mencionaram em suas falas: “a minha primeira viagem foi terrível”. Isto despertou interesse em demonstrar pela própria descrição desses migrantes os dramas e riscos enfrentados nessas viagens. As falas convergem na direção de que esta primeira experiência transforma-se em um ritual de passagem para todos os que se propõe a embarcar nessa aventura, além do rio Oiapoque. Mesmo que se faça um esforço em desvendar essas experiências, é difícil compreender “as diversas situações de desespero enfrentadas por esses imigrantes ilegais; jamais chegaremos, pelo menos perto, de seus sofrimentos reais, de suas situações-limites, de suas dores físicas e morais” (PINTO, 2008, p. 203). O rio Oiapoque como palco destas experiências pode ser vislumbrado na vista aérea que separa os dois países, conforme Foto 27:

**Foto 27** - Foto área do rio Oiapoque. À esq. Oiapoque e à dir. a commune Saint' George



**Fonte:** Acervo pessoal de Madeleine Boudoux D'hautefeuille, 2010

O rio Oiapoque exerce uma espécie de simbolismo no cotidiano daqueles que transitam na fronteira, seja aqueles que ficam, quanto daqueles que partem. Durante uma das viagens a campo ao município de Oiapoque, conseguiu-se uma entrevista inusitada. No final da tarde de um dia inteiro de pesquisa, ao chegar à pousada, uma moça entrou chorando no hotel. Ao perguntar para a proprietária o que estava acontecendo, ela disse que aquela moça havia deixado seu casal de filhos ir com uma tia para estudar na cidade de Kourou, na Guiana Francesa. Então, por intermédio da dona do estabelecimento, ela aceitou colaborar com a pesquisa concedendo uma entrevista gravada, na qual apresentou um misto de dor e desespero, diante da experiência da separação dos filhos.

“O motivo que me levou a atravessar novamente é a situação no Brasil, que não *tá* fácil, tanto *pra* mim quanto para meu marido. Como a minha filha tinha nascido aqui em Cayenne, *ai* a minha tia disse que era a oportunidade de meus dois filhos estudarem na Guiana Francesa, pois ela disse que me ajudaria. Porque o governo Francês dá uma quantia em dinheiro para a criança que esteja freqüentando a escola, como também fornece locação e ainda outros benefícios. Eu larguei tudo e vim embora. Só que houve um pequeno problema, quando a minha mãe me registrou ela me registrou com um Deputado, esse deputado foi cassado, e agora que ele foi cassado, os registros que ele registrou foram cancelados, e o meu estava incluído, então estou entrando na justiça, para passar por uma audiência para ver se eu refaço todos os meus documentos de novo para poder eu ir embora. (pausa para o choro). Por isso não pude viajar com meus filhos. Vou ter que ir para Macapá na terça feira, e tirar meus documentos para poder ir *lá* com eles. Eles nunca ficaram assim tanto tempo longe de mim. A minha filha tem 3 anos, ela parou de mamar faz um ano, **mas ela ainda segura meu seio antes de dormir (grifo nosso)**, mas eu expliquei para ela tudo, direitinho, o que ela tem que fazer, ela é uma menina muita inteligente ela entende”. (pausa para o choro).

A fala da jovem de 27 anos reflete as peripécias pelas quais passa o migrante que tenta buscar do outro lado do rio um futuro melhor para seus filhos. Impedida de acompanhar suas crianças por ter perdido o registro de seus documentos no Brasil, cujas relações políticas ou politicagem, violam o direito do cidadão a se identificar legalmente. Casos como o dela parecem ser comum nos municípios ribeirinhos na Amazônia, onde pessoas são registradas por terceiros (no caso dela, um “político”), muitas vezes em troca de votos. Ela é paraense, nascida no município de Almeirim, foi com a mãe em 1994 para Kourou. Quando estava lá trabalhou como baby sitter, passadeira de roupa, recepcionista de loja e ainda em duas casas como *femme de ménage* (no Brasil se conhece como diarista). Em 2003 retornou com o marido para o Brasil. Agora em 2010 estava retornando a convite da tia, sem o marido que é estudante universitário e trabalha com carteira assinada. Segundo ela, o que eles conseguiam mal dava para a comida, por isso optou por voltar com os filhos para Kourou com a tia. Para ela as oportunidades de trabalho, renda e educação obtidas na Guiana francesa compensam a distância do marido e a separação dos filhos, por alguns dias.

“O meu marido trabalha de carteira assinada em Macapá, mas o que *a gente* ganha, dá mal *pra* comer, então o que eu vou dar para os meus filhos? comida! comida! comida! É como a minha mãe diz: eles não são porcos *pra* viver só de comida, eles precisam de roupa, precisam de sapato, precisam de brinquedos, principalmente estudo, e na Guiana o estudo é ótimo. Porque o que acontece, é que nessa fase, é difícil para uma mãe, eles pedem uma coisa e eu não *ter* dinheiro para comprar. Olha eu vim *pra cá* com pouco dinheiro, quando eles viam as coisas aqui eles queriam e eu não *ter pra dar*. Isso me doía, sabe? (lágrimas). Por isso vai valer a pena, porque eu tenho certeza que assim que eu chegar *lá*, eu vou meter a cara, vou trabalhar e vou conseguir dar tudo o que eles querem”.

Identifica-se o rio Oiapoque como cenário central desses dramas e dilemas vivenciados na fronteira do extremo norte do Brasil porque, particularmente nesta entrevista, observou-se que no dia seguinte esta moça permaneceu encostada na sacada do hotel durante horas olhando em direção ao rio. Trata-se de uma atitude que faz parte do cotidiano, tanto daqueles que partem para a Guiana Francesa, como daqueles que ficam por algum motivo, como foi o caso dela.

Deve-se lembrar que em capítulo anterior, foi identificado que a migração brasileira para a Guiana Francesa em sua maioria é clandestina e, portanto, as experiências aqui analisadas são de pessoas que se arriscam rumo ao território francês de forma irregular, por isso são poucas as possibilidades de entrada no DUF para esses migrantes. Então só lhes resta arriscar pelo meio da mata, estradas, rios, mar, isto sem previsão de chegada; se arriscam sabendo das chances de ficarem pelo caminho, como muito de seus compatriotas. As páginas seguintes contam histórias e vivências de migrantes clandestinos em sua primeira tentativa de chegar ao território francês, como parte marcante das experiências vividas por eles nessa aventura.

As narrativas descortinam os perigos e riscos enfrentados para transpor esta fronteira repleta de ilusões, tendo como principal cenário o rio Oiapoque, cuja grandiosidade e beleza escondem os sacrifícios desses brasileiros em busca de uma vida melhor, e “nesse caso, cabe ao rio Oiapoque dividir os países - e ser o cenário das travessias legais e ilegais” (CANEJO; PAIVA, 2005, p. 37). Estas situações conflituosas que colocam o rio Oiapoque como principal cenário para vida daqueles que transitam diariamente na fronteira, como é exposto na fala de uma moradora:

“Uma canoa *dessa* que a polícia apreende *tá* no valor de R\$ 35.000,00, e você não ter uma canoa *dessa* é como você *tá* a pé numa estrada *dessa* aqui sem carro, então essa é que é a briga, se *a gente* perder uma canoa *dessa*, *a gente* não tem como viajar. *A gente* viaja pela água, então a gente depende muito do transporte marítimo, entendeu, então é isso, **porque o rio Oiapoque aqui é tipo uma BR** (grifo nosso), assim como eles passam, *a gente* passa, então eles acham que têm o direito de passar e nós não, não temos o direito

de passar, para eles têm passagem livre, *pra* nós não tem, entendeu!” (Paraense, 42 anos, moradora de Ilha Bela, desde 2000, chegou à fronteira em 1991).

A saga desses brasileiros se mostra reveladora quando descrevem o momento da travessia até a chegada. As narrativas entoam doses elevadas de subjetividade “na medida em que cada pessoa valoriza acontecimentos diferenciados que marcaram esse momento inicial, seu nascimento como imigrante ilegal” (PINTO, 2008, p. 211). Essas situações e dramas, apesar de envolverem claramente uma discussão complexa que é a própria violação dos direitos humanos para estes trabalhadores, fazem parte apenas a primeira “viagem” de muitas que ainda enfrentarão, isso se não ficarem pelo caminho ainda durante a travessia.

O primeiro relato é de uma amapaense de 62 anos, legalizada, mora em Vila Vitória, mas vive em trânsito na fronteira, pois seus filhos moram na Guiana Francesa. Sua primeira travessia foi, quando ainda não tinha documento, na década de 90, de catraia junto com uma prima, uma amiga e mais 45 pessoas. Deste total havia somente três mulheres (elas) e o restante eram homens. Quando a embarcação chegou ao DUF por volta das 3h da madrugada, saltaram próximo de uma praia no rio Maroni (GF), com a água até o pescoço. Logo na descida perdeu o sapato e a sacola. Na segunda viagem, no ano de 1993, precisou retornar ao Brasil, uma vez que estava grávida do filho que hoje tem 17 anos.

Vê-se que isto se repetirá por vezes nos relatos de mulheres que migraram para Guiana Francesa. A entrevistada conta que antes se aportava muito longe da praia e quando eles chegavam o canoeiro não parava, apenas avisava que havia chegado e mandava pular, fazendo o retorno da embarcação: “as pessoas iam pulando com as mochilas, mesmo aqueles que não sabiam nadar”. Porém, ela destaca que em sua viagem, como o canoeiro era conhecido, ficou na margem da praia do Maroni, mas esta sorte é de poucos<sup>46</sup>. Inclusive teve que salvar uma amiga que não sabia nadar. Neste mesmo instante a prima gritava “olha a polícia”, elas tiveram que se esconder debaixo de um barco, pisando em espinhos, com formigas grandes subindo em seu corpo, e a polícia focando com a lanterna na direção delas, sendo que elas não podiam gritar. Em seu retorno para Cayenne, ela conta outra situação constrangedora:

“Aí quando eu retornei, nós saltamos numa praia, e a minha amiga correu e eu atolei na lama e a minha amiga caiu dentro do esgoto. *Aí a gente foi tirar ela*. Hoje esta minha amiga está naturalizada e vive na França. Às vezes ela telefona, e eu falo ‘e o esgoto’, pois ela ficou totalmente fedorenta (amapaense, 62 anos, mora em Vila Vitória).

---

<sup>46</sup>Nestas viagens geralmente as embarcações aportam distante da praia, o que força os passageiros a nadar carregando suas sacolas.

A entrevistada lembrou, inclusive, que certa vez no ano de 1993 ela foi esperar a chegada de três famílias que conhecia e que pretendiam também ir tentar a sorte e trabalhar em Cayenne:

“O que mais marcou foi 1993 quando afundou uma canoa e *morreu* umas amigas aqui com criança, depois da Montagne d’Argent. *A gente* foi esperar na beira da praia e elas não chegaram. Foram umas três famílias que afundaram, fora as outras que *a gente* não conhecia. A canoa afundou a maresia aqui tem quase três metros de altura nesse oceano. E quando sai daqui do rio tem que dormir na Montagne d’Argent. A maresia é muito forte e às vezes os canoeiros se perdem. A polícia dificilmente fica no rio, ela fica nas beiras, afundou na hora da saltada, porque o ruim é a saltada da catraia. Hoje ficou fácil, às vezes eles encostam no porto, no Regina (amapaense, 62 anos, mora em Vila Vitória).

Experiências como esta, é que fazem reportar às palavras de Bauman (2005). O autor faz uso de uma descrição metafórica da saga dos imigrantes diante da nebulosa globalização da modernidade ou modernidade globalizante de sujeitos lançados compulsoriamente no vasto mar de esperanças e incertezas, é vivida literalmente no cotidiano da fronteira entre Brasil e Guiana Francesa, por diversos migrantes na travessia do Oceano Atlântico como meio de chegar ao território francês tal como descrito a seguir:

Esta amapaense de 38 anos viajou para Cayenne ainda na década de 90 no século XX. Segundo ela, sua situação no Brasil era estável, proprietária de um restaurante, possuía carro e casa própria. Mas a convite do irmão que já morava em Kourou, resolveu juntamente com o marido e os filhos, sendo que o mais novo tinha apenas 8 dias de nascido ao fazer a travessia. Vendeu o restaurante e o carro, ficando somente com a casa que estava alugada em Macapá. Num primeiro momento, segundo ela, a intenção era atravessar pela estrada. No entanto, ao chegar ao Oiapoque recebeu a notícia que a estrada estava interditada, após esperar um mês pela liberação da estrada, o que não aconteceu, decidiu enfrentar a travessia da fronteira.

“A primeira vez que eu vim foi pelo mar porque a estrada *tava* cortada. Nós viemos em uma noite escura no mar, o motor caiu dentro do oceano, passou por um negócio que veio por de baixo da canoa, levou o motor, quase *a gente* morre, foi aquele desespero, muita maresia. Acho que foi um pau que passou por debaixo da canoa, quando chegou ao motor levantou e jogou o motor. Foi muito desespero, *a gente* ficou numa ilha, e os clandestinos quando vêm ficam nessa ilha dois dias; foi um dia e uma noite nessa ilha e o que *a gente* levou para comer acabou. Nós ficamos na ilha para esperar *o pessoal* voltar, ir ao Oiapoque de novo para pegar outro motor e eles foram de ‘vara’<sup>47</sup>, passando mais um dia para pegar o motor e trazer *pra* ilha no meio do mar. Só que nessa ilha tem uma casa que é da polícia *Gendarmarie*, que pega clandestino, que é a policia mais forte que tem aqui, é a *Gendarmarie*. E se ela pegasse *a gente* ela *ia* expulsar nós e mandar de volta de novo, mas nós ficamos quietos. De lá botaram o motor, e até hoje eu falei *pra* Deus, que se Deus não deixasse eu morrer e os meus filhos durante eu morar nas guianas eu só *ia* embora *pro* Brasil quando eu tivesse meu papel, se Deus me desse meu papel eu *ia*, mas

<sup>47</sup> Haste comprida confeccionada de galho de árvore, usada para impulsionar a canoa quando o rio está raso.

eu nunca mais eu ia passar por essa situação. Eu gritava! Era um desespero muito grande, *do pessoal* que vem pra cá, eu tenho pena, muitos vem iludidos, pensando que aqui é um lugar bom, mas agora o euro está muito escasso”. (Amapaense, 38 anos, legalizada, mora em Cayenne).

Diante desta situação é conveniente indagar é: o que leva um pai e uma mãe arriscarem a vida deles e de seus filhos numa travessia tão perigosa? Pela fala da entrevistada, sua situação era satisfatória no Brasil, mas o discurso do irmão de que “nas guianas é ainda melhor” parece funcionar como atrativo. Este momento para ela foi tão inesquecível, que só retornou ao Brasil há poucos anos quando já era legalizada. Para Ramos (2003) a viagem significa o primeiro passo para que qualquer indivíduo se torne migrante. Esta mudança de condição de viajante para migrante acontece em sua vida sem que ele mesmo saiba o significado de transformar-se logo adiante em “o estrangeiro”.

A preocupação da entrevistada é de que muitos continuam a arriscar sua vida e de seus filhos nesta travessia ilegal, preocupação que deveria ser compartilhada pelas autoridades brasileiras. Esses migrantes não conseguem dimensionar o perigo e levam na bagagem apenas o sonho de viver/trabalhar na Guiana Francesa, conseguir uma vida melhor do que tinham vivendo no Brasil. E o drama dessas travessias é repetido ritualmente por outros brasileiros, como é descrito também na história da primeira travessia de outra amapaense de 36 anos a qual embarcou nesta aventura em 2000. Com ela vieram o marido e três filhos, sendo que o mais novo tinha apenas 1 ano de idade. Segundo ela foi uma viagem difícil e perigosa. Ela e o marido receberam esse alerta de algumas pessoas ainda no porto da cidade de Oiapoque, antes de embarcar: “*aí* as pessoas me diziam não vai porque as crianças podem morrer, *aí* eu disse ‘mas assim mesmo eu vou, eu vou com fé em Deus’; *aí* nós viemos, ficamos 3 dias viajando no mar”. Durante a viagem, o medo e o desespero de todos é muito bem narrado por ela:

“Viemos de canoa, mas não é essa canoa, é canoão, sem cobertura, sem nada e *pra* acabar de inteirar, nós não trouxemos nem plástico, só céu e água, só coragem e vontade. O meu marido tapava o olho e não queria olhar, e dizia: eu quero morrer mas não quero ver essa água caindo assim. E eu dizia: se morrer morre nós *tudinho* logo, e dizia *pra* ele, eu não vou colocar plástico nenhum em cima de mim, eu vou morrer mas eu vou morrer de olho aberto. *Aí* a água vinha tão alta, tão grande que quebrava dentro da canoa, e o meu marido pegava os meninos *tudinho* e abraçava, chorando igual criança, e dizia: eu vou morrer mas não quero que os meus filhos *morra*. *Aí* eu dizia assim: rapaz, te acalma, a gente não vai morrer, *a gente* vai chegar *lá* com fé em Deus, *a gente* vai chegar, mas ele é mais medroso do que eu”. (risos).

Segundo a entrevistada, apenas no domingo pela manhã foi que chegaram à cidade de Kourou. Conforme o combinado, o canoeiro foi avisar seu irmão de sua chegada e depois de duas horas ele retornou, conduzindo a família por um caminho que era por dentro de um

cemitério. Disse que correram durante 10 minutos para despistar a polícia e chegar mais rapidamente a casa de seu irmão, o qual já estava à sua espera. Segundo ela, o custo da viagem clandestina na época foi de R\$ 150,00 por pessoa, e que atualmente o preço cobrado é de R\$ 200,00, revelando o alto-custo da viagem, quando comparado àquele pago por uma pessoa legalizada que viaja para o DUF.

Conforme relata outro entrevistado de 56 anos, oriundo da cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão, o receio de serem enganados por esses atravessadores de clandestinos os fazem suportar todo tipo de obstáculos em seu intento de ir para a Guiana Francesa. Segundo o entrevistado, ele viajou de ônibus de Imperatriz até a cidade de Belém do Pará, e de lá veio para Macapá de navio até o Porto de Santana. Dirigiu-se para a cidade de Oiapoque de carro. Chegando em Oiapoque, a pessoa que iria fazer a travessia dele e de mais três companheiros, exigiu o pagamento adiantado da viagem. Como ninguém concordou com medo de ser pego pela polícia francesa e perder todo o dinheiro investido na viagem clandestina, eles decidiram que fariam por conta própria a viagem. Caminharam durante uma semana pela mata saindo da cidade de Saint George até o porto de Regina. O dia da chegada para ele é inesquecível, 05 de fevereiro de 2001.

“A *gente* arrumou uma pessoa *pra* atravessar *a gente*, mas na hora do pagamento não combinou, porque ele queria que a *gente* o pagasse logo, mas *a gente* ficou com medo que a polícia pegasse *a gente* na estrada, e ele ficar com o dinheiro e *a gente* não ter mais dinheiro *pra* voltar, *ai a gente* reuniu, atravessamos o rio *lá* no São Jorge do Oiapoque, viemos *pro* São Jorge e varemos aos poucos. Quatro noites de varação, de dia a *gente* dormia. Eu cheguei nesse dia e no mesmo dia eu comecei a trabalhar, e as pernas tudo doída, mas já comecei a trabalhar porque eu precisava do dinheiro, só que eu queria só um bico *pra* mim chegar mais *pra* frente, mas como eles gostaram do meu trabalho, *ai* ficaram comigo”.

Pinto (2008, p.129) adverte que esse rito de “passar” para a Guiana Francesa e voltar vitorioso para o Brasil é aceito por alguns brasileiros como “uma espécie de purgatório para quem deseja vencer na vida”, o que compensa as dificuldades e os riscos enfrentados ao viajar clandestinamente em direção ao território francês. Isto nem sempre acontece, como descreve Martins, R. (2010, p.78):

Assim, o movimento de travessia é repleto de histórias de vida e morte encontradas ao longo da fronteira. O migrante antevê um quadro de dificuldades que possivelmente serão encontradas durante a vida ou até que ele consiga estabelecer-se. Embora nem sempre esse estabelecimento ocorra de direito, somente de fato, a maioria passa muitos anos vivendo de maneira clandestina e fazendo a travessia sempre da mesma forma, cheia de tensões e temores.

As narrativas resumem situações de desespero, ansiedade, medo, coragem desses trabalhadores que colocam a vida deles e até de sua família, a todo tipo de risco e intempéries,

sinalizando suas escolhas de vida que é de sobreviver em situações-limites na Guiana Francesa. Pessoas que se encontram nos caminhos da fronteira sem nunca terem se visto, mas que de alguma forma, seus caminhos se cruzam no objetivo de adentrar o território francês, como descreve o entrevistado: “companheiro do meio de estrada que eu não sei nem quem é! Só lembro que um *tava* sem dinheiro eu arrumei R\$ 100,00 pra ele, quando ele chegasse aqui o irmão dele me *pagava*, ele nunca me pagou”. Observa-se que nem mesmo os obstáculos os fazem desistir. Portanto, estão sujeitos ao que eles denominam de “sorte”, que pode favorecê-los na primeira travessia, ou pode abandoná-los quando ficam pelo caminho. Esse trabalhador logo na chegada recebe toda uma carga de estigma pela sua própria condição de clandestino, enfrentando diversas dificuldades de inserção no mercado local, que se torna cada vez mais exigente quanto a legalização trabalhista.

#### 4.2 Garimpeiro: a vida desses brasileiros na Guiana Francesa

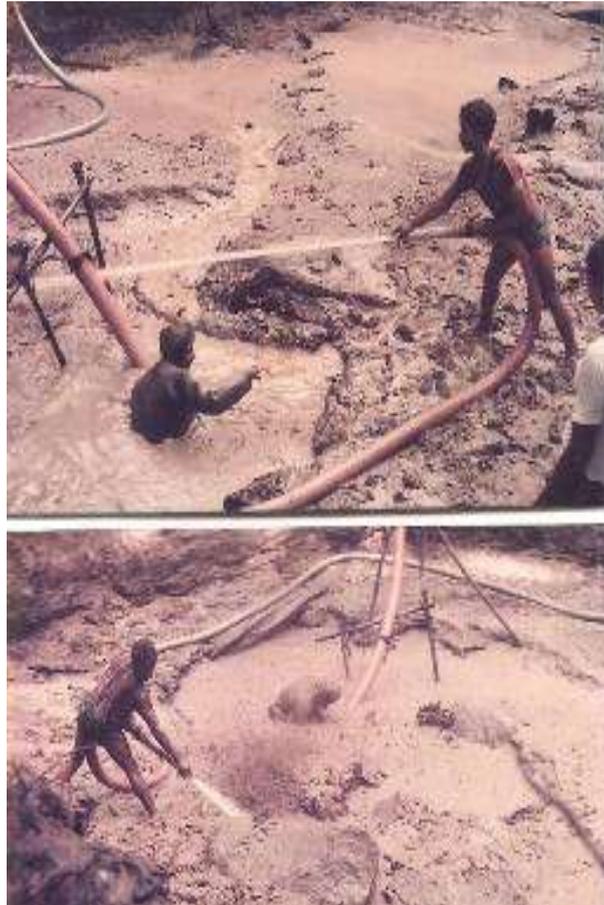
“Garimpeiro nosso que escavas a terra, fortificado seja o teu picarete, *venha nós* todo o teu ouro, para que paguemos todas as dívidas tanto as internas quanto as externas, e o imposto nosso de cada dia aumente hoje, e para nós seja sempre a febre amarela e a malária para sempre! Amém!”<sup>48</sup> (Sr. Maia).

A procura pela atividade garimpeira na Guiana Francesa começou a partir de 1986, e se intensificou depois da chamada Operação Selva Livre, criada no então governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992), com o objetivo de desarticular a atividade garimpeira que existia no interior dos territórios indígenas do Estado de Roraima. Como o acesso a esses garimpos por via terrestre e fluvial era difícil, o governo identificou que seu abastecimento acontecia pela formação de um grande número de pista de pouso clandestina, por isso buscou através da operação a eliminação desses locais, que a partir daí eram abandonados por não terem como funcionar as máquinas, por falta de combustível. E como a fiscalização neste período não era tão rígida por parte do território francês, grande parte destes garimpeiros se dirigiram a Guiana Francesa (SOARES, 1995). A Foto 28, a seguir, é de um garimpeiro que chegou à fronteira neste período, e revela o trabalho sacrificado daqueles que almejam enriquecer pela extração do ouro:

---

<sup>48</sup>Segundo o Sr. Maia, a inspiração para o Pai Nosso dos Garimpeiros veio após assistir a uma entrevista do então Presidente da República José Sarney sobre a possibilidade de jazidas de minério de ouro no Amapá, cujo discurso iniciou assim: Brasileiros e brasileiras eis a oportunidade de pagarmos as dívidas tanto às internas quanto às externas. Quando ouviu estas palavras o Sr. Maia e seu amigo Paulo de Tarso escreveram o Pai Nosso dos Garimpeiros.

**Foto 28** - Trabalho de garimpeiros, nos barrancos



**Fonte:** Acervo pessoal do Sr. Maia, s/d.

Durante a pesquisa de campo foi possível observar na fala dos entrevistados, que alguns partem em direção a cidade de Oiapoque com a expectativa de trabalhar nos garimpos da Guiana Francesa; alguns seguem em seu intento, outros desistem ao chegar à cidade, por perceber as inúmeras dificuldades que a atividade vem sofrendo na região por conta da forte fiscalização do Estado francês, e retornam para as cidades de origem. As histórias das viagens para o garimpo se cruzam com a daqueles que vão em direção às cidades francesas, seja pelo mar ou pela mata, como nesta fala: “*a gente vai correndo pro carro... um bocado, uns vão pro garimpo, outros pra Cayenne, e outros sei lá pra onde*” (Maranhense, 51 anos, mora em Cayenne, chegou à fronteira em 2003). A travessia segue o mesmo rito de passagem para as cidades do DUF. A diferença é que a vida destes brasileiros torna-se mais sacrificada e ainda mais arriscada, visto que se lançam aos perigos do rio, passando pelo Oceano e adentrando na floresta. As relações de trabalhos estabelecidas nestes locais são ainda mais perversas, onde a lei do silêncio e do mais forte é que prevalece. As falas a seguir tornam reveladoras: os perigos da viagem; a malária, a institucionalização da violência e ilusão do ouro; a separação da família.

O entrevistado estava trabalhando nos garimpos da Guiana Francesa havia 12 anos. Na ocasião estava no garimpo do Sikini<sup>49</sup>, mas segundo ele já conseguiu montar seu próprio garimpo. No entanto, uma visita da polícia francesa ao local, o fez perder todo o seu investimento, pois tudo foi destruído, por isso ele voltou a condição de garimpeiro. No momento da entrevista estava retornando para visitar a família em Macapá. Ele conta em detalhes a dificuldade para retornar ao garimpo, devido a intensificação da fiscalização por parte da polícia francesa.

“Para você ter uma idéia do garimpo que trabalho para Oiapoque são 17 dias a pé, na vinda *pra cá*, agora em setembro, eu e mais 22 pessoas fomos presos pela polícia francesa, fomos amarrados um no outro pela mata até chegar numa pista de avião, onde fomos levados algemados até Cayenne, onde ficamos três dias presos, e em seguida fomos deportados para Belém e de *lá* enviados a Macapá. O pior é que levaram todo ouro do pessoal, o meu achei de confiar num parceiro, justamente temendo ser pego pela polícia, mas o safado me passou a perna e se mandou com meu ouro para o Maranhão”. (Paraense, garimpeiro, chegou à fronteira em 2007, mora em Macapá, Pesquisa de Campo, 2009).

O entrevistado admitiu que já havia presenciado muitas mortes: “lá não se pode nem olhar feio para o sujeito que matou, senão ele pergunta: ‘e aí, tu *achou* bom ou ruim?’, se você não confirmar com um gesto de apoio, a mira do revólver se volta contra você”. No local, segundo ele, as armas usadas são de alto poder de fogo: metralhadora, escopeta e 340. Lembra de um fato inesquecível nesta vida de garimpeiro: a mulher do patrão se envolveu com um garimpeiro e os dois pretendiam matá-lo, mas ele descobriu tudo, e resolveu a questão com as leis impostas nos garimpos, matou os dois e enterrou embaixo de um cajueiro:

“Uma história triste que eu me lembro do Sikini foi quando um casal roubou o patrão, eles armaram para matar o patrão, e ele descobriu e matou os dois e enterrou os dois numa cova rasa, perto de um cajueiro, então toda vez que eu passo perto deste cajueiro eu me lembro desse fato”.

Quando se perguntou ao entrevistado o que diria para alguém que quer ir para os garimpos da Guiana Francesa trabalhar, sua resposta foi em tom de alerta: “quem tiver dentro não sai, quem *tá* fora não *vá*”. O tom de voz era um anúncio dos tempos difíceis que essa atividade representa na região, correspondendo a um declínio que envolve decisões do Estado francês em cooperação com o Estado brasileiro e os direitos dos povos indígenas que habitam em seu entorno. Existe ainda uma quadrilha especializada em desenvolver a extração ilegal deste minério, ocasionando impactos ambientais, principalmente pela contaminação dos rios pelo mercúrio. Iniciativas sobre a questão não avançam, pois a permanência desta atividade converge para certa “cumplicidade” dos envolvidos para que ela permaneça.

---

<sup>49</sup>Região conhecida por concentrar grandes reservas auríferas dentro do território francês.

Este garimpeiro descreve ainda o alto custo dos produtos comercializados no local, no ano de 2010, quando 1 grama de ouro equivalia a R\$ 50,00. Desta forma, o custo dos produtos correspondente ao grama do ouro era o seguinte: 1 lata de refrigerante, 1 grama ; 1 kg. de farinha, 4 gramas; 1 kg. de carne, 2 gramas; 1 kg. de sal, ½ grama; 1 kg. de arroz, 1 grama. Mesmo diante desta constatação, o entrevistado alimentava a esperança de auferir lucratividade, mudar a sua situação e ter seu “dia de sorte” na extração do ouro para proporcionar à sua família melhores condições no Brasil.

Outro ex-garimpeiro, de 46 anos, nascido no Piauí, morador de Vila Vitória contou sua longa trajetória pelos garimpos “na divisa do Suriname, com Guiana, Sofia, Belíssima, Goianópolis, Serra Pelada, Roraima”, mas não esquece do dia que chegou à fronteira - 14 de maio de 2003. Ele iniciou nesta atividade ainda aos 16 anos, por isso, declara: “minha vida quase toda foi no garimpo, eu parei com o garimpo agora em 2006”. Em uma de suas falas foi possível captar a forma como se deslocou por todo o Brasil a procura de garimpos que possam lhe trazer maior rentabilidade:

“Cheguei de manhã aqui ao Oiapoque, quando deu meia-noite eu *rasguei* nesse *marzão* aí, rumo ao Regina. Do Regina varei *pro* garimpo do “Ipozem<sup>50</sup>”, trabalhei um ano e seis meses lá, depois fui bater em Roraima, de lá já *fui sair* em Macapá; de Macapá voltei *pra* cá e entrei de novo”.

A decisão de parar com o garimpo foi tomada quando trabalhava no Suriname. No hotel onde estava hospedado presenciou a um grupo de brasileiros darem uma surra em um rapaz para roubar o ouro que ele carregava. Diante da cena, nunca mais retornou para o garimpo: “não quero mais garimpo não, *já abusei*, já ganhei muito dinheiro, já gastei”. Atualmente está separado da primeira mulher, com quem teve que dividir o único bem que conseguiu com o dinheiro do garimpo, uma casa em Belém. Hoje mora em Vila Vitória, com a atual esposa e os filhos, e faz pequenos bicos para sobreviver “com o dinheiro do garimpo eu comprei uma casa em Belém, só que hoje eu não tenho nada do garimpo, eu tinha oito *cordão* de ouro, não tenho mais, porque vendi tudo”. Quando indagado o que diria para alguém que quer ir se aventurar no garimpo, ele responde diferentemente do outro entrevistado. Para ele cada um é dono de seu destino: “se você quer ir vá, porque não adianta dizer *pro cara* não ir, aí eu digo tem momento bom e tem momento ruim; você passa por muitas dificuldades, e às vezes você adoce”. Segundo ele, a malária adquirida no garimpo se cura apenas com o passar do tempo “se em três dias *melhorou* tem que tá no trabalho”, no local não tem nenhum medicamento para auxiliar no tratamento:

---

<sup>50</sup>Garimpo identificado também no trabalho de ANDRADE (2007, p.248).

“Lá, o medicamento do garimpo, é você comprar uma dose de cachaça e beber, sabe que é malária mesmo, e bebe sem medicamento nem nada. Se *morreu*, morreu e se não morreu ele vara de novo. Lá não tem médico, não tem nada, o único garimpo que eu trabalhei que tinha um médico foi o Sikini”.

A trajetória dos trabalhadores de garimpo é evidenciada de maneira significativa pelo entrevistado. Os perigos iniciam ainda na travessia, e as condições de moradia vivida por eles no local de trabalho são extremas, sendo são expostos a doenças, principalmente a malária. O alto custo das mercadorias adquiridas no garimpo, é outro fator preponderante nessa aventura, mas às vezes o patrão fracassa no barranco; “você não recebe e não consegue nem se alimentar bem.” Com relação à forma de pagamento estabelecida entre patrão e empregado este garimpeiro descreve que:

“O pagamento lá é pela porcentagem, se você produzir bem, você recebe bem, se você produzir menos, recebe menos. Quando trabalhei, cheguei a ganhar 300 gramas de ouro, mas como descontava o óleo, dava *umas* 200 gramas”.

Parece que os altos custos não se restringem apenas a alimentação, mas a qualquer produto comercializado no local. Outro questionamento feito ao entrevistado foi quanto à logística para manter os garimpos longe do olhar da polícia francesa: “fica gente com um rádio de comunicação, aqueles *amigo* de fé, inclusive tem francês mesmo que é amigo e avisa. Aqui nós *tinha* um amigo francês, aqui da França que avisava *nós*, e ele falava Português”. Sua declaração aponta um avançado sistema de comunicação para exploração do ouro, acompanhado de uma logística que começa com o “varador”, que é a pessoa contratada para “pesquisar” o local onde tem o ouro; em seguida é feita a “picada” e segundo ele começa o acesso, com a construção do barranco para a exploração do mineral ouro.

Parece que a história dos garimpeiros se entrelaça na medida em que descrevem sua trajetória de vida no garimpo. Outro ex-garimpeiro, de 28 anos, paraense, natural de Almeirim, morador de Vila Vitória, e funcionário público, cuja chegada à fronteira aconteceu em 2002. Sua experiência em garimpo durou apenas 3 meses, com retorno precoce motivado por malária. Todavia, para ele são momentos que ainda estão bem vivos em sua memória, principalmente da viagem saindo de Oiapoque:

“Quando eu fui para o garimpo, é como eu falei, o que mais tem em Oiapoque é o *Canoão*, que eu não sei quanto tá agora; nós já estamos em 2010, e naquele tempo era R\$ 150,00 por pessoa. Eu acho que eu não me lembro mais o tempo, a hora de viagem *pra lá*, só sei que é longe. As mulheres urinam, porque é mar, dentro daquelas *combuquinha* de óleo, junto com os homens, porque o *Canoão* não pára em canto nenhum, nem *pra* fazer as necessidades fisiológicas, come tudo mesmo dentro da canoa, e o *marzão* tem onda *porreta* querendo virar a canoa, é muito perigoso. A *gente* ainda passou uns três dias na Montagne d’ Argent, uma ilha que tem *lá*, e o motor quebrou, então eles tiveram que voltar pra cá para pegar outro motor e a *gente* teve que ficar *lá* uns três dias esperando. É nessa ilha que o *pessoal* chamam Montagne d’ Argent. Que já é quase a saída *pro* mar, e

que *o pessoal* quando sai daqui prá *lá*, sempre dá uma paradinha, *pra* comer, porque *lá* é o único lugar que tem água doce. *Lá* é engraçado, ela é cercada pelo oceano: água salgada, mas tem um olho d'água que tem água doce, *aí* eles dão uma parada pra abastecer, as pessoas pegam água nas garrafas de 2 litros, *faz* suco, *tudinho*, *aí* continua mais dois ou três dias de viagem”.

Apesar da aparente naturalidade com a qual discorre o entrevistado, o trajeto rumo ao garimpo desvela a dura realidade daqueles que decidem atravessar ilegalmente para o território francês. O alto custo da viagem, a situação constante de perigo pela certeza da saída e a dúvida quanto à chegada, a falta de privacidade pela mistura de homens e mulheres dentro da embarcação, a alimentação feita e consumida no improvisado sem nenhum cuidado com a higiene. As relações de troca e trabalho nesses locais são desconhecidas para os “novatos” na atividade, como foi o caso dele:

“Tem uma coisa que eu conto para as pessoas. Quando eu cheguei, fui à corrutela<sup>51</sup> com fome, *aí* fui comprar uma conserva e 1 kg. de farinha com R\$ 50,00, que eu tinha levado; *aí* o cantineiro<sup>52</sup> me disse: a gente não usa isso aqui não. Pode levar esse dinheiro, e pode guardar esse dinheiro, porque o tempo que tu *passar* aqui, tu ainda *vai* voltar com esse dinheiro para o Brasil, porque aqui *a gente* não usa dinheiro. *Aí* eu pensei: eu querendo comprar uma conserva e 1 kg de farinha com R\$ 50,00 e não *dava!* Mas *aí* ele disse: eu vou te dar, toma a conserva e 1 kg de farinha *pra* ti e come *aí* com teu amigo, eu sei que tu *vai* trabalhar, *aí* quanto tu *voltar*, tu me *paga*, *aí* eu fui embora, mas fiquei dias pensando naquilo”.

Para surpresa do entrevistado, logo em sua chegada, constatou que a única moeda de troca válida no garimpo é o ouro, e ele lembra bem o preço de alguns produtos comercializados na época em que esteve no garimpo do Ipocem: “lembro bem do preço da bebida, um litro de 51<sup>53</sup> era 2g de ouro; uma carteira de cigarro era 1 g de ouro; a farinha era 2g de ouro; um litro de uísque era 5g”. Segundo ele, a bebida é muito consumida pelos garimpeiros “mesmo porque para ficar no meio do mato e agüentar, aquela vida assim trabalhando”. O trabalho no garimpo para ele é uma coisa “doida”. O início do trabalho já começa durante a madrugada, o garimpeiro “pula dentro do barranco, que tá cheio de água, *aí* tu pula naquele frio e dentro da lama”. A submissão a esse tipo de trabalho, segundo ele, está diretamente relacionada à falta de oportunidade do trabalhador, e a ganância em conseguir dinheiro imediato, o que é uma ilusão quando colocados na balança a relação custo-benefício.

Outro momento que o entrevistado não consegue esquecer foi quando presenciou dois garimpeiros assassinarem a pauladas um velhinho enquanto tomava banho num igarapé,

<sup>51</sup>Vilas adjacentes às áreas dos garimpos onde há bares e boates.

<sup>52</sup>Outro garimpeiro Sr. Maia, 59 anos, que viveu grande parte de sua vida no garimpo expõe sua opinião sobre o cantineiro: “quem enriquece no garimpo é o cantineiro, o cantineiro é aquele que vende o óleo, o fumo, a alimentação, as bebidas, a prostituição, e hoje é ele que você vê rico na cidade de Oiapoque, eles poucas vezes pisaram num barranco a não ser *pra* cobrar a mim e aos outros”.

<sup>53</sup>Marca de bebida alcoólica destilada muito consumida nos garimpos.

desprevenido e bêbado, próximo à corrutela. Isso aconteceu por engano, segundo o entrevistado, pois achavam que ele tinha muito ouro, e após o ato consumado eles descobriram que eram apenas 5g. Como no garimpo as normas e regras são estabelecidas pelo próprio grupo, o destino dos dois é relatado por ele de maneira fria e bastante direta:

“Então um grupo se reuniu e matou os dois, porque *lá* é assim, o garimpo é terra sem lei, a lei quem faz é eles mesmos, então a pessoa tem que ser tranqüilo, não mexer com ninguém. O engraçado é que no garimpo todo mundo se respeita, só quando *aparece* pessoas que são agressivas, *aí acontece* essas coisas, porque ninguém leva desaforo *pra* casa. Tipo assim, se um cara falar uma besteira contigo, e ele não falar bem, *aí* tu já *saca* o revólver e atira nele, eu acho que é por isso que todo mundo se respeita, todo mundo anda armado”.

Para o entrevistado, o dinheiro que vem fácil no garimpo também desaparece com facilidade, e desafia: “eu nunca vi um garimpeiro de muito tempo ter alguma coisa na vida?” Sua fala supõe uma espécie de predestinação que todo garimpeiro não consegue fugir de seu destino, o dinheiro que vem em abundância e é conquistado pela extração do minério desaparece também facilmente. Por isso, em tom de conselho, revela outra face do garimpo, o perfil daqueles que optam em viver e trabalhar nestes locais:

“A pessoa que não sabe viver num mundo como eu acabei de falar, no garimpo ele morre rapidinho, porque os atos que *faz*, o teu jeito de ser, foi como eu te falei, se você faz uma coisa errada. *Lá* a maioria das pessoas já tem muito tempo no garimpo e com certeza, eles já mataram, já roubaram. São pessoas já meio doidas da cabeça. É uma maneira de viver”.

Como os outros entrevistados, ele também admite: “eu peguei um bom ouro, mas não tenho nada desse tempo que eu trabalhei lá”. A aquisição da casa no bairro de Vila Vitória, conseguiu depois de retornar e trabalhar no Brasil. Sua experiência no garimpo o fez avaliar que mesmo o salário no Brasil sendo menor, quando comparado aquele que ganharia trabalhando nos garimpos da Guiana Francesa; a satisfação de ter uma estabilidade no emprego, a lembrança deste tempo de sua vida reaparece apenas como algo do passado, contado no presente e escrito de forma diferente na perspectiva de um futuro promissor com a família em território brasileiro. No entanto, como demonstram os Gráficos 4 e 5 sobre nível de escolaridade da maioria desses trabalhadores que se dirigem a esta fronteira, cujo alcance se restringe apenas ao nível fundamental, a possibilidade de ascensão é privilégio de poucos. No caso do entrevistado, ele se diferencia dos demais, pois chegou à fronteira para trabalhar com o ensino médio concluído e na primeira oportunidade prestou concurso público, e vive perto da família.

Outra entrevista valiosa que foi conseguida sobre a saga destes trabalhadores foi a de um garimpeiro de 59 anos, conhecido apenas pelo sobrenome Maia, que começou a trabalhar nessa atividade desde 1976, que o transformou num “autodidata”, inclusive escritor quanto à

questão de garimpo. Em 2010 quando foi realizada a entrevista, exercia cargo público na cidade de Oiapoque. Depois de muitos anos trabalhando por vários garimpos do Brasil, atualmente mora em Oiapoque, e viu na pintura de telas Foto 29, uma forma de retratar a vida de seus compatriotas, e uma forma de alertar as autoridades sobre a degradação do meio ambiente pela atividade garimpeira. Sua parada como garimpeiro foi na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

“Desde 76, eu trabalhei no garimpo das Pacas no rio Tocantins com diamante, depois em vim *pra cá*, depois eu fui para o sudeste onde eu fiz arte, corri terra, aí depois eu vim *pra cá* para o Amapá em 76, fui *pro* sudeste, voltei, fiquei no Amapá, e desde *lá* eu trabalho com garimpo desde 1976, garimpo de ouro, e também trabalhei com tantalita<sup>54</sup> no garimpo do Capivara”.

**Foto 29** - Ateliê do Sr. Maia, onde guarda suas obras sobre o garimpo



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

De forma bastante peculiar e filosófica, o Sr. Maia conta que mora em Oiapoque, mas sua ex-mulher e seus 3 filhos residem em Macapá, juntamente com o restante da família, inclusive netos. Sua opção de vida em trabalhar tantos anos nos garimpos do Brasil, o fez perder o que ele considera de suma importância: a convivência com filhos, e declara:

“O garimpeiro, ele desceu o último degrau da sociedade. Aqui eu perdi uma família, eu perdi meus filhos e uma mulher, você pode dizer assim eles morreram? Não, eu pedi a eles porque me embrenhei nessas matas, *aí* você vai ficando, vai ficando, *aí* vêm as contas, vem a situação difícil, e aquele negócio todo, e você termina... Quando você se dá conta já deixou a família”.

Quando trabalhava no garimpo do Capivara, o Sr. Maia compôs um cordel retratando a vida do garimpeiro, no que se refere a seu envolvimento com mulheres e a bebida. Segundo

<sup>54</sup> Mineral composto de ferro, manganês, nióbio e tântalo. As maiores reservas deste mineral encontram-se nos estados de Roraima e Amapá (BR).

ele, o garimpeiro ao se “embrenhar” nas matas perde a noção de tudo. Saindo do barranco, no caminho que deveria voltar para casa ele gasta tudo o que conseguiu na extração do ouro; o que obriga a retornar para atividade e repetir o ciclo de engano, enquanto a família em casa alimenta expectativas quanto a seu retorno, cuja promessa ainda na partida é a possibilidade de uma vida melhor para família com o dinheiro do garimpo. Apenas um trecho desta composição é declamado por ele durante a entrevista:

“Garimpeiro é garanhão, quando vai à corrutela procura mulher bonita, mas nunca fica com ela, fica porre e não se lembra da desejada gazela. Amanhece *acabrunhado*, moral abatida e pouca, pensando em estar sendo amado, nota a voz fraca e rouca e deu graças porque não viu o cachorro lambendo a boca”.

Ainda segundo o Sr. Maia, torna-se difícil abandonar a atividade justamente por causa dos inúmeros vícios que o garimpeiro adquire em sua longa jornada. Ele inclusive faz uma analogia entre o ouro e o substância entorpecente *crack*, como estes dois conseguem destruir e marcar a personalidade de uma pessoa:

“Eu tenho muitas lembranças do garimpo porque o ouro ele tem uma. Eu acho que o ouro é como uma droga, hoje o *crack* é uma das drogas mais perigosas que nós temos visto pela sociedade e pela medicina, que se *o cara* provar uma vez, na terceira vez ele já está agarrado por ele”.

Esta espécie de obsessão do garimpeiro em conseguir enriquecer com a extração do minério é o que parece direcionar a vida de qualquer trabalhador desta atividade. É esta busca incessante que os faz ficar meses, e mesmo vários anos, longe de casa. O efeito psicológico desta estadia prolongada acaba atraindo esses trabalhadores para todos os tipos de vícios, talvez como subterfúgio para esquecer a saudade da família e suportar as condições de trabalho as quais o local os obriga. O insucesso nessa jornada, a incapacidade de reconhecer para os familiares o fracasso deles nesta busca incessante, os faz preferir que a família aceite ou pense que já estejam mortos, como foi o caso de um matogrossense, morador de Vila Vitória, que abandonou a atividade de garimpo por não ter obtido êxito.

“A minha loucura foi me invocar com os garimpos. *Aí* eu perdi tudo. Tinha a minha casa no Mato Grosso, tinha terrenos na Cuiabá-Santarém. Se a minha mulher tivesse comigo, eu tinha vendido tudo, por causa do garimpo. Hoje eu *to* aqui e não quero nem dar notícia para minha família. Eu era empresário e hoje só sou peão. Então é isso *ai!* Eu *to* com 17 anos aqui e não mando notícia. Já arrumei outra pessoa e tenho dois filhos. Então acho que eles pensam que morri”. (Ex-garimpeiro, 62 anos, chegou à fronteira em 2007<sup>55</sup>).

As experiências desse ex-garimpeiro lembram a avaliação de Sayad (1998, p. 45) sobre a dificuldade em definir migração, a qual provoca uma dupla contradição: provisória ou

<sup>55</sup>O entrevistado chegou a Macapá em 2000, e foi trabalhar no garimpo do Lourenço, só recentemente foi para fronteira, não chegou a trabalhar em nenhum garimpo da região, percebeu as dificuldades de atravessar para os garimpos da Guiana Francesa, por isso não o fez. Durante a entrevista deixou claro que comercializa algumas mercadorias principalmente para os índios, para sobreviver na fronteira.

duradoura. Como bem demonstra a fala do garimpeiro, que prefere cair no esquecimento da família e recomeçar uma nova vida nesta fronteira, já admitindo que a viagem provisória significou sua última parada fora do garimpo.

Os garimpeiros parecem viver uma vida cujos destinos sempre mudam de lugar ou se acaba perdendo o encanto pelo lugar em que se está, é como se o movimento importasse mais do que o destino. Estes trabalhadores fogem do que pode torna-se habitual, não se sentem presos a nenhum legado do passado, a identidade atual é trocada como se troca uma camisa, como algo que logo cai em desuso ou fica fora de moda, indicando que suas relações sociais podem ser exemplos da atual vida líquido-moderna (BAUMAN, 2005), que faz da descontinuidade o elemento das relações sociais em seu curso, e o ser garimpeiro caráter contínuo de sua existência.

#### **4.3 Cotidiano e trabalho: dramas, dilemas e conflitos de trabalhadores brasileiros em direção ao DUF**

*A minha mãe diz que Cayenne é a terra que filho chora e mãe não vê.<sup>56</sup>*

**Foto 30** - Centro da Cidade de Cayenne



**Fonte:** Acervo pessoal da pesquisadora, 2010

Estes migrantes logo na chegada esbarram no choque cultural, já que a maioria não conhece o idioma, a cultura e os significados sociais sobre o que é viver na Guiana Francesa. Isso dificulta ainda mais a condição de ser clandestino (MARTINS, R. 2010). Os sentimentos desses imigrantes diante das inúmeras impossibilidades, incertezas, decepções, humilhações e

<sup>56</sup>Esta amapaense de 27 anos estava retornando a Guiana Francesa com seus filhos a convite da tia.

até violência de toda ordem marcam sobremaneira sua identidade, mas de maneira alguma isto é motivo para desistir de trabalhar em território francês, o rito de migrar sempre se repete, como um ciclo constante de engano (AROUCK, 2003).

Durante a estadia em Cayenne para a pesquisa de campo pode-se observar como é incerta a permanência desses clandestinos em território francês. Certo dia, um morador espalhou a notícia que naquela noite a polícia faria uma ronda nas casas para pegar os clandestinos. Todos que estavam instalados na casa dormiram sobressaltados. No entanto, o dia amanheceu e a polícia francesa não apareceu. Conversando com alguns desses moradores, foi relatado que isso já é um procedimento comum da Polícia Francesa, a qual chega a qualquer hora, entra nas casas e leva aqueles que são surpreendidos, sem mesmo ter a chance, como eles mesmo falam, de “pular no lago”. Os entrevistados relatam que a Polícia Francesa “não pula no lago *pra* pegar *a gente*, então muita gente escapa”. Em suas falas, eles consideram os policiais franceses “educados”, pois algumas vezes eles batem à porta. Somente quando há a recusa do morador em abrir, é que eles adentram na casa. O risco se apresenta até na esquina de casa quando eles vão ao “china”<sup>57</sup> para fazer compras.

“Só esse ano eu já tive três *expulsão*, no ano retrasado eu peguei mais três, e *a gente* leva uma vida aqui. É mesmo que ser um prisioneiro. Vive preso não pode sair na rua. Tem os horários *pra* gente sair na rua. Quando eles chegam correndo, é pisando na porta, e entrando na casa. *Aí* eles vão pedindo *papel* e tu não *tem*. Eles vão metendo algema, vão levando. Nós que já *tamos* acostumados aqui, caímos dentro do lago, e se *esconde* debaixo das casas. *Aí* como eles não entram dentro do lago... Quando eles pegam, levam independente da idade. Levaram ultimamente o meu irmão. Eles não espancam, eles só pegam, dão voz de prisão. *Aí* tu não *tem papel*, então eles algemam, e levam e conduzem *pra* expulsar, e *conduz* até o país, e não é só nos que somos preso, tem outra raça<sup>58</sup> que é pego e não tem *papel*, não tem documento e é expulso. E tem um horário que a gente não pode sair da casa *pra fora* e fica, não dorme direito e fica tudo perturbado, porque de uma hora *pra* outra eles podem entrar e pegar todo mundo. Eu já cansei de ser expulso várias vezes e deixar meus filhos com a minha família aqui sem nada no momento, porque *é* eu que coloco tudo *pra* dentro de casa. Então quando sou expulso e tenho que passar uma ou duas semana fora, *pra* eles fica difícil dar um jeito na minha ausência. Esse é o tempo que eu levo até eu conseguir um meio *pra* retornar *pra cá* e ficar junto da minha família. Essa é vida que eu levo aqui”. (Paraense, 40 anos, mora em Cayenne, chegou à fronteira em 2005. Pesquisa de Campo, 2010).

Outro depoimento sobre como acontecem essas abordagens da Polícia Francesa nos bairros aonde vivem os brasileiros em Cayenne, é revelado por um amapaense de 62 anos, que chegou para a fronteira em 1995, mas somente em 2002 trouxe sua família para Cayenne.

Aqui *a gente* dorme pouco, acorda cedo e *tá* esperto, e qualquer hora que ver *os homens*, cai na *folha*. (risos), *a gente* tem que se esconder é na mata. Ainda ontem minha esposa

<sup>57</sup>Rede de comércio monopolizada pelos chineses, na Guiana Francesa.

<sup>58</sup>O entrevistado se refere às outras nacionalidades que também moram neste bairro de brasileiros, tais como: bolivianos, ingleses (Guiana Inglesa) e peruanos.

pegou um *fino* da PAF<sup>59</sup>, ela vinha do trabalho e viu o carro da polícia, e ela correu *pro* mato, ela e outro rapaz. Eles entram aqui a qualquer hora, no domingo, no sábado. Tem hora assim que de repente *a gente* tem que fechar a porta, e se esconder. Eles só não arrombaram a casa até agora, a casa da gente eles não arrombaram. O serviço deles é esse, pegar o imigrante que *tá* na fronteira, seja peruano, seja brasileiro, seja inglês cada qual com seu país, o serviço deles é isso, não é procurar droga ou outra coisa.

As falas apresentadas demonstram sobremaneira as estratégias empregadas por esses brasileiros ilegais para permanecer em território francês. E ainda sua predisposição para enfrentar todos os riscos e qualquer tipo de adversidade, que os impede até mesmo “de caminhar tranquilamente pelas ruas, à procura de emprego, nem mesmo comprar alimentos ou ficar doente, pois sair de casa para ir ao mercado significa arriscar-se a ser preso e deportado” (MARTINS, R. 2010, p. 98). Portanto, sair de casa para trabalhar ou resolver qualquer tarefa do cotidiano os obriga a se valer de estratégias para despistar a Polícia Francesa, não ser expulso e nem preso, como revela outros brasileiros:

Se permanecer clandestino *sem papel* e eles pegarem, eles expulsam mesmo. Como foi o caso de uns companheiros nossos que iam lá passear em Cayenne e foram pegos e expulsos. Eu fui uma vez só, porque o meu objetivo era trabalhar, ganhar meu dinheiro e voltar para construir alguma coisa aqui no Brasil. Eu não fui para me divertir. Eu fui trabalhar e conquistar alguma coisa. Só uma vez! Eu *tava lá* na praça, debaixo de uma palmeira e eles chegaram abordando todo mundo. Perguntando se tinha papel e eles prendiam logo: *botava* no carro. Não *procurava* saber por que você *tava* ali e conversar e mandar ir embora legalmente, sem prender a pessoa, entendeu? Eles chegavam, algemavam a pessoa. Inclusive tinha um senhor do meu lado. Só que eles pensavam que era guianense. Por sorte perto de mim tinha um jornal. Eu só fiz pegar o jornal, fingir ler. *Aí* eles pegaram os outros, inclusive dois colegas meus que *tava* também. E eu e esse rapaz eles não mexeram. Acho que parecia que eu era um guianense. *Eu tava* com cabelo meio baixo e a minha barba grandona; então eles pensavam que eu era guianense. Então esse fato me marcou muito, pois eu fiquei com mais medo, entendeu? Porque eu nunca fui preso na minha vida, graças a Deus! (Maranhense, catraieiro, 43 anos, chegou à fronteira em 1998, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

*Lá* em Cayenne, na construção civil, fui diretamente para uma obra, num lugar chamado Balatar. E lá *a gente* fica isolado, como igualmente uma prisão. Nós ficávamos na obra, só coberto mesmo, um barraco coberto de telha, fechado. *A gente* ficava *lá*. Tinha um portão. Porque *lá* é assim: se tiver um portão, *ai* só entra com ordem do juiz. Se não tiver, *aí* não entra. *A gente* correu varias vezes para o mato quando chegava o carro da *gerdamarie*. *A gente* corria para o mato. (Paraense, catraieiro, 29 anos, chegou à fronteira em 2000, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

De 2000 a 2001, *tava* melhor para *lá*, porque não tinha tanto policiamento, *a gente* podia trabalhar, mas depois apertou mais o cerco aos clandestinos. O que eles faziam? Contratavam os clandestinos para trabalhar, *aí* trabalhava seis meses, só davam um vale para a pessoa não pegar em tanto dinheiro, quando chegava no final, mais ou menos um ano de trabalho, eles chamavam a Polícia Francesa, armavam aquela tocaia, *aí* eles pegavam os trabalhadores, prendiam, expulsavam e eles não pagavam. (Paraense,

---

<sup>59</sup>Expressão utilizada pelo entrevistado para dizer que a polícia passou bem perto da esposa, e ela assustada correu da polícia.

catraieiro, 29 anos, chegou à fronteira em 2000, morador de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

Eu conheço muita *gente* que vive *lá* clandestino, escondido. Não pode andar. Às vezes tem negócio pra fazer, *aí* não pode andar. *Aí* escolhe horário pra andar. É muita dificuldade! Eu não quero nunca uma coisa dessas. Eu mesmo já fui presa. (Paraense, cabeleireira, 48 anos, chegou à fronteira em 2005, moradora de Vila Vitória. Pesquisa de Campo, 2010).

Diante das inúmeras dificuldades, e principalmente pela intensa fiscalização da Polícia Francesa, que faz *blitz* diária e aborda estrangeiros a qualquer hora do dia, seja no rio Oiapoque, ainda no momento da travessia, ou quando estes se dirigem às cidades da Guiana Francesa, ou estão em suas residências, ou mesmo no trabalho, alguns trabalhadores fazem a opção de ficar na fronteira mais do lado brasileiro, principalmente na cidade de Oiapoque, como foi nesta última fala. Para quem mora em território guianense o direito de ir e vir é preterido em função do direito de trabalhar, onde a primeira tarefa de qualquer candidato recém-chegado e que deseja trabalhar ilegalmente no DUF é conhecer os locais e horários que lhe é possível transitar, existe uma espécie de “toque de recolher” para quem é clandestino na Guiana Francesa.

Outra situação que esse trabalhador da fronteira tem que assumir no mercado de trabalho guianense é sua invisibilidade, sua inexistência, seu anonimato. Os vexames pelo qual passam por não estarem documentados, submetendo-os a aceitar trabalho por um menor preço que o pago por um trabalhador legalizado. Suas histórias revelam uma situação de trabalho escravo e “calotes”, pois muitos patrões se negam a pagar o combinado tendo que fazer denúncia à polícia, “é como se os *indocumentados* fossem seres humanos inferiores, sem direito à voz e à liberdade de expressão” (PINTO, 2008, p. 218), indicando inclusive um mercado paralelo em Cayenne, o qual vive da exploração deste migrante clandestino, principalmente na construção civil, que os submete ao trabalho em condições subumanas. Após o serviço concluído os denunciam à polícia, como estratégia para não pagarem nem mesmo o combinado, que é praticamente a metade do pago ao trabalhador legalizado.

Viver na Guiana francesa como clandestino é silenciar diante das irregularidades das relações de trabalho a que se submetem. O silêncio é o elemento básico desta relação, pois o clandestino só consegue trabalho em função da condição de clandestinidade, mão-de-obra barata e desobrigação do empregador ao cumprimento das leis trabalhistas francesas. São relações de trabalho paralelas às instituições legais e pactuadas entre o clandestino que precisa trabalhar e aquele que oferta o trabalho: um silencia as relações precárias de trabalho e o outro a clandestinidade do trabalhador.

A volta para passar as festas de final do ano com os familiares no Brasil é outro desafio para esses trabalhadores clandestinos. Enquanto para os franceses a única exigência é passar no posto da Polícia Federal em Oiapoque e carimbar o passaporte, na entrada e na saída do país e curtir as festas de final de ano, para qualquer brasileiro, circular em território guianense é exigido o visa. Sendo assim o clandestino fica entre a saudade dos familiares e o temor da possibilidade de não conseguir cruzar a fronteira novamente, para retornar para sua casa, como alguns brasileiros entendem ser a Guiana.

A entrevistada a seguir veio tentar a sorte em Cayenne, com os dois filhos menores. Após 3 anos sem ver a filha que havia deixado no Brasil, resolveu retornar para passar as festas de final de ano. Ela conta quais os obstáculos que teve enfrentar para visitar a filha em Macapá:

Eu *tava* com três anos que não ia no Brasil. Eu *tava* com muita saudade da minha filha. *Aí* eu digo na saída: eu saio, mas voltar? *Aí* eu disse *pro* meu filho: vamos que a gente vai passar o natal no Brasil. *Aí* eu passei na barreira não pediram documento, não pediram nada e fui embora *pro* Brasil, passei uns 20 dias *lá* e tudo bem.

Como a entrevistada falou, sair é fácil para o clandestino, entrar novamente é que tem se tornado cada vez mais difícil. Com medo de ser presa ou deportada para o Brasil, durante a parada na barreira policial, resolveu ir até a PAF, ainda na cidade de Saint George e verificar se havia possibilidade de eles autorizarem sua entrada pelo fato de seu filho estudar em Cayenne. Segundo ela, o policial pediu para que retornasse pela parte da tarde para receber a resposta de seu pedido, quando retornou o policial foi direto: “não... não vou dar ordem para passar, tire um visa pra poder a senhora entrar”, ela ainda tentou argumentar dizendo “mas eu moro lá”, o que não foi levado em conta pelo policial. Então tomou a decisão de ficar e mandar o filho com uma amiga de carro.

Eu disse *pra* minha amiga levar o meu filho e a minha sacola e tudo, que eu vou ficar só com uma calça, só uma muda de roupa e pronto. *Pra mim* não ficar com peso, porque eu vou varar *aí* no varador<sup>60</sup>. Eu não sei se eu vou de canoa, mas me espera *lá* que eu to chegando *lá*. Não sei se eu vou de canoa ou se eu vou de carro, ou se eu vou pelo varador.

Em um primeiro momento a entrevistada pensou em ir de canoa, mas conseguiu contato como um atravessador que combinou que assim que conseguisse um número de pessoas para “passar” ele iria avisá-la no hotel em que estava hospedada. No outro dia eles saíram de Oiapoque e esperaram pelo melhor momento para atravessar no bairro de Vila Vitória, fato que confirma um processo de mudança que está ocorrendo na fronteira, que é da

---

<sup>60</sup>Expressão que significa que a viagem será feita saindo da cidade de Oiapoque, atravessando de catraia até a cidade de Saint George, a partir daí o trajeto é feito pela floresta.

travessia para Saint George rumo às cidades da Guiana Francesa a partir deste novo bairro, que possui uma visão estratégica da movimentação do outro lado da fronteira.

Ele me pegou *lá* naquele porto do Saint George. *Aí* fomos *lá* pra frente do Saint George. Tem um lugarzinho aqui desse lado, é Vila Vitória. *Aí* nós *ficava lá* naquele cais olhando. Olhando *pra* quando o movimento *lá* em Saint George acalmar *lá* pelas 10, 11 horas da noite. É engraçado o camarada fica *lá* olhando. *Aí* ele vem rápido. Quando a polícia se acalma *tudinho*, o atravessador vem rápido, pega a canoa e deixa o carro logo bem na beira (Saint George). *Aí* quando chega canoa eles dizem entra! Entra! Vai! E a gente sai correndo pra dentro do carro. Um *bocado*. Quem vai *pro* garimpo. Quem vai *pra* Cayenne. Quem vai não sei *pra* onde. *Aí* entramos. *Aí* ele diz: vem! Vem! Vamos! Vamos! Menina! Vinham umas 15 pessoas no carro. Na frente vinha eu, o motorista e mais três. Cinco. Você já viu? A minha perna vinha dormente (risos).

A entrevistada declara ainda que primeira parada é a barreira policial em que todos descem e caminham pela floresta passando por trás da barreira que tem um posto da Polícia Francesa “chega *lá* na barreira... vê a claridade da luz... *aí* aqui tem uma barreira alta... *aí* todo mundo salta... parecem uns camaleões... *aí* vai e entra *dentro* do mato”. Segundo ela, o preço da viagem acertado foi de 150 € ainda na saída de Oiapoque. Ela e os outros pagaram 60 €, quando chegou na barreira eles pagaram mais 10 € e o restante quando carro os pegasse depois de passar pelo posto policial.

Porque é assim: *a gente* paga a metade até nessa barreira. Divide o dinheiro. Paga a metade *lá*. Ele cobrou 150 €: pagava 60 € antes de sair e ficava o outro *pra* pagar aqui, *pro* motorista daqui. Porque eles deixam *lá* e o carro vai embora. *Aí* tinha um rapazinho que a irmã dele não tinha dado dinheiro nenhum *pra* ele. Só tinha pagado o moço (motorista), *lá* os 60 €, e quando chegasse o motorista daqui eles recebiam 70 € entendeu? E ela não deu nada pra ele. Nada. *Aí* o rapaz ficou logo triste. Era a primeira viagem do rapaz. *Aí* eu disse: eu não vou deixar ninguém aqui. *Aí* eu paguei 20 €, 10 pra mim e 10 *pro* cara, o rapazinho. *Aí* nós varamos.

Entre os clandestinos, principalmente no momento da travessia, há o fortalecimento do processo social de cooperação, que impede que alguém fique pelo caminho, principalmente por motivos financeiros. Segundo a entrevistada, daí em diante o caminho é feito no escuro pela floresta. Após a barreira da Polícia, um carro pega todos mais adiante, mas para isso é combinado com o atravessador qual deve ser o sinal para que todos entrem novamente no carro no momento exato de sua chegada:

Quando vocês virem um carro, um ou dois se levanta e vê se o carro dá luz baixa. O que der luz baixa é que *tá* dando um sinal que é o motorista que chegou. *Aí* vocês convidam os outros e corram para dentro do carro. Ele vai dar luz baixa e apagar a luz *pra* vocês *saber* onde ele *tá*. *Aí* vocês correm e entrem no carro e *dá no pé* para Cayenne.

O medo de um possível encontro com algum animal selvagem por estarem dentro da floresta e o medo de ser preso pela Polícia, dificilmente podem ser dimensionado antes da partida, mas com certeza no momento da travessia, transborda um sentimento de arrependimento por estarem ali, mas que logo é superado pela determinação de entrar

novamente para trabalhar no DUF. Ela assinala que no momento que eles passam por trás da barreira, por dentro da mata, é possível ver a movimentação toda do posto policial que funciona no local.

Acho que nessa hora eles não querem pegar ninguém. *A gente* passa por trás deles. Um mato ralo. *A gente tá* vendo a luz deles. *Aí a gente* não entra muito na mata, *tá* vendo a luz deles. Às vezes *a gente* vê a sombra dos policiais em pé na barreira. São uns 20 minutos que *a gente* faz isso. Isso a noite. Não é de manhã, não... Isso era 4 h da madrugada.

Para a entrevistada este momento é traumático e difícil de esquecer, pois esperaram a noite toda e o carro que deveria pegá-los após a barreira não apareceu, então quando deu 6h da manhã o grupo resolveu ir a pé para Cayenne. A princípio ela relutou e falou para os companheiros “olha rapaz, Cayenne é longe”, mas obteve como resposta “nós estamos acostumados a varar”. O grupo se dividiu e ela pensou “também não vou ficar aqui pra onça me comer, porque é uma mata virgem e aparece onça”, foi quando decidiu ir caminhando pela estrada, levando apenas uma sacola com uma garrafa de água e uma sardinha; o restante do grupo com medo foi por dentro da mata. Ela ainda avistou o grupo até às 7h da manhã, depois disso os perdeu de vista. Quando foi por volta de 11h30min. ao chegar a Cayenne, conseguiu parar a 3ª *Navette*, pois as duas outras não pararam para levá-la até Cayenne. O valor cobrado pelo motorista foi 20 € até sua casa, e por volta de 12h quando chegou fez o almoço, e em seguida fez questão de ligar para o atravessador que a “deixou na mão” e questionar:

*Aí* fiz meu almoço, comi e liguei *pro cara lá*. *Aí* eu disse: tem mais cuidado com quem tu mandas. Eu *tô* em casa, mas eu vim foi a pé. *Aí* ele disse: e os outros? E eu disse: eu sei *lá!* Acho que a onça já comeu. Eu não *tô* nem *aí*. Eu só sei que eu cheguei a pé, caminhando. *Aí* eu disse: tem mais cuidado que tu vai vê. *Aí* ele disse: não! Desculpe! Não sei o que aconteceu! E me perguntou: mas a senhora chegou em casa? *Aí* eu disse: claro! Eu *tô* falando da minha casa. *Aí* ele disse: *cadê* os outros? *Aí* eu disse: eu vou saber dos outros? Se tu não sabe. Se foi tu que *mandou*, mano. Não apareceu Rato nem Tatu, porque eu *tava* com medo era da onça. Quando foi um dia eu vi esse tal Rato aqui na casa da vizinha, *aí* eu disse: ah, *é* tu? *Aí* ele disse: não! *Aí* eu disse: *é* tu que não foi pegar a gente. Tu que é o Rato que não foi me buscar e eu vim a pé.

Para ela, o fato de ter chegado em casa e não ter sido presa pela polícia, pode ser justificado por trajar tênis e calça e não carregar nenhuma bolsa ou mochila, então é como se ela estivesse fazendo apenas uma caminhada, o que para ela é um hábito comum entre os franceses. No que diz respeito à descrição do momento em que ela cobra do atravessador sua falta de compromisso em executar o combinado, indica um mercado paralelo voltado para atender esses trabalhadores os quais transitam de forma ilegal para a fronteira. Começa naquele que intermedeia a viagem, até o motorista condutor dos passageiros. Esse serviço não

lhes concede nenhuma garantia de chegada e os lança a diversas situações, como ela mesma reiterou do destino incerto do restante do grupo.

A vida do clandestino na Guiana Francesa possui a peculiaridade de se confundir com a própria condição de ser de um território fronteiro, cujo uso e ocupação é forjado sob o discurso de integração e desintegração, parcerias e conflitos, oportunidades e ilusão. Essa dualidade dá sentido e movimento a todas as dinâmicas e transformações as quais tem experimentado essa região e os migrantes que se aventuram nela, principalmente quanto às relações sociais cotidianas, as quais em algumas ocasiões tende a divisão em outras a aproximação.

Para os migrantes que desejam viver ilegalmente na Guiana Francesa, essa relação é ainda mais complexa, pois envolve situações-limites que extrapolam o contexto racional de entendimento mínimo aos direitos humanos. O discurso dos próprios sujeitos, como pode ser visto durante a descrição das falas, é unânime quanto à busca de melhores condições de vida de trabalho em território francês. Contudo, não se pode deixar de questionar: quais condições? Que liberdade eles almejam ter como trabalhadores ilegais no DUF? Se existe entre eles um “toque de recolher” para evitar ser pego pela polícia francesa; se o silêncio é um pacto por excelência e compulsoriamente admitido por esses clandestinos dentro das relações de trabalho no DUF, já que, caso contrário, sua permanência não tem sentido de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do contexto de desenvolvimento das relações transfronteiriças, a discussão teórica sobre o processo de mudança relacionado às dinâmicas sociais vivenciadas nesta faixa de fronteira, entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa, é primordial para a compreensão da importância desses espaços, que é ao mesmo tempo periférico e estratégico. É utilizado por atores externos e internos de acordo com seus interesses, na maioria das vezes difusos. Para ampliar esta discussão é concedido a fala a um de seus principais protagonistas: o morador dessa fronteira, em particular os trabalhadores brasileiros, os quais atualmente se vêem negligenciado pelo próprio Estado brasileiro, que parece desconhecer o cerne da questão, as relações históricas de vizinhança entre as duas cidades gêmeas Saint George e Oiapoque, onde a noção de fronteira perpassa limites físicos.

Desta forma, é importante produzir conhecimento acerca das novas realidades que se relacionam diretamente com o desenvolvimento dessa região. Trata-se de contribuir para que se possa planejar políticas públicas com maior eficácia, com alterações profundas nas relações sociais nessa faixa de fronteira, quando se identificam os problemas urbanos, a falta de interesse do Estado brasileiro para região e as grandes possibilidades que estão se descortinando, principalmente com a conclusão da BR-156 e da ponte binacional.

Com a conclusão dessas obras, o interesse entre os dois países tende a ser ampliado e a perspectiva de abertura para o mercado internacional aparece como promissor. No contexto das duas cidades gêmeas, Oiapoque e Saint George, descortina-se uma dicotomia entre desenvolvimento e subdesenvolvimento que alimenta a cadeia de interações atuais dessas regiões periféricas e ultra periféricas. Com o processo de globalização, esses espaços se apresentam de modo particular, como novos movimentos para esta interação, sendo possível afirmar que as expectativas que emergem a partir de sua materialização indicam aprofundamento dos problemas sociais que envolvem as cidades gêmeas, o que deve ser pauta de discussões entre Brasil e França, em particular o caso brasileiro, pois as indagações de alguns entrevistados durante a pesquisa de campo foi: “quais benefícios essa integração transfronteiriça irá trazer para o município de Oiapoque?”.

Sabe-se que o município de Oiapoque se insere de forma desigual nesta realidade, principalmente com relação às contradições relacionadas ao aspecto social, econômico e urbanístico, alterando inclusive as relações sociais de seus moradores com a cidade de Saint George. Isto é perceptível mesmo antes da conclusão da Ponte Binacional. A sugestão é

quanto à urgência de políticas públicas voltadas: à saúde, à educação, a saneamento básico, à moradia, à geração de empregos, a lazer, enfim, cumprir o que preconiza a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, atendendo assim, as demandas sociais do referido município, pois um evento deste porte requer toda essa infraestrutura. Entretanto, as perspectivas para os guianenses com relação à ponte binacional têm outro contexto, visto que é percebido como favorável, indicando inclusive uma nova alternativa de trânsito para o Brasil, mais segura e rápida, o que pode reverter a situação atual do município de Oiapoque, dinamizando principalmente o setor terciário.

Este trabalho também indicou uma mudança no que diz respeito à origem do trabalhador que se dirige ao DUF, que antes indicava uma grande presença de nordestinos, e agora aparece com grande fluxo oriundos principalmente da Região Norte, em particular do Estado Pará. Outro aspecto apresentado na pesquisa foi que, apesar da grande presença da migração masculina em direção a Guiana Francesa, foi detectado um significativo aumento da migração feminina. Os trabalhos apresentam significativa diversificação nos dois gêneros, no caso entre os homens temos: catraieiro, serviços gerais, autônomos; no caso das mulheres, apesar do estigma que as co-relacionam ao mercado do sexo, a pesquisa mostrou os vários setores que as têm absorvido: setor doméstico, vendas, restaurantes e beleza (cabeleireiras, manicure e pedicure) e até motorista de *navette*.

Atualmente a migração para o Departamento francês não está mais impulsionada por apenas um setor econômico como acontecia antes, para construção civil e mineração. Esses setores já não mais absorvem tanta quantidade de trabalhadores que migram para Guiana Francesa. Essa migração ocorre, no contexto atual, mais em função das redes sociais preestabelecidas por eles do que por um trabalho específico em território francês. Quando decidem migrar, não há sequer garantia de trabalho certo. Ao chegar à Guiana Francesa, alguns passam um tempo sem trabalho, quando conseguem, exercem várias atividades. A maioria declara fazer qualquer trabalho para se manter no DUF. Segundo eles, o tempo que ficam sem trabalho é logo recuperado ao arrumarem um serviço, pelo fato da remuneração ser melhor em relação ao pago no Brasil, ainda conseguem enviar parte para seus familiares. Discurso ilusório quando comparadas às condições as quais tem que se submeter para gerir estes ganhos, devido ao custo de vida exigido na Guiana Francesa.

Quando se destacam os relatos desses trabalhadores, suas histórias convergem para situações-limite as quais eles têm de enfrentar para viver/trabalhar na Guiana Francesa. Seja quem decide ficar em Oiapoque, mas atravessa diariamente para trabalhar nas cidades do

DUF, como quem se dirige para os garimpos ilegais localizados em território francês, ou ainda para os que partem e se estabelecem nas cidades da Guiana Francesa, principalmente a capital, Cayenne. Como não entram nas estatísticas oficiais do Estado, quantificá-los torna-se uma missão quase impossível, até porque permanecem nesses locais praticamente “invisíveis”. Seu sentido de ser e existir no DUF é sustentado por pertencer a categoria de ilegais, o que aponta para um possível mercado guianense especializado em atrair esses brasileiros, mantê-los sob seu jugo e sustentar uma procura por trabalho maior do que a oferta, deixando para estes poucas ou nenhuma possibilidade de escolha.

De forma alguma, este trabalho esgota a questão complexa, que é a migração para a Guiana Francesa, a qual conduz a pontos diversos de análises, principalmente quanto à discussão que se conecta com outros interesses, relacionados à política de integração da região proposta pelos dois países, Brasil e França. Essa situação se mostra promissora, mas dependente de políticas públicas e cooperação intra-estatal, para que se consiga vislumbrar um desenvolvimento que leve em consideração a população que co-habita essa fronteira, suas interações e necessidades historicamente estabelecidas, por uma relação social de coexistência nesse território plural e polissêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAPÁ. **Proposta da OAB/ Amapá de inclusão nas questões fronteiriças durante o Primeiro Encontro Internacional Transfronteiriço**. Oiapoque, 2009.

\_\_\_\_\_. Governo do Estado. Centro Cultural Franco/ Amapaense. **Programação do Ano da França no Brasil**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/politica/3197627/centro-cultural-franco-amapaense-inaugura-nesta-quinta-feira-13>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Jornal da Fronteira**, Oiapoque, ano II, n. 16, set. 2006.

\_\_\_\_\_. **Associação de Moradores Vila Vitória do Oiapoque, CNPJ: 08.640.028/0001-03**. Oiapoque, 2006.

ANDRADE, Rosemary Ferreira de. **Malária e migração no Amapá**: projeção espacial num contexto de crescimento populacional. Belém: NAEA, 2005.

AROUCK, Ronaldo de Camargo. **Brasileiros na Guiana Francesa**: fronteiras e construções de alteridades. Belém: NAEA/UFPA, 2003.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 25-45, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

BICALHO, Maria Fernanda B. As fronteiras do saber e a colonização do Novo Mundo. In: GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Nas terras do Cabo Norte**: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Francesa; Século XVIII/XIX. Belém: UFPA, 1999. (p. 17-32).

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Atos Internacionais. **Acordo Quadro de Cooperação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa**. Decreto n. 2.200, de 8 de abril de 1997. Disponível em: <<http://www2.mre.gov/dai/francooperacao.htm>>. Acesso em: 8 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 2.200, de 8 de abril de 1997**. Promulga o Acordo-Quadro de Cooperação, celebrado entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa, em Paris, em 28 de maio de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1997/D2200.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1997/D2200.htm)>. Acesso em: 22 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Palavras do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, durante a Conferência de Imprensa em Paris.** Itamaraty, Sala de Imprensa. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2009/04/341179683145-visita-ao-brasil-do-presidente-da-franca-nicolas/?searchterm=acordos%20brasil%20e%20fran%C3%A7a>>. 22 jan. 2011, às 12h.

\_\_\_\_\_. **Diário do Senado Federal.** Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/asp/Diarios.asp>>. Acesso em: 15 jan. 2011, às 11h

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras:** seu controle ou o caos; o que os cidadãos brasileiros devem fazer para a humanização das cidades. São Paulo: Nobel, 1989. Coleção Cidade Aberta.

CANEJO, Mônica. PAIVA, Maurício. **Fronteira das Ilusões.** Revista Terra, Editora Peixes, 2005.

CARDOSO, Francinete do Socorro S. **Entre conflitos, negociações e representações: o Contestado Franco-Brasileiro na última década do século XIX.** Belém: UFPA, 2008.

CASTRO, Edna Maria R.; PINTO, Manoel de Jesus de S. **Oiapoque:** parte subjetiva e descritiva sobre o município. Belém: NAEA /UFPA, 2009. p.1-22. Relatório decorrente do Projeto de Pesquisa As políticas públicas na perspectiva da desigualdade. FINEP/FGV.

CASTRO, Maria Luiza de; PORTO, Jadson Luis R. Ponte Brasil-Guiana Francesa: os paradoxos da integração em um contexto multi-escalar. In: OIKOS - **Revista de Economia Heterodoxa**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 7, p.51-75, 2007, Disponível em: <<http://www.revistaoikos.org>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

CLEMENTE, Claudelir Correa. Entre visibilidade e invisibilidade: as redes de profissionais transnacionais. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.** Brasília, v. 17, n. 32, p. 145-163, 2009.

CONTE, Maria Irene de. **A ponte sobre o rio Oiapoque:** uma ponte “transoceânica” entre o Brasil e a França; o Mercosul e a União Européia? 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Filosofia Letras Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

IANNI, Octávio. **Teorias da globalização.** 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FONSECA, Jean Cláudio S. **A dinâmica territorial da fronteira Amapá – Guiana Francesa sob a influência da integração (1995 a 2007).** 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ifch/dmdocuments/dinamicaterritorialfronteiraamapa.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

FRANCE. **Recensement de la population:** populações legais em vigeur à compter du 1<sup>o</sup> janvier 2010. – Guyane: INSEE, decembre 2009.

\_\_\_\_\_. **Étrangers résidant en Guyane en 2006.** – Guyane: INSEE, 2006.

MARTINS, Carmentila das Chagas. **Relações bilaterais Brasil/França:** a nova perspectiva brasileira para a fronteira Amapá/Guiana Francesa no contexto global. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2008.

MARTINS, Rosiane Ferreira. **Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes.** 2010. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

NASCIMENTO, Oscarito Antunes do. **Implicações do contexto da zona de fronteira/BR-156/Ponte Binacional na configuração da paisagem urbana de Oiapoque.** 2009. Dissertação (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2009.

OLIVEIRA, Betiana de Souza; GUERRA, Marinete Anselmo A. **Oiapoque:** relações sociais e modo de vida na fronteira. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Coordenação do Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2007.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Oiapoque:** relações sociais e modo de vida na fronteira. In: Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia: Amazônia: mudanças e perspectiva para o século XXI, 2., 2010a, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2010.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Os impactos da construção da Ponte Binacional e suas implicações transfronteiriças.** In: Encontro Latino Americano Ciências Sociais e Barragens, 3., 2010b, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2010.

PIANTONI, Frédéric. **L'enjeu migratoire em Guyane française:** une géographie politique. Matoury /Guyane: Ibis Rouge, 2009.

PICOLI, Fiorelo. **O capital e a devastação da Amazônia.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PINTO, Manoel de Jesus de S. **O fetiche do emprego:** um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

POLICE, Gerard. **Eudorado:** le discours brésilien sur la Guyane Française. Matoury/Guyane: Ibis Rouge, 2010.

PORTO, Jadson Luís R.; SILVA, Gutemberg de Vilhena. Novos usos e (re)construções da condição fronteiriça amapaense. **Novos cadernos NAEA**, v. 12, n. 2, p. 253-267, dez. 2009.

REIS, Arthur César Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia Brasileira**. 2. ed. Belém: SECULT, 1993.

SANCHES, Régis. **Amapá – Guiana, aliança consolidada**. *Jornal Tribuna do Amapá*, Macapá, 17 ago. 2009, p. 59.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **Debates: Territorio y movimientos sociales**, ano 6, n. 16, p. 250-261, enero/abr. 2005.

SAYAD, Abdelmak. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio de Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Muracho. São Paulo: USP, 1998.

SILVA, José Guilherme C. **Oiapoque: uma parábola na floresta; Estado, integração e conflitos no extremo norte da Amazônia brasileira**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

SOARES, Ana Paulina Aguiar. **Travessia: análise de uma situação de passagem Oiapoque e Guiana Francesa**. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

TOSTES, José Alberto. **Políticas intervencionistas nas cidades amazônicas: no Amapá, a encruzilhada entre a necessidade e a obrigação**. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 12., 2007, Belém. **Anais...**, 2007.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair C. Pensando a noção de fronteira: um olhar a partir da ciência geográfica. In: DURBENS, Martins Nascimento (Org.). **Amazônia e defesa: dos fortes às novas conflitualidades**. Belém: NAEA/UFPA, 2010, p. 101-124.

## **APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com trabalhador brasileiro migrante**

1. De onde você veio? Por que veio? Como chegou na fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa?
2. Há quanto tempo reside na região?
3. Como foi a primeira travessia para o território francês?
4. Você já passou pela experiência da deportação?
5. Quando veio para a região pretendia trabalhar em cidades da Guiana Francesa ou ir para regiões de garimpo?
6. Qual a imagem dos Guianenses com relação aos brasileiros que vivem/trabalham na Guiana Francesa?
7. Sua vida melhorou depois que passou a residir/trabalhar na Guiana Francesa?
8. Qual a maior dificuldade que você encontrou ao chegar à Guiana Francesa?
9. Como é viver como imigrante clandestino na Guiana Francesa?

## **APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com garimpeiro brasileiro migrante**

1. Qual a sua origem?
2. Há quanto tempo reside na região?
3. Como foi a primeira travessia em direção aos garimpos da Guiana Francesa?
4. Como é o trabalho no garimpo?
5. Quem são os donos dos garimpos clandestinos?
6. Como é a forma de pagamento?
7. Qual a forma de pagamento?
8. Como são as condições de vida no garimpo, com relação á alimentação, habitação, saúde e etc?
9. Quais são os meios e condições de acesso aos garimpos?
10. Há quanto tempo trabalha com garimpagem?
11. O que pretende para seu futuro?
12. Que situação presenciada ou vivida no garimpo mais lhe impressionou?
13. Existem regras no garimpo? Quais são?
14. Qual a sua avaliação sobre o garimpo atualmente, com o cerco da policia francesa e brasileira sobre os garimpos ilegais?

**APÊNDICE C - Formulário para traçar o perfil do trabalhador brasileiro migrante.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**MESTRADO INTEGRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL – MINTEG**

<b>PERFIL DO TRABALHADOR</b>			
Entrevistador:	Critica:	Data:	Nº questionário:
<b>BLOCO DE IDENTIFICAÇÃO</b>			
Nome:			
Endereço:		Município:	UF:
<b>PERFIL DO ENTREVISTADO</b>			
Sexo: 1. M 2. F	Idade:	Estado de origem:	Cidade de origem:
O Sr. é alfabetizado? 1. SIM 2. NÃO			
Escolaridade: 1. Ensino fundamental 2. Ensino médio 3. Ensino superior 4. Pós-graduação			
Estado Civil: 1. Casado 2. Solteiro 3. Desquitado/divorciado 4. Viúvo 5. União estável			
Período de Migração: 1 - Até 1979 2- 1980 a 1984 3-1985 a 1989 4-1990 a 1994 5-1995 a 1999 6-2000 a 2004 7-2005 a 2009			
Onde reside o grupo familiar? 1. Amapá 2. Pará 3. Maranhão 4. Manaus 5. Piauí 6. Outros Qual?			
Motivos da Migração: 1. Trabalhar em algum garimpo da região 2. Passar para Guiana Francesa 3. Trabalhar por conta própria 4. Parentes morando na região ou Guiana Francesa 5. Trabalhar em Caiena na Construção Civil			
Você trabalha com carteira assinada? 1. Sim 2. Não			
Atividade/ocupação exercida: 1. Pedreiro 2. Carpinteiro/ Marceneiro 3. Pintor 4. Serviços domésticos 5. Garimpeiro 6. Do Lar 7. Garçon/Cozinheiro 8. Autônomo 9. Empresário 10. Catraieiro 11. Eletricista 12. Serviços gerais/Bico 13. Outros Qual?			
Qual a sua renda mensal?			
Qual foi a ultimo Estado em que trabalhou antes de vir para região? 1. Amapá 2. Pará 3. Maranhão 4. Manaus 5. Piauí 6. Outros Qual?			
Você trabalhava na mesma atividade antes de vir para região? 1. Sim 2. Não Qual?			